

Agatha
Christie

**O MISTÉRIO
SITTAFFORD**

L&PM POCKET



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Agatha Christie

O MISTÉRIO SITTAFORD

Tradução de CARLOS ANDRÉ MOREIRA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente**

condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

*Para M.E.M. [\[1\]](#)
Com quem discuti o enredo deste livro, para
escândalo daqueles à nossa volta.*

[\[1\]](#) Max Edgar Mallowan, (1904-1978), arqueólogo britânico renomado, especialista em Oriente Médio, e segundo marido de Agatha Christie, que com ele se casou em 1930. (N.T.)

CAPÍTULO 1

A mansão Sittaford

O major Burnaby calçou as galochas, abotoou o sobretudo até o pescoço, retirou uma lanterna da prateleira próxima à entrada e, com cuidado, abriu a porta da frente de seu pequeno bangalô, esticando a cabeça para fora.

A cena que seus olhos encontraram era típica da Inglaterra rural como representada em cartões de Natal e em melodramas à moda antiga. Havia neve por toda parte – montes altos de neve, e não uma mera camada de uma ou duas polegadas. A neve havia caído por todo país nos quatro últimos dias, mas ali, nas franjas de Dartmoor, havia se acumulado a grande altura. Por toda a Inglaterra, os proprietários gemiam por causa de canos estourados, e ter a amizade de um bombeiro hidráulico (ou mesmo da esposa de um) era a mais cobiçada das distinções.

Naquele vilarejo de Sittaford, que sempre fora distante do mundo e que agora estava quase completamente isolado, os rigores do inverno eram um problema bastante sério.

O major Burnaby, entretanto, era um espírito forte. Resfolegou duas vezes, grunhiu uma e se pôs em marcha, resolutamente, por entre a neve.

Não estava indo muito longe. Alguns passos ao longo da alameda sinuosa, depois um portão e daí em diante uma caminhada parcialmente limpa de neve até uma casa de granito de tamanho considerável.

A porta foi aberta por uma copeira de uniforme impecavelmente limpo. O major despiu o casaco, as galochas e o velho cachecol.

Uma porta foi aberta e ele a atravessou, adentrando em uma sala que transmitia uma ilusão de mudança de cenário.

Apesar de ser apenas três e meia da tarde, as cortinas haviam sido cerradas, as lâmpadas estavam acesas e um fogo intenso tremulava alegremente na lareira. Duas mulheres em vestidos de noite se levantaram para saudar o velho e robusto guerreiro.

– Magnífico de sua parte ter vindo, major Burnaby – disse a mais velha.

– De modo algum, sra. Willet, de modo algum. Foi muito gentil de sua parte me convidar – respondeu ele, apertando a mão de ambas.

– O sr. Garfield está vindo – prosseguiu a sra. Willet –, bem como o sr. Duke. E o sr. Rycroft *disse* que viria, mas... não se pode esperar por ele, naquela idade e com este tempo. É *realmente* horrível. A gente sente que precisa fazer alguma coisa para se manter alegre. Violet, ponha mais lenha na lareira.

O major se levantou, galante, para executar a tarefa.

– Permita-me, srta. Violet.

Pôs a acha com destreza no lugar certo e retornou para a poltrona que sua anfitriã havia lhe indicado. Tentando não deixar que percebessem, lançou um olhar disfarçado ao redor da sala. Era incrível o quanto duas mulheres podiam alterar por completo a personalidade de um aposento – e sem fazer nada que se pudesse apontar como especialmente notável.

A mansão Sittaford havia sido construída há dez anos por Joseph Trevelyan, capitão da marinha Real, por ocasião de sua passagem para a reserva. Era um homem de posses, e sempre acalentara o desejo de morar em Dartmoor. Havia edificado sua casa na minúscula aldeia de Sittaford, que não ficava em um vale, como a maioria das vilas e povoados, mas empoleirada nos ombros de um rochedo à sombra do farol de Sittaford. Comprara uma grande extensão de terra, construíra uma casa confortável com gerador próprio de energia elétrica e uma bomba elétrica para poupar o trabalho de tirar água do poço. E então erguera seis bangalôs menores para vender, cada qual em seu próprio acre quadrado de terreno ao longo de uma alameda.

O primeiro, localizado defronte aos portões da mansão, havia sido entregue ao velho amigo e camarada John Burnaby – os outros foram gradualmente vendidos para umas poucas pessoas que, por gosto ou necessidade, preferiam viver retiradas do mundo. A aldeia em si constituía-se de três cabanas pitorescas mas dilapidadas, uma ferraria e uma mistura de posto de correio com confeitaria. A cidade mais próxima era Exhampton, a cerca de dez quilômetros de distância, em uma descida tão íngreme que tornava necessárias as placas de “Motoristas, reduzam a velocidade”, bem frequentes nas estradas de Dartmoor.

O capitão Trevelyan, como já se disse, era um homem de posses. A despeito disso – talvez por causa disso –, tinha uma invulgar afeição pelo dinheiro. No fim de outubro, um corretor de imóveis de Exhampton escreveu-lhe perguntando se cogitava sair da mansão Sittaford. Um possível inquilino o havia consultado a respeito, desejando alugar a casa.

O primeiro impulso do capitão foi recusar, e o segundo foi pedir mais informações. O inquilino em questão revelou-se ser a sra. Willet, uma viúva com uma filha. Havia chegado recentemente da África do Sul e queria alugar uma casa em Dartmoor para o inverno.

– Para o diabo com isso, a mulher deve ser louca – disse o Capitão Trevelyan. – O que me diz, Burnaby? Não acha o mesmo?

Burnaby achava, e o disse de forma tão brutal quanto seu amigo:

– Em todo o caso, você não quer fazer o negócio. Deixe a idiota ir a algum outro lugar se deseja congelar. E vinda da África do Sul, ainda!

Mas nesse ponto a paixão do capitão Trevelyan por dinheiro já falava por si. Menos de uma vez em cem se tem a chance de alugar uma casa no auge do inverno. Ele perguntou o quanto a inquilina estaria disposta a pagar. Uma oferta de doze guinéus por semana encerrou o assunto. O capitão Trevelyan alugou uma pequena casa nas cercanias de Exhampton por dois guinéus[1] semanais e entregou a mansão de Sittaford para a sra. Willet, com a condição de que metade do aluguel fosse paga adiantada.

– Uma idiota e seu dinheiro não ficam juntos por muito tempo
– rosnou ele.

Mas, naquela tarde, ao examinar furtivamente a sra. Willett, Burnaby concluiu que ela não parecia uma idiota. Era uma mulher alta com modos um tanto simplórios, mas as feições de seu rosto estavam mais para astutas do que para tolas. Tinha a tendência de se vestir com espalhafato, um sotaque colonial bem identificável e parecia perfeitamente satisfeita com o negócio. Estava claro que era uma mulher abastada – o que de fato tornava a coisa toda mais estranha. Não era do tipo que alguém consideraria apaixonada pela solidão.

Como vizinha, havia se mostrado amigável de um modo quase embaraçoso. Choviam convites para a mansão Sittaford. O capitão Trevelyan era constantemente instado a “agir como se nunca tivesse alugado a casa”. Trevelyan, contudo, não confiava em mulheres – os rumores eram de que havia sido rejeitado por uma na juventude. Ignorou com persistência todos os convites.

Dois meses haviam se passado desde a mudança das Willett, e a curiosidade da época de sua chegada havia se dissipado.

Burnaby, silencioso por natureza, continuava a estudar sua anfitriã, esquecido de qualquer necessidade de manter a conversa. Ela gostava de se fazer de tonta, mas na verdade não o era – assim ele resumia a situação. Pousou os olhos em Violet Willett. Uma garota bonita – esquelada, é claro, todas eram, hoje em dia. O que havia de bom em uma mulher se ela não se parecia com uma? Os jornais diziam que as curvas estavam voltando à moda. Já não era sem tempo.

Percebeu que a anfitriã falava com ele.

– Temíamos que em um primeiro momento o senhor não pudesse vir – dizia a sra. Willett – Foi o que o senhor disse, lembra? Ficamos tão contentes quando disse que viria, apesar de tudo.

– É que hoje é sexta-feira – informou o major Burnaby, com um ar de quem está sendo muito claro.

A sra. Willett lançou-lhe um olhar confuso.

– Sexta-feira?

– Toda sexta-feira vou visitar Trevelyan. E nas terças ele vem me ver. Temos feito isso por anos.

– Entendo. Claro, vivendo tão próximos...

– Questão de hábito.

– Mas continuam fazendo isso? Quero dizer, mesmo agora que ele está morando em Exhampton?

– Seria uma pena interromper o costume – disse o major. – Ambos sentimos falta desses serões.

– O senhor vai pelos jogos, não vai? – perguntou Violet. – Acrósticos e palavras cruzadas, esse tipo de coisa.

Burnaby anuiu.

– Faço as palavras cruzadas. Trevelyan faz os acrósticos. E cada um de nós defende o próprio território. Ganhei três livros no mês passado em um campeonato de palavras cruzadas – ele disse, sem que ninguém houvesse perguntado.

– É mesmo? Que ótimo. Eram livros interessantes?

– Não sei. Não os li. Pareciam uma inutilidade.

– Ganhá-los é o que importa, não? – disse, vagamente, a sra. Willet.

– E como faz para chegar a Exhampton? – perguntou Violet. – O senhor não tem automóvel.

– Vou a pé.

– O quê? De verdade? Daqui até lá são dez quilômetros.

– Um bom exercício. O que são, afinal, vinte quilômetros? É um ótimo jeito de um homem se manter em forma.

– Imagine! Vinte quilômetros! Mas tanto o senhor quanto o capitão Trevelyan são grandes atletas, não?

– Costumávamos ir à Suíça juntos. Esquiar no inverno, escalar no verão. Trevelyan é formidável no gelo. Mas hoje estamos ambos muito velhos para esse tipo de coisa.

– O senhor venceu também o campeonato de tênis das forças armadas, não? – perguntou Violet.

O major corou como uma menina e murmurou:

– Quem lhe contou?

– O capitão Trevelyan.

– Joe devia aprender a segurar a língua – disse Burnaby. – Ele fala demais. Como está o tempo agora?

Respeitando o embaraço do visitante, Violet o seguiu até a janela. Afastaram a cortina e observaram o cenário desolado do lado de fora.

– Vai cair mais neve – comentou Burnaby. – Uma nevasca bem pesada, devo dizer.

– Que emocionante! – emendou Violet. – Acho a neve tão romântica. Nunca a havia visto antes.

– Não é romântica quando os canos congelam, criança tola – disse a mãe.

– Viveu a vida toda na África do Sul, srta. Willett? – perguntou o major.

Um pouco do entusiasmo da garota murchou. Parecia quase constrangida ao responder:

– Sim... Esta é a primeira vez que saio de lá. É tudo muito assustador, mas emocionante.

Emocionante ser trancada dessa forma em uma aldeia remota e deserta? Eram ideias estranhas. Ele não conseguia entender aquela gente.

A porta se abriu, e a criada anunciou:

– Os senhores Rycroft e Garfield.

Na sequência, entraram na sala um velho pequeno e enxuto e um rapaz corado e de aspecto juvenil, que foi o primeiro a falar.

– Eu o trouxe, sra. Willett. Disse que não iria deixá-lo ser enterrado em algum monte de neve. Tudo aqui parece simplesmente maravilhoso. Lenha de Natal na lareira.

– Como meu jovem amigo já mencionou, ele gentilmente me conduziu até aqui – disse o sr. Rycroft enquanto apertava a mão da anfitriã com alguma cerimônia. – Como vai, srta. Violet? Um clima bem típico da estação... Temo que talvez típico demais.

Enquanto o velho se dirigia até a lareira conversando com a sra. Willett, Ronald Garfield achegou-se até Violet.

– Escute, não podemos sair para patinar em algum lugar? Não há nenhum lago aqui por perto?

– Achava que cavar neve era seu único esporte.

- Fiz isso a manhã toda.
- Oh, que Hércules.
- Não ria de mim. Minhas mãos estão cheias de bolhas.
- Como vai sua tia?
- Ah, igual a sempre... Às vezes diz que está melhor, às vezes diz que está pior, mas acho que na verdade está do mesmo jeito. Uma vida hedionda, a senhorita entende. A cada ano, me pergunto como aguento... Mas aqui estou, correndo em volta da gralha velha até o Natal... Porque ela é bem capaz de deixar seu dinheiro para um abrigo de gatos. Tem cinco gatos. Estou sempre afagando os demônios e fingindo que sou apaixonado por eles.
- Gosto mais de cachorros do que de gatos.
- Eu também. Toda a vida. Quer dizer, um cachorro é... bem, um cachorro é um cachorro, a senhorita sabe.
- Sua tia sempre gostou de gatos?
- Acho que é uma daquelas coisas que as senhoras velhas terminam por fazer. Ugh! Odeio aqueles bichos.
- Sua tia é muito gentil, mas um tanto assustadora.
- Eu é que deveria achá-la assustadora. Vive me dando cascudos. Ela pensa que eu não tenho miolos.
- E tem?
- Ora, escute aqui, não diga mais isso. Muitos sujeitos parecem uns imbecis enquanto, no íntimo, riem.
- O sr. Duke – anunciou a copeira.

O sr. Duke era um recém-chegado. Havia comprado em setembro o último dos seis bangalôs. Um homem grande, silencioso e muito dedicado à jardinagem. O sr. Rycroft, que era um entusiasta de pássaros e vivia na cabana ao lado da dele, vinha estudando-o e era o porta-voz da opinião geral de que o sr. Duke era, claro, um homem muito gentil, um tanto modesto, mas, no fim, bastante... Bem, bastante o quê? Ele não poderia ser, talvez, um comerciante aposentado?

Mas ninguém gostaria de lhe perguntar... E de fato achavam melhor nem saber. Se alguém soubesse, poderia ser alguma coisa desagradável, e em uma comunidade tão pequena era melhor manter boas relações com todos.

– Não vai caminhar a Exhampton com esse tempo? – perguntou ao major Burnaby.

– Não. Imagino que Trevelyan dificilmente esteja à minha espera hoje.

– Que desagradável, não? – disse a sra. Willett com um arrepio. – Ficar enterrado aqui em cima, ano após ano... Deve ser terrível.

O sr. Duke lançou-lhe um rápido olhar. O major Burnaby também encarou-a com curiosidade.

Bem naquele momento o chá foi servido.

[1] Ou 2,10 libras. (N.T.)

CAPÍTULO 2

A mensagem

Depois do chá, a sra. Willett sugeriu uma partida de bridge.

– Somos seis. Dois podem ficar de fora na primeira rodada.

Os olhos de Ronnie brilharam enquanto ele sugeria:

– Vocês quatro começam. A srta. Willett e eu esperamos.

Mas o sr. Duke disse que não sabia jogar bridge. O rosto de Ronnie desabou.

– Podíamos tentar outro jogo – disse a srta. Willett.

– Ou mesa-girante – sugeriu Ronnie. – Está uma noite fantasmagórica. Falávamos disso ainda outro dia, a senhora lembra? E o sr. Rycroft e eu conversávamos a respeito do mesmo assunto esta noite enquanto vínhamos para cá.

– Sou membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas – explicou o sr. Rycroft, com seu jeito preciso –, e consegui esclarecer meu jovem amigo sobre um ou dois pontos.

– Baboseira – disse o major Burnaby, de modo bem distinto.

– Ah, mas será muito divertido, não acha? – disse Violet Willett. – Quero dizer, não é que alguém acredite nisso ou algo do gênero. É apenas uma distração. O que diz, sr. Duke?

– O que a senhorita desejar.

– Temos de desligar as luzes e achar uma mesa apropriada. Não, essa não, mamãe, tenho certeza de que é muito pesada.

As coisas foram por fim ajustadas de modo a satisfazer a todos. Uma mesinha circular com tampo polido foi trazida de uma sala adjacente e colocada defronte à lareira, e todos se sentaram em volta dela, com as luzes apagadas.

O major Burnaby ficou entre sua anfitriã e Violet. Ao lado da garota, sentou-se Ronnie Garfield. Um sorriso cínico enrugava os lábios do major enquanto ele pensava consigo mesmo: "No tempo em que eu era jovem jogava-se 'passa-anel'." Ele tentou recordar o nome de uma garota de basta cabeleira cuja mão segurara por debaixo da mesa por um período considerável. Aquilo havia sido há muito tempo. Mas "passa-anel" era um bom jogo.

Seguiram-se os costumeiros risos, sussurros, lugares-comuns:

- Os espíritos precisam de tempo.
- O caminho é longo.
- Silêncio... Nada vai acontecer até que levemos a sério.
- Fiquem quietos... Todos.
- Não está acontecendo nada.
- É claro que não... Nunca acontece de primeira.
- Se ao menos todos calassem a boca.

Finalmente, após algum tempo, o murmúrio das conversas cessou.

Fez-se silêncio.

– Esta mesa está morta como um pedaço de presunto – resmungou Ronnie Garfield, incomodado.

– Silêncio.

Um tremor percorreu a superfície polida. A mesa começou a balançar.

– Façam perguntas. Quem deve perguntar? Você, Ronnie.

– Ahn... Digo... Perguntar o quê?

– Se um espírito está presente – soprou Violet.

– Olá... Há um espírito presente?

Uma sacudida súbita.

– Isso significa "sim" – disse Violet.

– Oh! Ahn... Quem é você?

Não houve resposta.

– Peça que soletre seu nome.

A mesa começou a balançar violentamente,

– A, B, C, D, E, F, G, H, I... Quer dizer, estamos no I ou no J?

– Pergunte. Isso foi um I?

Uma sacudida.

– Sim. A próxima letra, por favor.

O nome do espírito era Ida.

– Tem uma mensagem para alguém nesta mesa?

“Sim”.

– Para quem? Srta. Willett?

“Não.”

– Sra. Willett?

“Não.”

– Sr. Rycroft?

“Não.”

– Para mim?

“Sim.”

– É para você, Ronnie. Prossiga. Faça-a contar tudo.

A mesa soletrou “Diana”.

– Quem é Diana? Conhece alguém chamada Diana?

– Não, não conheço. A não ser...

– Aí está. Ele conhece.

– Pergunte se ela é viúva.

A diversão continuou. O sr. Rycroft sorria com indulgência. Os jovens precisam ter suas distrações. Durante um súbito oscilar das chamas na lareira, pôde ver o rosto de sua anfitriã. Parecia preocupada e distraída. Tinha os pensamentos longe dali.

O major Burnaby pensava na neve. Nevaria outra vez naquela noite. O inverno mais rigoroso de que ele conseguia se lembrar.

O sr. Duke estava levando o jogo muito a sério. Os espíritos, contudo, prestaram muito pouca atenção nele. Todas as mensagens pareciam ser para Violet ou Ronnie.

Foi dito a Violet que ela iria à Itália. Acompanhada. Mas não por uma mulher, e sim por um homem. Seu nome era Leonard.

Mais risadas. A mesa soletrou o nome da cidade. Um ajuntamento de letras que parecia russo – nem de longe italiano.

Foram levantadas as costumeiras acusações.

– Tome jeito, Violet – o tratamento “srta. Willett” já havia sido abandonado –, você está empurrando a mesa.

– Não estou. Olhe, eu levanto minhas mãos e ela balança do mesmo jeito.

– Gostaria que fossem batidas. Vou pedir ao espírito que dê umas pancadas na mesa. Fortes.

– Deveriam ser batidas – Ronnie virou-se para o sr. Rycroft. – Não deveriam ser umas batidas, senhor?

– Sob as presentes circunstâncias, seria difícil ouvi-las – disse o sr. Rycroft secamente.

Houve uma pausa. A mesa ficou inerte e não deu mais resposta às perguntas.

– Ida foi embora?

Houve um tremor lânguido.

– Mais algum espírito virá?

Nada. Súbito, a mesa começou a tremer e a chacoalhar violentamente.

– Arrá! Você é um novo espírito?

“Sim.”

– Tem uma mensagem para alguém?

“Sim.”

– Para mim?

“Não.”

– Para Violet?

“Não.”

– Para o major Burnaby?

“Sim.”

– É para o senhor, major Burnaby. Pode nos passar a mensagem, por favor?

A mesa começou a sacudir, devagar.

– T, R, E, V... tem certeza de que é “V”? Não pode ser. T R E V... Não faz sentido.

– É Trevelyan, é claro – disse a sra. Willett. – Capitão Trevelyan.

– Está se referindo ao capitão Trevelyan?

“Sim.”

– Tem uma mensagem para ele?

“Não.”

– Bem, então o que é?

A mesa começou a sacudir... lenta e ritmada. Tão devagar que era fácil contar as letras.

“M...” – uma pausa – “O... R T...O.”

– Morto.

– Alguém está morto?

Em vez de sim ou não, a mesa começou a sacudir de novo até alcançar a letra T.

– T... refere-se a Trevelyan?

“Sim.”

– Está dizendo que Trevelyan está morto?

Houve uma sacudida bastante nítida: “Sim”.

Alguém arfou. Fez-se um alvoroço ao redor da mesa.

Quando Ronnie retomou as perguntas, havia uma nota diferente em sua voz. Uma nota apreensiva e desconfortável.

– Você diz... que o capitão Trevelyan está morto?

“Sim.”

Fez-se uma pausa. Era como se ninguém fizesse ideia do que perguntar a seguir ou como lidar com aquele desenrolar inesperado.

E, nesse intervalo, a mesa começou a sacudir outra vez.

Rítmica e vagarosamente, Ronnie decifrou as letras em voz alta...

A-S-S-A-S-S-I-N-A-T-O...

A senhora Willett deu um grito e tirou as mãos da mesa.

– Não vou continuar com isto. É horrível e eu não gosto.

A voz do sr. Duke ergueu-se, forte e clara. Estava interrogando a mesa.

– Você quer dizer... que o capitão Trevelyan foi assassinado?

A última palavra mal havia saído de seus lábios quando a resposta veio. A mesa sacudiu tão violenta e assertivamente que quase desabou. E houve uma única pancada.

“Sim...”

– Olhe aqui – disse Ronnie, tirando as mãos da mesa –, isso é o que eu chamo de uma piada de mau gosto.

Sua voz tremia.

– Acendam as lâmpadas – pediu o sr. Rycroft.

O major Burnaby se levantou e ligou as luzes. A claridade súbita revelou um grupo de rostos pálidos e desconfortáveis.

Olhavam uns para os outros. Ninguém sabia bem o que dizer.

– Nojento – exclamou Ronnie, com um sorriso inquieto.

– Um ridículo absurdo – disse a sra. Willett. – Ninguém deveria... fazer tais brincadeiras.

– Não sobre pessoas morrendo – emendou Violet. – É tão... Ah! Eu não gosto.

– Eu não estava empurrando – disse Ronnie, sentindo a crítica velada lançada contra ele. – Juro que não.

– Posso dizer o mesmo – manifestou-se o sr. Duke. – E quanto ao senhor Rycroft?

– Certamente que não – disse o sr. Rycroft acaloradamente.

– Vocês não acham que eu faria uma brincadeira desse tipo, acham? – rosnou o major Burnaby. – Uma piada nojenta e de mau gosto.

– Violet, querida...

– Não fui eu, mamãe. De verdade que não. Não faria tal coisa. A garota estava quase às lágrimas.

Todos estavam embaraçados. Um peso súbito havia descido sobre a alegre reunião.

O major Burnaby arrastou sua cadeira, foi até a janela e abriu a cortina. Permaneceu ali, olhando para fora e de costas para a sala.

– São 17h25 – disse o sr. Rycroft, após um olhar de relance para o relógio. Comparou-o com seu próprio relógio e todos sentiram que a ação era de algum modo significativa.

– Deixe-me ver – disse a sra. Willett com alegria forçada. – Acho que é melhor bebermos alguns coquetéis. Poderia, por gentileza, tocar a sineta, sr. Garfield?

Ronnie obedeceu.

As garrafas foram trazidas, e Ronnie foi indicado como barman. A situação ficou um pouco mais calma.

– Bem – disse Ronnie erguendo seu copo –, um brinde.

Os outros responderam... Todos menos a figura silenciosa à janela.

– Major Burnaby, aqui está sua bebida.
O major se ergueu de um pulo e se virou devagar.

– Obrigado, sra. Willett, mas eu passo – Olhou uma vez mais para a noite lá fora, e depois voltou lentamente até o grupo na lareira. – Muito obrigado pela reunião tão agradável. Boa noite.

– Não está indo, está, major?

– Receio que eu deva me retirar.

– Não tão rápido. E com um tempo destes...

– Desculpe, sra. Willett... Mas é o que tem de ser feito. Se ao menos houvesse por aqui um telefone.

– Um telefone?

– Sim... Para dizer a verdade, eu... bem, eu gostaria de ter certeza de que está tudo bem com Joe Trevelyan. É uma superstição boba, e tudo o mais... Naturalmente, eu não creio nessa papagaiada, mas...

– Mas o senhor não vai conseguir telefonar de lugar nenhum. Não há um único aparelho em Sittaford.

– Precisamente. Como não posso telefonar, preciso ir até lá.

– Ir até lá? Mas o senhor não conseguiria um veículo! Elmer não tiraria seu carro da garagem em uma noite como esta.

Elmer era o proprietário do único automóvel do lugar, um velho Ford, alugado a bom preço para os que desejassem ir até Exhampton.

– Não, não, o carro está fora de cogitação. Minhas pernas me levarão até lá, sra. Willett.

Houve um coro de protestos.

– Ah, major Burnaby, é impossível! O senhor mesmo disse que vai nevar.

– Não antes de uma hora, talvez mais. Eu chegarei lá, não tema.

– O senhor não pode. Não vamos permitir isso.
Ela estava seriamente inquieta e preocupada.

Mas rogos e argumentos tiveram sobre o major Burnaby o mesmo efeito que teriam em uma pedra. Era um homem obstinado. Uma vez que houvesse tomado uma decisão, poder algum sobre a terra poderia demovê-lo.

Estava determinado a caminhar até Exhampton e ver com seus próprios olhos se tudo corria bem com seu velho amigo, e repetiu essa simples declaração meia dúzia de vezes. No fim, todos foram convencidos a aceitar sua decisão.

– Darei só uma passada em casa para buscar um cantil – disse, alegremente – e depois seguirei direto. Trevelyan vai me hospedar por esta noite depois que eu chegar lá. É um exagero ridículo, eu sei. É certo que está tudo bem. Não se preocupe, sra. Willett. Com ou sem neve, chegarei lá em um par de horas. Boa noite.

Ele vestiu o sobretudo, acendeu a lanterna e saiu noite adentro.

Depois que ele se afastou a passos largos, os outros voltaram para a lareira.

Rycroft examinou o céu com um olhar e murmurou para o sr. Duke:

– É certo que *vai* nevar. E vai começar bem antes de ele chegar a Exhampton. Eu... espero que ele consiga.

Duke fechou o rosto em uma carranca.

– Eu sei. Sinto que devia ter ido com ele. Um de nós deveria ter ido.

– Que horrível – dizia a sra. Willett –, que horrível. Violet, não quero que esse jogo estúpido seja realizado outra vez. Pobre major Burnaby, provavelmente vai acabar enterrado na neve – ou vai morrer exposto ao frio. Ainda mais naquela idade. Foi muito tolo da parte dele sair daquele jeito. É claro que o capitão Trevelyan está perfeitamente bem.

Os outros fizeram eco.

– É claro.

Mas mesmo assim não se sentiam muito confortáveis, na verdade.

E se alguma coisa tivesse acontecido ao capitão Trevelyan?

E se...

CAPÍTULO 3

Cinco e vinte e cinco

Duas horas e meia mais tarde, logo antes das oito da noite, o major Burnaby, lanterna em punho, cabeça inclinada para frente a fim de não receber no rosto as rajadas ofuscantes da neve, cambaleou pela trilha que levava à porta de Hazelmoor, a pequena casa alugada pelo capitão Trevelyan.

A neve havia começado a cair cerca de uma hora antes – grandes e pesados flocos. O major estava ofegante, emitindo os ruidosos suspiros e arquejos de um homem completamente exausto. Estava dormente de frio. Bateu os pés, soprou, bufou, inspirou fundo e apertou com um dedo entorpecido o botão da campainha, que ressoou estridente.

Burnaby esperou.

Depois de alguns minutos, como nada acontecia, apertou de novo.

Outra vez não houve resposta.

Burnaby tocou uma terceira vez, mantendo o dedo no botão. A campainha soou por um bom tempo – mas ainda assim não se ouviu sinal de vida na casa.

Havia uma aldrava na porta. Burnaby apanhou-a e bateu-a com vigor, produzindo um barulho semelhante ao de um trovão.

E ainda assim a casinha permaneceu em um silêncio de morte.

O major desistiu. Ficou por um momento parado, perplexo... Lentamente retomou a trilha até sair do portão e seguir adiante na estrada pela qual havia vindo até Exhampton. Mais cem jardas o levaram até o posto de polícia.

Hesitou outra vez, até que se decidiu e entrou.

O guarda Graves, que conhecia bem o major, ergueu-se surpreso.

– Meu senhor, nunca imaginei que sairia de casa em uma noite como esta.

– Escute aqui – disse Burnaby, sem rodeios. – Bati e toquei na casa do capitão e não obtive nenhuma resposta.

– O quê? Ah, claro, é sexta-feira – disse Graves, que estava a par dos hábitos dos dois. – Mas não vá me dizer que o senhor veio de lá de Sittaford com um tempo desses! Certamente o capitão nunca o esperaria.

– Quer ele me esperasse, quer não, eu vim – disse Burnaby impaciente. – E conforme estou dizendo, não o encontrei. Bati e toquei a campainha e ninguém atendeu.

Algo da inquietação do major pareceu se transferir para o policial, que franziu o cenho e disse:

– Isso é estranho.

– É claro que é estranho.

– Não é muito provável que ele esteja fora... em uma noite dessas.

– Certamente não é provável.

– Isso é *mesmo* estranho – disse Graves outra vez.

Burnaby demonstrou impaciência com a lentidão do homem:

– Não vai fazer alguma coisa? – perguntou, ríspido.

– Fazer alguma coisa?

– Sim, alguma coisa.

O policial ruminou:

– Acha que ele pode estar mal de saúde? – A face do homem se iluminou: – Vou tentar falar com ele pelo telefone.

O aparelho estava próximo ao cotovelo do policial. Ele esticou a mão e discou o número, mas, como já havia acontecido com a campainha da porta, o capitão Trevelyan não atendeu.

– Parece que ele está *mesmo* doente – disse Graves enquanto recolocava o fone no gancho. – E, além do mais, sozinho naquela casa. É melhor buscar o dr. Warren e levá-lo conosco.

A casa do dr. Warren ficava quase ao lado do posto policial. O médico recém havia sentado à mesa para jantar com a esposa e

não ficou muito contente com a convocação. Entretanto, a contragosto, concordou em acompanhá-los, vestindo um velho casaco, calçando um par de botas e enrolando no pescoço um cachecol de tricô.

A neve ainda caía.

– Que noite detestável – murmurou o doutor. – Espero que os senhores não tenham me tirado de casa por um alarme falso. Trevelyan é forte como um cavalo. Nunca houve nada de grave com ele.

Burnaby não respondeu.

Chegando até Hazelmoor, de novo tocaram a campainha e bateram na porta, mas não obtiveram resposta.

O doutor sugeriu que circundassem a casa até uma das janelas dos fundos.

– São mais fáceis de arrombar do que a porta.

Graves concordou. Deram a volta. No caminho, tentaram abrir uma porta lateral, mas também estava trancada. Afinal chegaram ao gramado coberto de neve que levava até as janelas dos fundos. De repente, Warren proferiu uma exclamação:

– A janela do escritório... Está aberta!

Era verdade. A janela, de batentes, encontrava-se entreaberta. Apressaram o passo. Em uma noite como aquela, ninguém em seu juízo perfeito abriria uma janela. Uma luz acesa na sala escorria do aposento na forma de uma fina linha amarela.

Os três homens chegaram ao mesmo tempo na janela – Burnaby foi o primeiro a entrar, com o policial em seus calcanhares.

Ambos estacaram do lado de dentro, e algo como um grito abafado escapou dos lábios do ex-soldado. Em instantes Warren estava ao lado deles e pôde enxergar o que haviam visto.

O capitão Trevelyan jazia de bruços no chão, os braços bem abertos. A sala estava em desordem – gavetas arrancadas da escrivaninha, papéis jogados sobre o piso. A janela estava lascada na parte em que havia sido forçada, próximo à tranca. Ao lado do capitão jazia um cilindro de feltro verde escuro, com aproximadamente duas polegadas de diâmetro.

Warren adiantou-se e ajoelhou-se ao lado da figura prostrada.

Um minuto foi tempo suficiente para ele se levantar outra vez, o rosto pálido.

– Ele está morto? – perguntou Burnaby.

O doutor assentiu. Depois, virou-se para Graves.

– Cabe ao senhor dizer o que deve ser feito. Não posso fazer nada exceto examinar o corpo, e talvez prefira que eu não o faça até que chegue o inspetor. Posso dizer-lhes agora a causa da morte. Fratura na base do crânio. E acho que consigo adivinhar a arma.

Ele indicou o cilindro de feltro verde, cheio de areia.

– Trevelyan sempre o mantinha junto à parte de baixo da porta... para barrar correntes de ar – disse Burnaby.

Sua voz estava rouca.

– Sim... Um tipo de porrete muito eficiente.

– Meu Deus!

– Mas isto... – o guarda se interrompeu, seu juízo formando-se lentamente – quer dizer... isto é assassinato.

O policial caminhou até a mesa na qual havia um telefone.

Burnaby se aproximou do médico e perguntou, respirando com dificuldade:

– Tem alguma ideia de há quanto tempo ele está morto?

– Há cerca de duas horas, eu diria, possivelmente três. É uma estimativa apressada.

Burnaby passou a língua sobre os lábios secos.

– Diria – perguntou – que ele pode ter sido morto às 17h25?

O doutor olhou-o curioso.

– Se tivesse que fixar uma hora em definitivo, seria em torno desse horário.

– Ah, meu Deus – disse Burnaby.

Warren o encarou.

O major abriu caminho às cegas até uma cadeira, deixou-se cair nela e murmurou para si mesmo, enquanto uma espécie de terror espalhava-se por sua face.

– “São 17h25...” Oh, meu Deus, então *era* verdade no fim das contas.

CAPÍTULO 4

Inspetor Narracott

Na manhã seguinte à tragédia, dois homens estavam em pé no pequeno escritório de Hazelmoor.

O inspetor Narracott olhou em volta. Uma ruga surgiu em sua frente.

– Si-iim – disse, pensativo. – Si-iim.

Narracott era um policial muito eficiente. Tinha uma persistência tranquila, uma mente lógica e uma atenção aguda para os detalhes, o que havia lhe trazido sucesso onde muitos outros homens poderiam ter falhado.

Era um homem alto, com maneiras calmas, olhos cinzentos um tanto afastados e uma voz suave com sotaque de Devonshire.

Chamado em Exeter para se encarregar do caso, havia chegado no primeiro trem da manhã. As estradas estavam intransitáveis para automóveis, mesmo aqueles com correntes nos pneus, caso contrário ele teria vindo na noite anterior. Estava em pé no escritório do capitão Trevelyan, e havia acabado de completar seu exame do aposento. Com ele, estava o sargento Pollock, da polícia de Exhampton.

– Si-iim – repetiu o inspetor Narracott.

Um raio da pálida claridade de inverno atravessou a janela. Lá fora, via-se a paisagem nevada. A aproximadamente dez metros da janela, havia uma cerca, e depois dela começava a íngreme subida da colina coberta de neve.

Narracott curvou-se mais uma vez sobre o cadáver que havia sido deixado intacto para sua inspeção. Ele próprio um homem atlético, reconheceu no corpo a mesma compleição: ombros largos,

flancos estreitos e musculatura desenvolvida. A cabeça era pequena e bem-posicionada sobre os ombros, e a barba em ponta havia sido cuidadosamente aparada. A idade do capitão Trevelyan, havia apurado, era sessenta anos, mas ele parecia não ter mais do que cinquenta.

– Ah! – disse o sargento Pollock.

O inspetor voltou-se para ele.

– O que acha disso?

– Bem... – o sargento Pollock coçou a cabeça. Era um homem cauteloso, relutante em avançar além do necessário. – Pelo que vejo, senhor, diria que o homem veio até a janela, forçou a tranca e invadiu o aposento. Suponho que o capitão Trevelyan estivesse no andar superior. Sem dúvida o assaltante pensou que a casa estivesse vazia...

– Onde fica a cama do capitão?

– Lá em cima, senhor, sobre esta mesma sala.

– Nesta época do ano, escurece às quatro da tarde. Se o capitão Trevelyan estivesse lá em cima, em seu quarto, a luz elétrica estaria ligada, e o ladrão a teria visto quando se aproximava da janela.

– O senhor quer dizer que ele deve ter esperado?

– Nenhum homem de juízo invadiria uma casa com a luz acesa. Se alguém arrombou esta janela, o fez porque pensou que a casa estivesse vazia.

O sargento Pollock coçou a cabeça.

– Parece um tanto estranho, admito. Mas deve ter sido assim.

– Vamos deixar isso passar por enquanto. Continue.

– Bom, suponho que o capitão tenha ouvido um barulho no térreo. Ele desce para investigar. O ladrão o ouve chegando, apanha aquele cilindro, esconde-se atrás da porta e, quando o capitão entra na sala, golpeia-o pelas costas.

O inspetor Narracott anuiu.

– Sim, é verdade. Ele foi golpeado quando estava de frente para a janela. Mas de qualquer jeito, Pollock, não gosto dessa hipótese.

– Não, senhor?

– Não. Como eu disse, não acredito em casas invadidas às cinco da tarde.

– Bem... Ele pode ter achado que era uma boa oportunidade...

– Não é uma questão de oportunidade... Esgueirar-se para dentro porque encontrou uma janela destrancada. Foi um arrombamento deliberado... Olhe essa confusão toda. O que um ladrão procuraria primeiro? O armário, onde se guarda a prataria.

– É verdade – admitiu o sargento.

– E esta bagunça... Este caos – continuou Narracott –, estas gavetas reviradas, o conteúdo espalhado. Ora! É um embuste.

– Embuste?

– Olhe para a janela, sargento. *Aquela janela não foi trancada e arrombada!* Foi simplesmente fechada e depois quebrada pelo lado de fora para dar a aparência de ter sido arrombada.

Pollock examinou de perto a tranca da janela, soltando uma exclamação enquanto o fazia.

– O senhor está certo – disse, com respeito na voz. – Pensou nisso agora?

– Alguém quis lançar poeira nos nossos olhos, mas não teve sucesso.

O sargento Pollock sentiu-se grato pelo “nossos”. Era em tais pequenas coisas que Narracott cativava seus subordinados.

– Então não foi um arrombamento. Quer dizer, senhor, que foi alguém admitido na casa?

O inspetor anuiu.

– Sim. A única coisa curiosa, contudo, é que eu acho que o assassino realmente entrou pela janela. Conforme você e Graves relataram, e pelo que eu posso ver com meus próprios olhos, ainda há rastros úmidos visíveis da neve que derreteu e foi pisoteada pelas botas do assassino. Esses rastros estão apenas nesta sala. O policial Graves estava bastante seguro de que não havia nada do tipo no salão de entrada quando ele e o Dr. Warren foram até lá. Neste aposento, ele os percebeu de imediato. Parece bem claro que Trevelyan permitiu que o assassino entrasse através da janela. Por isso, devia ser alguém que o capitão conhecia. O senhor é da

cidade, sargento. Sabe me dizer se o capitão Trevelyan era homem de fazer inimigos com facilidade?

– Não, senhor, devo dizer que ele não tinha inimigo algum. Era um pouco sovina, e um tanto marcial... Não tolerava o menor relaxamento nas normas de cortesia, mas palavra, senhor, era respeitado por isso.

– Nenhum inimigo – disse Narracott pensativo.

– Não por aqui, quero dizer.

– É bem verdade... Não sabemos que inimigos ele pode ter feito durante sua carreira na marinha. Pela minha experiência, sargento, um homem que fez inimigos em algum lugar os fará em outro, mas concordo que não podemos pôr inteiramente de lado essa possibilidade. Chegamos, pela lógica, ao motivo seguinte, o mais comum para qualquer crime: ganância. O capitão Trevelyan, pelo que entendi, era um homem rico.

– De fato, abastado por qualquer critério. Mas mão-fechada. Era uma pessoa difícil para se pedir uma contribuição.

– Ah! – exclamou Narracott.

– É uma pena que tenha nevado tanto – disse o sargento. – Porém, por causa da neve temos estas pegadas para investigar.

– Não havia mais ninguém na casa? – perguntou o inspetor.

– Não. Nos últimos cinco anos o capitão tinha apenas um criado, um camarada da marinha aposentado. Lá em cima, em Sittaford, havia uma diarista, mas era esse homem, Evans, quem cozinhava e cuidava de seu patrão. Há cerca de um mês ele se casou, para desagrado do capitão. Creio que foi essa uma das razões pelas quais ele deixou Sittaford para aquela dama sul-africana. Ele não aceitaria uma mulher na casa. Evans vive com a esposa a cerca de um quarteirão daqui, em Fore Street, e vem diariamente para cuidar do serviço. Ele está aqui agora para ser ouvido pelo senhor. No seu depoimento, declarou que saiu desta casa ontem às duas e meia da tarde, quando o capitão não precisava de mais nada dele.

– Sim, eu vou querer falar com ele. Pode nos contar alguma coisa útil.

O sargento Pollock olhou para seu superior com curiosidade. Havia algo de muito estranho no tom de voz do inspetor.

– Acha... – ele começou.

– Acho – interrompeu Narracott, decidido – que há mais neste caso do que a vista alcança.

– Em que sentido, senhor?

O inspetor não se deixou levar.

– Você disse que esse homem, Evans, está aqui agora?

– Está esperando na sala de jantar.

– Ótimo. Eu o verei imediatamente. Que tipo de sujeito ele é?

O sargento Pollock era melhor em relatar fatos do que em fazer descrições acuradas.

– É marinheiro da reserva. Um osso duro, devo dizer.

– Bebe?

– Que eu saiba, nunca foi dos piores nessa área.

– E o que me diz dessa tal esposa? Teria alguma relação com o capitão ou algo do tipo?

– Oh! Não, senhor, nada disso. Não fazia o gênero do capitão Trevelyan, no fim das contas. Ele era conhecido por desprezar as mulheres.

– E Evans era considerado dedicado ao patrão?

– É o conceito geral, senhor, e acho que eu saberia se assim não fosse. Exhampton é pequena.

O inspetor Narracott assentiu e disse:

– Bem, não há nada mais para ver aqui. Vou interrogar Evans, dar uma olhada no resto da casa e depois subir até o Three Crowns para falar com esse major Burnaby. Aquele comentário dele a respeito da hora foi curioso. Cinco e vinte e cinco, então? Ele deve saber alguma coisa que não nos contou, senão como sugeriria com tanta precisão um horário para o crime?

Os dois homens seguiram pela porta.

– É um negócio esquisito – disse o sargento Pollock, o olhar errante sobre a bagunça no assoalho. – Todo este falso arrombamento!

– Não é isso que me intriga – disse Narracott. – Diante das circunstâncias, provavelmente era a coisa mais natural a fazer.

Não... o que me intriga é a janela.

– A janela, senhor?

– Sim. Por que o assassino teve de ir até a janela? Admitindo que fosse alguém que Trevelyan conhecia e que convidaria a entrar sem fazer perguntas, por que não usou a porta da frente? Circundar a casa até aquela janela vindo da estrada em uma noite como a de ontem teria sido um procedimento árduo e desagradável, com aquela nevasca abundante. Logo, deve ter havido uma razão.

– Talvez – sugeriu Pollock – a pessoa não quisesse ser vista saindo da estrada em direção à casa.

– Não haveria muita gente na tarde de ontem para ver. Ninguém que pudesse ajudar estava fora de casa. Não... Há alguma outra razão. Bem, talvez venha à tona no seu devido tempo.

CAPÍTULO 5

Evans

Encontraram Evans à espera na sala de jantar. Ele ergueu-se respeitosamente à entrada de ambos.

Era um homem baixo e socado, com braços muito compridos e a mania de entrecerrar os punhos. Tinha o rosto bem barbeado e olhos pequenos, quase suínos – uma aparência de buldogue que era compensada por seu ar alegre e competente.

O inspetor Narracott ordenou mentalmente suas impressões: “Inteligente, astuto e prático. Parece agitado.” Só então falou:

– Você é Evans, não?

– Sim, senhor.

– Nome de batismo?

– Robert Henry.

– Bem, agora me diga o que sabe a respeito deste caso.

– Coisa alguma, senhor. É um completo choque para mim. É duro pensar que o capitão se foi...

– Quando viu seu patrão pela última vez?

– Eu diria que às duas da tarde de ontem, senhor. Tirei a louça do almoço e deixei a mesa arrumada para a ceia, como pode ver. Então o capitão me disse que eu não precisava voltar.

– Isso não era comum?

– Em geral, volto ali pelas sete e fico mais umas duas horas. Nem sempre... Às vezes o capitão dizia que não era preciso.

– Então não ficou surpreso quando ele lhe disse que ontem seus serviços não seriam solicitados de novo?

– Não, senhor. Também não voltei na noite de anteontem, por causa do tempo. Um cavalheiro muito atencioso, era isso o que o

capitão era, desde que não se fizesse corpo mole. Eu o conhecia bem e sabia lidar com ele.

– O que ele disse exatamente?

– Bem, olhou pela janela e disse: “Decerto Burnaby não virá hoje. Já devia imaginar. Isso se Sittaford não estiver totalmente bloqueada. Não me lembro de ter visto inverno assim desde que era garoto.” Ele estava se referindo ao seu amigo, o major Burnaby, lá em cima, em Sittaford. Vinha sempre às sextas, e ele e o capitão jogavam xadrez e faziam acrósticos. E na terça-feira o capitão retribuía a visita. Muito regular em seus hábitos, o capitão era. Então ele me disse: “Pode ir agora, Evans. Não precisa voltar até amanhã de manhã.”

– Além da menção ao major Burnaby, ele não falou se estava esperando mais alguém ontem à tarde?

– Não, senhor, nenhuma palavra.

– Não havia nada incomum ou de alguma forma diferente no comportamento dele?

– Não, senhor, ao menos nada que eu pudesse ver.

– Bem... Soube que se casou recentemente, Evans.

– Sim, senhor. Com a filha da sra. Belling, do Three Crowns. Coisa de dois meses atrás.

– E o capitão Trevelyan não estava exatamente satisfeito com isso.

A sombra de um esgar surgiu por um momento no rosto de Evans.

– Ele se aborreceu um bocado com isso, o capitão. Minha Rebecca é uma ótima garota e uma bela cozinheira. E eu esperava que pudessemos trabalhar juntos para o capitão, mas ele... ele nem quis ouvir falar do assunto. Disse que não teria mulheres trabalhando em sua casa. Para dizer a verdade, senhor, as coisas estavam em um impasse quando aquela dama da África do Sul apareceu e quis alugar Sittaford para o inverno. O capitão alugou a casa. Eu vinha todo dia fazer o serviço e, não me importo em dizer, tinha esperança de que pelo fim da estação ele teria pensado melhor na ideia, e eu e Rebecca voltaríamos com ele para Sittaford.

Ora, ele nem mesmo saberia que ela estava na casa. Ficaria na cozinha e daria um jeito de nunca cruzar com ele nas escadas.

– Tem alguma ideia do motivo para essa aversão do capitão Trevelyan a mulheres?

– Motivo nenhum, senhor, só costume. Já vi muitos cavalheiros assim antes. Se quer saber, acho que a razão não é outra que não timidez. Alguma donzela os esnoba quando são rapazes, e eles criam o hábito.

– O capitão não era casado?

– Não, senhor.

– Sabe se tinha algum parente?

– Creio que uma irmã em Exeter, senhor, e acho que o ouvi mencionar um ou mais sobrinhos.

– E nenhum deles jamais veio visitá-lo?

– Não, senhor. Acho que ele teve uma briga com a irmã.

– Sabe o nome dela?

– Gardner, creio eu. Mas não tenho certeza.

– Não sabe o endereço dela?

– Temo que não, senhor.

– Bem, sem dúvida vamos encontrá-lo se procurarmos nos papéis do capitão Trevelyan. Agora, Evans, o que você fez entre as quatro da tarde e o fim da tarde de ontem?

– Estava em casa, senhor.

– Onde é a sua casa?

– Logo dobrando a esquina. Fore Street, 85.

– Não saiu em momento algum?

– É certo que não, senhor. Estava caindo muita neve.

– Sim, é claro. Há alguém que possa confirmar essa sua declaração?

– Como assim, senhor?

– Há alguém que saiba que você esteve em casa durante todo esse tempo?

– Minha esposa.

– Estavam sozinhos?

– Sim, senhor.

– Bem, não tenho dúvidas de que está tudo bem. Era isso por enquanto, Evans.

O ex-marinheiro hesitou, trocando o peso do corpo de uma perna para outra.

– Há algo que eu possa fazer? Digo, para arrumar a casa.

– Não... Por enquanto, o lugar todo deve ser deixado exatamente como está.

– Entendo.

– Você pode esperar, contudo, até que eu tenha dado uma olhada por aí – disse Narracott. – Para o caso de haver alguma pergunta que eu queira lhe fazer.

– Perfeitamente, senhor.

O inspetor transferiu seu olhar atento de Evans para a sala.

O interrogatório fora realizado na sala de jantar. A ceia continuava servida sobre a mesa: língua fria, pickles, queijo Stilton e biscoitos. Sobre um fogareiro a gás, havia uma panela de sopa. Em uma mesinha de serviço, viam-se uma decantadeira, um sifão com soda e duas garrafas de cerveja. Havia também uma imensa coleção de troféus de prata e, junto a eles – em uma combinação bastante incongruente –, três romances com aparência de novos.

O inspetor Narracott examinou alguns troféus, leu as inscrições gravadas e comentou:

– Um grande esportista, esse capitão Trevelyan.

– De fato, senhor – emendou Evans. – Um atleta a vida toda, isso é o que ele foi.

O inspetor Narracott leu os títulos dos romances: *O amor tem a chave*, *Os alegres homens de Lincoln*, *Prisioneiro do amor*.

– Hum – ele observou. – O gosto literário do capitão parece lamentável.

– Ah, isso? – Evans perguntou, rindo. – Não são para ler, senhor. São os prêmios que ele ganhou naquele concurso da Railway Pictures. Ele mandou umas dez respostas com nomes diferentes, incluindo o meu. Dizia que Fore Street, 85, era um endereço com boas possibilidades de ser premiado. Quanto mais comuns forem seu nome e seu endereço, mais provável que você ganhe – era o que o capitão pensava. E é claro que eu ganhei. Mas

não duas mil libras, apenas três romances novos... E, em minha opinião, o tipo de romance pelo qual ninguém gastaria seu dinheiro em uma livraria.

Narracott sorriu, pediu outra vez para que Evans esperasse e prosseguiu em sua inspeção. Havia uma espécie de armário em um canto da sala. Era praticamente uma saleta à parte. Ali, guardados sem muita ordem, havia dois pares de esquis, um par de remos fixados na parede, dez ou doze presas de hipopótamo, varas, linhas e outros apetrechos de pescaria (incluindo um livro de moscas[1]), um saco de tacos de golfe, uma raquete de tênis, uma pata de elefante empalhada e uma pele de tigre. Parecia claro que, quando deixou mobiliada a casa de Sittaford, o capitão Trevelyan havia removido seus bens mais preciosos, desconfiado demais para deixá-los sob guarda feminina.

– Ideia estranha essa de trazer estas coisas todas – disse o inspetor. – A casa está alugada apenas por uns poucos meses, não?

– Isso mesmo, senhor.

– Seguramente esse material poderia ter ficado trancado em algum lugar na mansão de Sittaford.

Pela segunda vez no decorrer da conversa, o rosto de Evans abriu-se em um leve esgar.

– Isso teria sido um jeito muito mais fácil de fazer as coisas – concordou. – Não que haja muitos armários como esse na casa de Sittaford. O arquiteto e o capitão planejaram tudo juntos, e é preciso uma mulher para entender o valor de um armário embutido. Ainda assim, senhor, teria sido a coisa mais sensata a fazer. Carregar essa tralha até aqui deu trabalho... Um trabalhão, devo admitir. Mas o capitão não conseguiria tolerar a ideia de alguém mexendo em seus pertences. Mesmo trancados, como o senhor sugeriu, uma mulher ainda encontraria um jeito de chegar a eles. A curiosidade típica, foi o que o capitão disse. “É bom não trancar de nenhum jeito coisas que não se quer que uma mulher mexa”, ele disse. “O melhor é levá-las com a gente e ter certeza de que estão em um lugar seguro. Logo, vamos levá-las”, ele disse, e, como eu comentei, foi um trabalhão, e saiu bem caro, também. Mas essas coisas eram para o capitão como seus próprios filhos.

Evans fez uma pausa, sem fôlego.

O inspetor Narracott anuiu, pensativo. Havia outro ponto sobre o qual ele queria obter informações, e pareceu que aquele era um bom momento, já que o assunto havia surgido naturalmente.

– Essa sra. Willett... – disse, em tom casual – era uma velha amiga ou conhecida do capitão?

– Não, senhor. Era uma perfeita estranha.

– Tem certeza disso? – perguntou o inspetor, severo.

– Bem... – o tom de voz do outro havia feito o velho marinheiro recuar. – O capitão nunca disse nada sobre isso, na verdade, mas... Sim, tenho certeza.

– Pergunto – explicou o inspetor – porque é uma época muito estranha do ano para locar uma propriedade. Por outro lado, se essa sra. Willett já conhecia o capitão Trevelyan e a casa, ela poderia ter escrito para ele pedindo que a alugasse.

Evans negou com um aceno de cabeça.

– Foram os corretores... Williamsons... que escreveram.

Disseram que tinham uma oferta da parte de uma senhora.

O inspetor Narracott franziu o cenho. Achava aquele negócio do aluguel de Sittaford claramente esquisito.

– Suponho que o capitão Trevelyan e a sra. Willett tenham se conhecido pessoalmente – sugeriu.

– Ah, sim. Ela foi ver a casa, e ele a apresentou ao lugar.

– E você tem certeza de que eles não haviam se encontrado antes?

– Total certeza, senhor.

– Eles... ahn... – o inspetor se interrompeu, tentando formular a pergunta de modo natural – eles se deram bem? Foram amigáveis um com o outro?

– A dama foi – um vago sorriso cruzou os lábios de Evans. – Toda derretida para cima dele, como dizem. Ficou admirando a casa, perguntando se o capitão mesmo a havia projetado. Ela foi com tudo para cima dele, como se diz por aí.

– E o capitão?

O sorriso de Evans se ampliou:

– A dama, espoleta daquele jeito, não conseguiu quebrar o gelo do capitão. Educado, isso ele foi, mas nada mais. E recusou todos os convites dela.

– Convites?

– Sim, para considerar a casa como dele a qualquer hora e aparecer quando quisesse. Aparecer, foi o jeito que ela disse. Ninguém “aparece” em um lugar quando está vivendo seis milhas longe.

– Ela pareceu ansiosa para... bem... para ver o capitão de novo?

Narracott estava fazendo suposições. Teria sido essa a razão para a mulher alugar a casa? Seria apenas um preâmbulo para ser admitida entre as relações do capitão Trevelyan? Era esse o jogo? Provavelmente não teria ocorrido a ela que o capitão teria escolhido um lugar tão distante como Exhampton para viver. Pode ter calculado que ele se mudaria para um dos bangalôs menores, talvez até se hospedasse no do major Burnaby.

A resposta de Evans não foi de muito auxílio:

– Ela é uma dama muito hospitaleira, no fim das contas. Alguém com quem se poderia almoçar ou jantar a qualquer dia.

Narracott anuiu. Não conseguiria mais nada com Evans. Mas estava determinado a marcar uma entrevista com aquela sra. Willett para o mais breve possível. Sua chegada repentina merecia ser investigada.

– Venha, Pollock, vamos subir ao andar de cima – ele disse.

Deixaram Evans na sala de jantar e seguiram para o pavimento superior.

– Muito bem, o que acha? – perguntou o sargento em voz baixa, sacudindo a cabeça sobre os ombros na direção da porta fechada da sala de jantar.

– Parece falar a verdade – disse o inspetor. – Mas nunca se sabe. Não é burro, esse camarada, seja lá o que mais ele for.

– Não, é um tipo inteligente.

– A história dele parece bem autêntica – prosseguiu o inspetor.
– Perfeitamente clara e ajustada. Ainda assim, como eu disse, nunca se sabe.

E com essa declaração, típica de sua mente cheia de suspeitas e cautelas, o inspetor seguiu em busca dos quartos no corredor do andar de cima.

Havia três dormitórios e um banheiro. Dois dos quartos estavam vazios e claramente ninguém entrava neles havia semanas. O terceiro, o do próprio capitão Trevelyan, estava em uma ordem estranha e imaculada. O inspetor o percorreu, abrindo gavetas e armários. Tudo estava em seu lugar. Era o dormitório de um homem de hábitos tão metódicos e caprichados que beiravam o fanatismo. Narracott terminou sua inspeção e deu uma olhada no banheiro adjacente. Ali, também, estava tudo bem-arrumado. Lançou um último olhar à cama, de lençóis bem estendidos e sobre a qual havia um pijama dobrado com cuidado.

– Nada aqui – disse ele, sacudindo a cabeça.

– Não mesmo. Tudo parece estar na mais perfeita ordem.

– Há aqueles papéis na escrivaninha do escritório. É melhor você dar uma examinada neles, Pollock. Direi a Evans que ele pode ir. Posso telefonar e encontrá-lo em sua própria casa mais tarde, se for preciso.

– Perfeitamente, senhor.

– O corpo pode ser removido. Vou querer falar com o dr. Warren. Ele mora perto daqui, não?

– Sim, senhor.

– Na calçada do Three Crowns ou do outro lado?

– Do outro, senhor.

– Então irei ao Three Crowns primeiro. Continue, sargento.

Pollock foi até a sala de jantar para dispensar Evans. O inspetor saiu pela porta da frente e caminhou rápido na direção do Three Crowns.

[1] “Mosca” aqui se refere a um tipo de anzol recoberto por penas comumente usado em pescaria de água doce. (N.T.)

CAPÍTULO 6

No Three Crowns

O inspetor Narracott não conseguiria ver o major Burnaby até que houvesse passado por uma interminável entrevista com a sra. Belling – a proprietária do Three Crowns era gorda e excitável, e tão tagarela que não havia nada a fazer a não ser ouvi-la pacientemente até que em algum momento o fluxo da conversação estancasse.

– Foi uma noite como nenhuma outra – ela estava concluindo –, e nenhum de nós nem sequer poderia pensar no que estava acontecendo ao pobre cavalheiro. Esses vagabundos repulsivos... Eu já disse uma dúzia de vezes que não suporto esses vadios nojentos. E o capitão não tinha nem um cachorro para protegê-lo. Os vadios não suportam um cachorro. Oh, nunca se sabe o que pode acontecer de uma hora para a outra.

“Sim, senhor Narracott” – ela continuou, em resposta a uma pergunta do inspetor – “o major está tomando seu desjejum agora mesmo. O senhor vai encontrá-lo no restaurante do hotel. E que noite ele deve ter passado, sem sequer um pijama ou algo do tipo, e eu sou uma mulher viúva, não tinha nada que pudesse emprestar a ele. Mas acho que ele não fez caso disso, de tão estranho e perturbado que estava... E não me admira, já que teve seu melhor amigo assassinado. Os dois eram cavalheiros muito gentis, embora o capitão tivesse a fama de ser mão-fechada com seu dinheiro. Quem diria, eu sempre achei tão perigoso morar lá em cima, em Sittaford, a quilômetros longe de qualquer coisa, e eis que o capitão é abatido aqui mesmo em Exhampton. É sempre aquilo que a gente não espera nesta vida que acontece, não é mesmo, sr. Narracott?”

O inspetor disse que sim, sem dúvida, e acrescentou:

– Quem esteve hospedado aqui ontem, sra. Belling? Algum estranho?

– Deixe-me ver... O sr. Moresby e o sr. Jones... dois distintos cavalheiros de negócios. E um rapaz de Londres. Ninguém mais. E nem haveria razão para isso nesta época do ano. É muito quieto aqui no inverno. Oh, mas havia um outro jovem... chegou no último trem. Um moço narigudo. Ele ainda não se levantou.

– O último trem – perguntou o inspetor –, o que chega por volta de 22h, não? Não acho que precisemos nos preocupar com ele. E quanto ao outro... o que veio de Londres? A senhora o conhece?

– Nunca o vi antes. Não é um negociante; oh, não, nem perto disso. Não consigo me lembrar do nome dele no momento... mas o senhor o encontrará nos registros. Partiu esta manhã, no primeiro trem para Exeter. O das seis e dez. Bastante estranho. O que ele queria por aqui, é algo que eu gostaria de saber.

– Não disse quais negócios o traziam?

– Nem uma palavra.

– Ele saiu do hotel em algum momento?

– Chegou na hora do almoço, saiu por volta de 16h30 e voltou às 18h20.

– E aonde ele foi?

– Não tenho a mais remota ideia, senhor. Pode ter apenas saído para um passeio. Foi antes da nevasca, mas não estava o que se poderia chamar de um lindo dia para uma caminhada.

– Saiu às 16h30, retornou por volta de 18h20 – disse o inspetor, pensativo. – É bastante estranho. Ele não mencionou em algum momento o capitão Trevelyan?

A sra. Belling negou balançando a cabeça decididamente.

– Não, sr. Narracott. Ele não mencionou ninguém, na verdade. Manteve-se reservado. Um rapaz de muito boa aparência... mas um tanto preocupado, eu diria.

O inspetor assentiu e foi até o balcão para verificar os registros.

– James Pearson, de Londres – leu. – Bem... isso não nos diz muita coisa. Teremos de fazer algumas investigações a respeito desse sr. James Pearson.

Avançou então a passos largos para o restaurante, à procura do major Burnaby, que era o único hóspede no salão. Bebia um café com aparência algo barrenta e tinha um exemplar do *Times* dobrado à sua frente.

– Major Burnaby?

– Sou eu.

– Sou o inspetor Narracott, de Exeter.

– Bom dia, inspetor. Alguma pista?

– Sim, senhor. Acho que temos uma pista, e creio que posso dizer isso com segurança.

– Fico feliz em ouvir isso – disse o major secamente. Sua atitude era de descrença resignada.

– Porém, há apenas alguns pontos sobre os quais eu gostaria de mais informações, major, e penso que o senhor poderá me dizer o que quero saber.

– Farei o que puder – disse Burnaby.

– O senhor sabe se o capitão Trevelyan tinha algum inimigo?

– Inimigo algum neste mundo – Burnaby foi incisivo.

– Esse criado, Evans... O senhor o considera de confiança?

– Devia ser. Sei que Trevelyan confiava nele.

– Não houve algum mal-estar pelo casamento dele?

– Não, mal-estar não. Trevelyan estava era incomodado... Não gostava de ter seus hábitos perturbados. Manias de velho solteirão, o senhor sabe.

– Falando em solteirão... Este é outro ponto. O capitão Trevelyan não era casado. Sabe se ele deixou testamento? E no caso de não haver testamento, tem alguma ideia de quem herdaria seu espólio?

– Trevelyan fez um testamento – disse prontamente Burnaby.

– Como o senhor sabe?

– Ele me nomeou seu testamenteiro. Ele mesmo me contou.

– Sabe para quem ele deixou o dinheiro?

– Não sei dizer.

– Suponho que estava muito bem de vida.

– Trevelyan era um homem rico – rebateu Burnaby. – Eu diria que ele era muito mais abastado do que qualquer um à sua volta poderia suspeitar.

– Sabe se ele tinha algum parente?

– Creio que tinha uma irmã e alguns sobrinhos e sobrinhas. Nunca via muito qualquer um deles, mas não havia nenhuma rixa.

– A respeito desse testamento: o senhor sabe onde ele está depositado?

– Na firma de Walters e Kirkwood, seus advogados aqui em Exhampton. Eles o redigiram para ele.

– Então talvez, major Burnaby, dado que o senhor é o testamenteiro, pergunto se poderia ir comigo agora até a Walters e Kirkwood. Eu gostaria de ter uma ideia do teor desse testamento o mais rápido possível.

Burnaby tornou-se subitamente alerta e disse:

– O que há? O que o testamento tem a ver com o caso?

O inspetor Narracott não estava disposto a mostrar suas cartas tão cedo:

– Este caso não está tão claro quanto pensamos. A propósito, há outra pergunta que gostaria de lhe fazer. Se entendi bem, major Burnaby, o senhor perguntou ao dr. Warren se a morte havia ocorrido às 17h25?

– Isso mesmo – concordou o major, impaciente.

– O que o fez escolher essa hora em particular, major?

– Não devia ter escolhido?

– Bem, alguma coisa deve ter colocado esse horário em sua cabeça...

Houve uma longa pausa antes de o major Burnaby responder. O interesse do inspetor Narracott havia aumentado. O major desejava intensamente esconder alguma coisa. Assisti-lo tentando fazer isso era quase burlesco.

– Por que eu não poderia ter dito 17h25? – ele perguntou, truculento – Ou 17h35... ou 16h20, por exemplo?

– Poderia ter dito, senhor – disse o inspetor Narracott com muita suavidade.

Não desejava antagonizar com o major naquele momento. Prometeu a si mesmo que iria até o fundo daquele assunto antes que o dia terminasse.

– Há uma coisa que me desperta a curiosidade, major – ele prosseguiu.

– Sim?

– Esse negócio de alugar a casa de Sittaford. Não sei o que pensar a respeito disso, mas me parece uma coisa muito curiosa.

– Se o senhor me perguntar – disse Burnaby –, direi que é uma bizarrice dos diabos.

– Essa é a sua opinião?

– É a opinião de todos.

– Em Sittaford?

– Em Sittaford e também em Exhampton. Aquela mulher deve ser doída.

– Bem, suponho que gosto não se discute – disse o inspetor.

– Um gosto bem bizarro para uma mulher daquele tipo.

– O senhor conhece a dama?

– Eu a conheço. Ora, eu estava na casa dela quando...

– O quê? – perguntou Narracott.

O major se interrompeu abruptamente.

– Nada – disse Burnaby.

O inspetor lançou-lhe um olhar penetrante. Havia alguma coisa ali que ele gostaria de entender. A confusão e o óbvio embaraço do major não haviam passado despercebidos. Estivera a ponto de dizer... o quê?

“Tudo a seu tempo”, pensou Narracott consigo mesmo. “Agora não é o momento certo para refrescar-lhe a memória.”

Falou em tom inocente:

– O senhor disse que estava na casa de Sittaford. Aquela senhora está vivendo lá agora... há quanto tempo?

– Uns dois meses.

O major estava ansioso para escapar às consequências de suas palavras imprudentes. O que o fez mais loquaz do que o usual.

– Uma senhora viúva e a filha?

– Isso mesmo.

– Ela deu alguma razão para sua escolha de residir por lá?
– Bem... – o major esfregou o nariz em um gesto dúbio. – Ela fala um bocado, é daquele tipo de mulher... uma beleza natural, mas fora deste mundo... esse tipo de coisa. Mas...

Fez uma pausa, bastante desamparado. O inspetor Narracott veio em seu auxílio:

– O senhor teve a impressão de que a escolha não foi natural da parte dela?

– Bem... Digamos que sim. É uma mulher de bom gosto. Vestese de acordo com a última moda... A filha é uma garota linda e inteligente. O mais natural para elas seria hospedar-se no Ritz, ou no Claridge, ou em um grande hotel em algum outro lugar. O senhor conhece o tipo.

Narracott anuiu e perguntou:

– Elas são muito reservadas? Acha que elas têm... bem, algo a esconder?

O major negou com um vigoroso aceno de cabeça.

– Não, nada desse tipo. São muito sociáveis... um tanto sociáveis demais. Quero dizer, em um lugar pequeno como Sittaford, não há muitos compromissos, e quando chovem convites é um pouco deselegante. São do tipo excessivamente hospitaleiro... Hospitaleiras demais para os padrões ingleses.

– O toque colonial... – disse o inspetor.

– Sim, suponho que sim.

– O senhor teria alguma razão para pensar que elas já haviam travado contato previamente com o capitão Trevelyan?

– É certo que não.

– O senhor parece muito enfático nesse ponto.

– Joe teria me contado.

– Não acha que o motivo delas poderia ser... bem... estabelecer relações com o capitão?

Essa era claramente uma ideia nova para o major. Ele ponderou a respeito dela por alguns minutos.

– Bem, nunca havia pensado nisso. Elas eram de fato muito efusivas com ele. Não que tivessem conseguido mudar de alguma forma o comportamento de Joe. Mas não, acho que eram apenas

suas maneiras comuns. Muito amigáveis, o senhor sabe, como são as pessoas nas colônias – disse o soldado, de temperamento bastante insular.

– Entendo. Quanto à casa propriamente dita: o capitão Trevelyan a construiu, se compreendi bem.

– Sim.

– E ninguém mais morou lá? Digo, nunca havia sido alugada antes?

– Nunca.

– Então não me parece que poderia haver algo na casa em si que fosse atraente. É um quebra-cabeça. Aposto que isso não tem nenhuma relação com o caso, mas tive a impressão de que há alguma estranha coincidência. Esta casa que o capitão alugou, Hazelmoor... Quem é o proprietário dela?

– A sra. Larpent. Uma mulher de meia-idade. Foi passar o inverno em uma casa litorânea em Cheltenham. Faz isso todos os anos. Normalmente, deixa a casa daqui fechada, mas a aluga quando pode, o que não é frequente.

Não parecia haver nada promissor ali. O inspetor balançou a cabeça de modo desanimado e continuou:

– Os Williamsons eram os corretores, não é mesmo?

– Sim.

– O escritório deles fica aqui em Exhampton?

– Ao lado do de Walters e Kirkwood.

– Ah! Então, major, se não se importa, temos de seguir nosso caminho até lá.

– Não me importo. De qualquer jeito, o senhor não encontrará Kirkwood em seu escritório antes das dez. Sabe como são os advogados.

– Então podemos ir?

O major, que havia terminado seu desjejum algum tempo antes, assentiu e se levantou.

CAPÍTULO 7

O testamento

Um homem jovem de olhos atentos se ergueu para recebê-los no escritório dos Williamsons.

– Bom dia, major Burnaby.

– Bom dia.

– Que coisa horrível, tudo isso – comentou o rapaz. – Não houve nada assim em Exhampton por anos.

Falava com entusiasmo, o que fez o major se retrair.

– Este é o inspetor Narracott – apresentou.

– Ah, sim! – disse o jovem, excitado.

– Gostaria de algumas informações e acho que poderia me fornecê-las – disse o inspetor. – Pelo que soube, os senhores trataram do aluguel da mansão de Sittaford.

– Para a sra. Willett? Sim, fomos nós.

– Pode, por favor, me dar os detalhes completos de como o negócio se concretizou? A dama fez a solicitação pessoalmente ou por carta?

– Por carta. Ela escreveu, deixe-me ver... – abriu uma gaveta e retirou dela um arquivo. – Sim, do Hotel Carlton, em Londres.

– Ela mencionou pelo nome a mansão Sittaford?

– Não, simplesmente disse que queria alugar uma casa para o inverno, que deveria ser em Dartmoor e ter no mínimo oito dormitórios. Não tinha importância se ficasse próxima a uma cidade ou estação ferroviária.

– A casa de Sittaford estava em seus registros?

– Não, não estava. Mas para falar a verdade, era a única na vizinhança que preenchia todos os requisitos. A senhora mencionou

em sua carta que estava disposta a pagar até doze guinéus, e nessas circunstâncias achei que valia a pena escrever para o capitão Trevelyan e perguntar se ele consideraria alugar o imóvel. Ele respondeu afirmativamente, e nós acertamos o negócio.

– Sem que a sra. Willett tivesse visto a casa?

– Ela concordou em alugar sem vê-la e assinou o acordo. Então veio à cidade um dia, dirigiu-se até Sittaford, encontrou o capitão Trevelyan, combinou os detalhes a respeito da prataria, das roupas de mesa e de cama e vistoriou a casa.

– Ficou satisfeita?

– Ela voltou dizendo-se encantada.

– E o que o senhor achou disso tudo? – perguntou o inspetor Narracott, olhando-o atentamente.

O jovem encolheu os ombros e disse:

– A gente aprende a nunca se surpreender com nada no ramo imobiliário.

Após essa nota de filosofia, partiram, não sem antes o inspetor Narracott agradecer ao rapaz pela ajuda.

– Não há de quê. Foi um prazer – disse o jovem, acompanhando-os educadamente até a porta.

O escritório dos senhores Walters e Kirkwood ficava, como o major Burnaby dissera, no prédio ao lado da imobiliária. Ao entrarem, foram informados de que o senhor Kirkwood chegara havia pouco, e foram levados até seu gabinete.

Kirkwood era um ancião de fisionomia bondosa. Havia nascido em Exhampton e sucedera a seu pai e a seu avô na firma de advocacia.

Ele se ergueu, assumiu uma expressão enlutada, trocou um aperto de mãos com o major e disse:

– Bom dia, major Burnaby. É um caso chocante, este. Muito chocante, de fato. Pobre Trevelyan.

Ele lançou um olhar inquisitivo na direção de Narracott. O major Burnaby explicou a presença do outro em poucas e sucintas palavras.

– Está então encarregado do caso, inspetor Narracott?

– Sim, sr. Kirkwood. Em decorrência das minhas investigações, venho até o senhor em busca de algumas informações.

– Ficaria feliz em lhe dar qualquer informação, desde que esteja ao meu alcance – disse o advogado.

– É a respeito do testamento do falecido capitão Trevelyan – disse Narracott. – Se não estou enganado, o documento está aqui em seu escritório.

– Isso mesmo.

– Foi elaborado há quanto tempo?

– Cinco ou seis meses atrás. Não tenho como dizer no momento a data exata.

– Estou ansioso, sr. Kirkwood, para saber o conteúdo desse testamento o mais rápido possível. Ele pode ter um significado importante neste caso.

– Mesmo? – disse Kirkwood. – Veja só! Eu não teria pensado nisso, mas naturalmente o senhor conhece seu próprio ofício melhor do que eu. Bem... – relanceou os olhos para o oficial – o major Burnaby e eu somos ambos testamenteiros. Se ele não apresenta objeção...

– Nenhuma – interrompeu Burnaby.

– Então não vejo motivo para não atender à sua solicitação, inspetor.

Apanhando o telefone que ficava em sua escrivaninha, Kirkwood falou algumas palavras. Em poucos minutos, um secretário entrou no gabinete, depositou um envelope selado à frente do advogado e deixou a sala. O sr. Kirkwood pegou o envelope, abriu-o com uma espátula e retirou dele um documento volumoso e com aparência solene. Pigarreou e começou a leitura:

Eu, Joseph Arthur Trevelyan, residente na mansão Sittaford, em Sittaford, no condado de Devon, declaro como sendo minha última vontade a expressa neste testamento que fiz no décimo terceiro dia de agosto de mil novecentos e vinte e seis.

1) Nomeio John Edward Burnaby, residente no Chalé Sittaford nº 1, e Frederick Kirkwood, de Exhampton, meus testamenteiros e curadores.

2) Deixo a Robert Henry Evans, que me serviu longa e fielmente, a soma de cem libras, livres de tributação e para seu próprio e absoluto benefício, uma vez provado que ele ainda esteja a meu serviço na época de minha morte e não se tenha notícia de que nenhuma ordem de demissão tenha sido dada ou recebida.

3) Deixo ao já mencionado John Edward Burnaby, como símbolo de nossa amizade e de meu afeto e minha consideração por ele, todos os meus troféus esportivos, incluindo a coleção de peles e cabeças de animais, bem como quaisquer taças e prêmios a mim conferidos em qualquer competição.

4) Confio todas as minhas propriedades reais e pessoais, não dispostas de outra maneira neste testamento ou em qualquer adendo, a meus curadores para que sejam vendidas, resgatadas ou convertidas em dinheiro.

5) Meus curadores podem descontar do dinheiro obtido com tais vendas, resgates ou conversões quaisquer dívidas e despesas funerárias e testamentárias decorrentes das disposições deste documento ou de qualquer adendo.

6) Meus curadores devem reunir o que restar desse dinheiro ou dos investimentos no tempo devido, e instruo os mesmos a dividir o montante em quatro partes iguais.

7) De tal divisão, já mencionada, meus curadores devem destinar uma das partes para minha irmã Jennifer Gardner, para que use e disponha dela de acordo com sua vontade. E meus curadores devem destinar as outras três partes uma para cada um de meus sobrinhos, filhos de minha falecida irmã Mary Pearson, para uso e benefício exclusivo de cada um deles.

Em vista dessas disposições, eu, o já mencionado Joseph Arthur Trevelyan, apus minha firma neste documento na data apresentada acima.

Assinado pelo acima nomeado testador como sua última vontade, estando presentes, simultaneamente, nós que, na presença do já referido testador, a seu pedido e na presença

um do outro, subscrevemos como testemunhas.

O sr. Kirkwood estendeu o documento para o inspetor, dizendo:

– Dois secretários deste escritório foram testemunhas.

Pensativo, o inspetor correu os olhos sobre o testamento.

– “Minha falecida irmã Mary Pearson” – citou. – Pode me dizer algo sobre essa senhora Pearson, sr. Kirkwood?

– Muito pouco. Ela morreu há cerca de dez anos, acredito. O marido dela, um corretor de valores, já a havia precedido. Até onde sei, nunca veio visitar o capitão Trevelyan.

– Pearson... – disse outra vez o inspetor, para depois acrescentar: – Só mais uma coisa. O montante do espólio do capitão Trevelyan não é mencionado. Que soma o senhor acha que ele alcançaria?

– É difícil dizer com exatidão – disse o sr. Kirkwood, divertindo-se, como todos os advogados, em dar uma resposta complicada para uma pergunta simples. – É uma questão que envolve o espólio real e o pessoal. Além da mansão em Sittaford, o capitão Trevelyan tinha algumas propriedades na região de Plymouth, e vários investimentos feitos esporadicamente oscilaram de valor.

– Só quero ter uma ideia aproximada.

– Eu não devo me comprometer...

– Apenas a estimativa mais bruta, como referência. Por exemplo, seria exagero falar em vinte mil libras?

– Vinte mil libras? Ora, meu caro senhor! O espólio do capitão Trevelyan valeria pelo menos quatro vezes mais do que isso. Oitenta ou até mesmo noventa mil libras estariam mais próximo do valor.

– Eu disse que Trevelyan era um homem rico – falou Burnaby.

O inspetor Narracott se levantou e agradeceu:

– Muito obrigado pelas informações que me deu, sr. Kirkwood.

– Acha que lhe serão úteis?

O advogado estava claramente ardendo de curiosidade, mas o inspetor não parecia disposto a satisfazê-la.

– Em um caso como este, temos de levar qualquer coisa em conta – disse, sem se comprometer. – A propósito, o senhor tem os

nomes e os endereços de Jenniffer Gardner e da família Pearson?

– Não sei nada sobre a família Pearson. O endereço da sra. Gardner é Laurels, Waldon Road, em Exeter.

O inspetor anotou em sua caderneta.

– Isso deve ajudar. Sabe quantos filhos tinha a falecida sra. Pearson?

– Três, eu suponho. Duas garotas e um rapaz. Ou dois rapazes e uma moça... não consigo me lembrar.

O inspetor anuiu, guardou a caderneta, agradeceu ao advogado mais uma vez e se despediu.

Quando alcançaram a rua, ele se virou subitamente para seu acompanhante e o encarou:

– Agora, senhor, diga-me a verdade sobre aquele negócio de 17h25.

O rosto do major Burnaby tornou-se rubro de contrariedade.

– Eu já lhe disse...

– Eu não acreditei, major. Sonegação de informações, é isso o que o senhor está fazendo. Alguma coisa deve ter lhe ocorrido para mencionar aquela hora específica ao dr. Warren... E acho que tenho uma ideia muito boa do que seja.

– Bem, se sabe, por que me pergunta? – reclamou o major.

– Deduzo que o senhor estava ciente de que uma certa pessoa tinha um encontro marcado com o capitão Trevelyan por volta dessa hora. É isso?

O major Burnaby o encarou surpreso e resmungou:

– Nada do gênero. Nada do gênero.

– Tenha cuidado, major Burnaby. E o que sabe a respeito de um senhor James Pearson?

– James Pearson? James Pearson... quem é ele? Refere-se a um dos sobrinhos de Trevelyan?

– Suponho que seja. Ele tinha um sobrinho chamado James, não tinha?

– Não tenho a menor ideia. Trevelyan tinha sobrinhos... Isso eu sei. Mas não tenho a mais vaga noção de quais sejam seus nomes.

– O rapaz em questão esteve no Three Crowns na noite passada. O senhor provavelmente o reconheceu aqui.

– Eu não reconheci ninguém! – rosnou o major. – E, de qualquer modo, nem poderia. Nunca em minha vida vi qualquer um dos sobrinhos de Trevelyan.

– Mas o senhor sabia que o capitão Trevelyan estava esperando a visita de um sobrinho ontem à tarde?

– Não! – rugiu o major.

Muitos transeuntes se voltaram para olhar para ele.

– Maldição, o senhor não reconhece a verdade! Eu não sabia nada sobre encontro algum. O sobrinho de Trevelyan poderia estar em Timbuctu pelo que sei.

O inspetor Narracott retraiu-se um pouco. A negação veemente do major trazia a marca de uma sinceridade clara demais para ser fingida.

– Então por que esse negócio das 17h25?

– Bem... Suponho que seja melhor contar – o major pigarreou de modo embaraçado. – Mas tenha em mente que a coisa toda é de um ridículo atroz! Uma baboseira. Como poderia um homem racional acreditar em tal absurdo?

O inspetor Narracott parecia cada vez mais surpreso, enquanto o major Burnaby ficava mais desconfortável e envergonhado a cada minuto.

– O senhor sabe como é, inspetor. É preciso participar de algumas distrações para fazer a vontade de uma dama. Claro, nunca pensei que havia qualquer coisa naquilo...

– Naquilo o que, major Burnaby?

– Mesa-girante.

– Mesa-girante?

Fosse o que fosse que Narracott esperava ouvir, não era aquilo. O major continuou se explicando. De forma entrecortada e com muitas negativas a respeito de sua própria crença no fenômeno, descreveu os eventos da tarde anterior e a mensagem que se dizia endereçada a ele.

– O que o senhor está dizendo, major Burnaby, é que a mesa soletrou o nome de Trevelyan e informou ao senhor que ele havia morrido... assassinado?

O major enxugou a testa.

– Sim, foi o que aconteceu. Eu não acreditei, naturalmente eu não acreditei naquilo – ele parecia envergonhado. – Mas era sexta-feira, e pensei, no fim das contas, que seria melhor me certificar, pondo-me a caminho para ver se estava tudo bem.

O inspetor refletiu sobre as dificuldades daquela caminhada de seis milhas, com montes de neve por todo o caminho e a perspectiva de outra nevasca intensa, e percebeu que, por mais que negasse, o major Burnaby devia ter ficado profundamente impressionado com a mensagem espírita. Narracott a analisou em sua mente. Era algo fantástico – realmente fantástico. O tipo de evento que não se podia explicar de modo satisfatório. No fim das contas, devia haver alguma coisa por trás daquele negócio de espíritos. Era o primeiro caso autêntico com o qual ele deparava.

Um assunto completamente estranho. Pelo que podia perceber, aquilo explicava a atitude do major, mas não tinha utilidade prática no caso em que ele estava envolvido. Precisava lidar com o mundo físico, não com o psíquico.

Era seu trabalho rastrear o assassino.

E, para fazer isso, não necessitava de orientação do mundo espiritual.

CAPÍTULO 8

O sr. Charles Enderby

Com uma olhadela em seu relógio, o inspetor percebeu que só conseguiria pegar o trem para Exeter se se apressasse. Estava ansioso para falar com a irmã do falecido capitão Trevelyan o mais rápido possível e obter dela o endereço dos outros membros da família. Assim, com um adeus pressuroso ao major, correu até a estação. O major, por sua vez, refez seus passos até o Three Crowns. Mal havia posto o pé na entrada quando foi abordado por um jovem efusivo, de cabelos luminosos e rosto redondo e juvenil.

– Major Burnaby? – perguntou o rapaz.

– Sim.

– Morador do chalé nº 1 de Sittaford?

– Sim.

– Eu represento o *Daily Wire* – disse o jovem – e gostaria...

Não pôde ir além. No legítimo estilo militar da velha escola, o major explodiu:

– Nem mais uma palavra – vociferou. – Conheço bem os da sua espécie. Nenhuma decência. Nenhuma discrição. Juntam-se ao redor de um homicídio como urubus rondando uma carcaça, mas uma coisa eu posso dizer, meu jovem: não terá informação nenhuma de mim. Nenhuma palavra. Nenhuma história para seu maldito jornal. Se quer saber alguma coisa, vá perguntar à polícia, e tenha a decência de deixar em paz os amigos do morto.

O jovem não pareceu nem um pouco intimidado. Sorriu ainda mais animado do que antes.

– Devo dizer, senhor, que me entendeu mal. Nada sei a respeito de homicídio algum.

Aquilo não era verdade, estritamente falando. Ninguém em Exhampton poderia fingir ignorância do evento que havia abalado o coração do pacato vilarejo. O rapaz continuou:

– Fui encarregado, em nome do *Daily Wire*, de entregar-lhe este cheque de cinco mil libras e cumprimentá-lo por ter enviado a única resposta correta para nosso concurso sobre futebol.

O major estava completamente surpreso.

– Não tenho dúvidas – continuou o moço – de que o senhor recebeu na manhã de ontem nossa carta informando-o da boa notícia.

– Carta? – espantou-se Burnaby. – Sabia, meu jovem, que Sittaford está enterrada sob três metros de neve? Que chance de entrega regular de correspondência acha que tivemos nos últimos dias?

– Mas sem dúvida o senhor viu seu nome anunciado como vencedor no *Daily Wire* esta manhã.

– Não – negou Burnaby. – Não olhei o jornal esta manhã.

– Ah! É claro que não – disse o rapaz. – Aquele assunto triste... O homem assassinado era seu amigo, pelo que soube.

– Meu melhor amigo – disse o major.

– É mesmo difícil – falou o jovem, evitando, diplomaticamente, o olhar do outro. Depois, tirou de seu bolso um pedaço dobrado de papel cor de malva e estendeu-o para o major fazendo uma medida. – Com os cumprimentos do *Daily Wire*.

O major Burnaby apanhou o cheque e disse a única coisa possível dadas as circunstâncias:

– Aceita uma bebida, senhor...

– Enderby. Charles Enderby é meu nome. Cheguei noite passada – explicou. – Fiz algumas perguntas sobre como chegar a Sittaford. É para nós um ponto de honra entregar os cheques aos vencedores pessoalmente, e sempre publicamos uma pequena entrevista. Interessa aos nossos leitores. Bem, todos me disseram que estava fora de cogitação: estava nevando e simplesmente não era possível, e então, com a melhor das boas sortes, descobri que o senhor estava na verdade aqui, hospedado no Three Crowns –

sorriu. – E não haveria dificuldade em identificá-lo. Todos parecem se conhecer nesta parte do mundo.

– O que quer beber? – perguntou o major.

– Para mim, uma cerveja – disse Enderby.

O major pediu duas cervejas.

– Este lugar parece transtornado com esse assassinato – comentou Enderby. – Um caso bastante misterioso, sob todos os aspectos.

O major grunhiu. Encontrava-se em algo semelhante a um dilema. Seus sentimentos a respeito de jornalistas permaneciam os mesmos, mas um homem que havia acabado de lhe entregar um cheque de cinco mil libras estava em posição privilegiada. Não se pode simplesmente mandá-lo para o inferno.

– Ele tinha algum inimigo? – perguntou o jovem.

– Não – disse o major.

– Mas eu soube que a polícia não trabalha com a hipótese de assalto – prosseguiu Enderby.

– Como sabe disso? – perguntou o major.

O sr. Enderby, contudo, não revelou sua fonte.

– Soube que foi o senhor quem descobriu o corpo – disse o rapaz.

– Sim.

– Deve ter sido um choque terrível.

A conversa prosseguiu. O major Burnaby ainda estava determinado a não dar nenhuma informação, mas não era páreo para a habilidade do sr. Enderby, que fazia comentários com os quais o major era forçado a concordar ou discordar, fornecendo, em consequência disso, a informação que o jovem queria. Tão agradáveis eram suas maneiras, contudo, que o processo não era doloroso, no fim das contas, e o major descobriu-se gostando da companhia daquele rapaz bem-educado.

Dali a pouco, o sr. Enderby se levantou e disse que precisava ir ao posto do correio.

– Se o senhor puder me fazer a gentileza de dar um recibo para o cheque, senhor.

O major foi até o balcão, escreveu um recibo e o entregou ao repórter.

– Esplêndido! Gostaria de tirar algumas fotografias, o senhor entende, de seu chalé em Sittaford, e do senhor alimentando os porcos, cultivando os dentes-de-leão ou fazendo qualquer outra atividade que o senhor imagine característica. Não faz ideia de como nossos leitores apreciam esse tipo de coisa. E eu gostaria de tomar algumas poucas palavras suas sobre o que pretende fazer com as cinco mil libras. Algo rápido. Não faz ideia de como nossos leitores ficariam desapontados se não publicássemos essa informação.

– Certo, mas ouça... é impossível chegar a Sittaford com este tempo. A nevasca foi excepcionalmente intensa. Nenhum veículo conseguiu pegar a estrada nos últimos três dias, e pode levar outros três antes que o degelo desobstrua o caminho.

– Eu sei – disse o jovem –, é *bastante* desagradável. Bem, o jeito é se conformar em rodar aqui por Exhampton. Eles nos acomodam muito bem aqui no Three Crowns. Até mais, senhor.

Enderby saiu para a rua principal de Exhampton e se encaminhou para a agência do correio. De lá, telegrafou para seu jornal dizendo que, pela melhor das sortes, estava apto a supri-los de informações saborosas e exclusivas sobre o caso do assassinato em Exhampton.

Refletiu sobre que curso de ação deveria seguir e decidiu-se por entrevistar o criado do falecido capitão Trevelyan, Evans, cujo nome o major Burnaby havia imprudentemente deixado escapar durante a conversa.

Um poucas perguntas levaram-no até o nº 85 da Fore Street. O empregado do morto havia se transformado em uma figura importante. Todos pareciam dispostos e ansiosos para mostrar onde ele morava.

Enderby tamborilou com o nó dos dedos na porta, que foi aberta por um homem com a aparência tão típica de um ex-marinheiro que o jornalista não teve dúvidas sobre sua identidade.

– Evans, não é mesmo? – perguntou Enderby, jovial. – Eu estava falando agora mesmo com o major Burnaby.

– Oh... – Evans hesitou por um momento. – Queira passar, por favor.

Enderby aceitou o convite. Uma jovem opulenta, com cabelos negros e bochechas coradas, espreitou do fundo da sala. O repórter deduziu que fosse a recém-casada sra. Evans.

– Lamentável isso tudo com o seu antigo patrão – disse Enderby.

– Chocante, senhor, isso sim.

– Quem você acha que fez isso? – perguntou Enderby, com o ar mais ingênuo que conseguiu.

– Algum desses malditos andarilhos, eu suponho – respondeu Evans.

– Não, meu caro. Essa teoria já foi demolida.

– Mesmo?

– Foi uma pista armada. A polícia a desvendou.

– Quem lhe contou, senhor?

A verdadeira informante de Enderby havia sido a camareira do Three Crowns, cuja irmã era casada com o oficial Graves, mas ele respondeu:

– Tive uma dica da chefatura. Sim, a pista de assalto era forjada.

– Então quem eles pensam que foi? – perguntou a sra. Evans, se aproximando. Seus olhos tinham uma expressão assustada e curiosa.

– Olhe aqui, Rebecca, não se meta nisso – falou o marido.

– Cruéis e estúpidos, é isso que os policiais são – disse a sra.

Evans. – Não importa de quem eles vão atrás, contanto que consigam pôr a mão em alguém. – Ela lançou um olhar de esguelha para Enderby. – Está ligado à polícia, senhor?

– Eu? Ah, não. Sou de um jornal, o *Daily Wire*. Vim ver o major Burnaby. Ele venceu nosso concurso sobre futebol e ganhou cinco mil libras.

– O quê? – gritou Evans. – Diabos, então essas coisas são mesmo honestas?

– Achava que não eram? – questionou Enderby.

– Bem, é um mundo ruim este aqui, senhor – Evans estava um pouco confuso, sentindo que sua exclamação havia deixado a desejar em termos de tato. – Já ouvi falar que há muita trapaça no meio. O falecido capitão Trevelyan costumava dizer que um prêmio nunca saía para um bom endereço. Por isso ele às vezes usava o meu.

Com uma certa ingenuidade, descreveu como o capitão havia sido premiado com os três romances. Enderby encorajou-o a falar. Via uma história muito boa a ser extraída de Evans. O fiel criado – com um toque de velho lobo do mar. Ficou se perguntando, apenas, por que a sra. Evans parecia tão nervosa, algo que atribuiu à ignorância desconfiada da classe social da mulher.

– Tem de encontrar o sacana que fez isso, senhor – disse Evans. – Dizem por aí que os jornais podem ajudar bastante a caçar um criminoso.

– Foi um assalto – disse a sra. Evans. – E isso é o que foi.

– É claro que foi um assalto – disse Evans. – Porque não há ninguém em Exhampton que pudesse querer mal ao capitão.

Enderby se levantou e disse:

– Bem, preciso ir. Agora estou com pressa mas, se for possível, gostaria de conversar mais um pouco. Se o capitão ganhou três romances em um concurso do *Daily Wire*, o jornal deve tomar como uma questão pessoal a caçada a seu assassino.

– Não podia dizer isso de um jeito mais justo, senhor. Não mesmo.

Desejando-lhes um alegre bom-dia, Charles Enderby tomou seu caminho.

– Quem realmente fez essa lambança? – murmurou para si mesmo. – Não creio que tenha sido nosso amigo Evans. Talvez tenha sido *mesmo* um assalto! Seria muito decepcionante. Não parece haver nenhuma mulher envolvida no caso, o que é uma pena. Precisamos de algum desenvolvimento sensacional, e logo, ou este caso vai desaparecer na insignificância. Bem como minha sorte. É a primeira vez que estou no local certo para cobrir um assunto desse tipo. Preciso me sair bem. Charles, meu garoto, esta é a chance da sua vida! Aproveite-a ao máximo. Pelo que vejo,

nosso amigo militar logo estará comendo na minha mão se eu me lembrar de ser suficientemente respeitoso e chamá-lo de “senhor” com a frequência necessária. Será que ele esteve no levante indiano?[1] Não, é claro que não, não é velho o bastante para isso. A guerra sul-africana, essa sim.[2] Pergunte a ele sobre a guerra sul-africana, isso vai amansá-lo.

E refletindo sobre essas resoluções, o sr. Enderby saracoteou de volta para o Three Crowns.

[1] Referência à Revolta dos Sipaiois, em 1857, uma série de motins e levantes armados contra a ocupação britânica no centro e no norte da Índia, levados a cabo por soldados indianos que serviam na Companhia Britânica das Índias Orientais, sob ordens de oficiais ingleses. (N.T.)

[2] A segunda guerra dos Bôeres, de 1899 a 1902, que opôs o império colonial britânico e os fundadores de duas repúblicas independentes no nordeste da África do Sul: Transvaal e Orange. (N.T.)

CAPÍTULO 9

Laurels

A viagem de trem de Exhampton a Exeter levava cerca de meia hora. Às cinco para o meio-dia, o inspetor Narracott já tocava a campainha da porta da frente em Laurels.

Laurels era uma propriedade um tanto dilapidada, necessitando com urgência de uma nova demão de tinta. O jardim ao redor da casa estava malcuidado e cheio de ervas daninhas, e o portão pendia frouxo das dobradiças.

“Eles não têm muito dinheiro por aqui”, pensou o inspetor Narracott consigo mesmo. “É evidente que estão quebrados.”

Ele era um homem bastante imparcial em seus julgamentos, mas as primeiras investigações pareciam indicar que havia pouca possibilidade de o capitão haver sido vítima de um inimigo. Por outro lado, até onde ele sabia, a morte do velho havia beneficiado quatro pessoas com uma soma considerável. Os movimentos dessa quatro pessoas também precisavam ser investigados. A ficha de entrada no registro do hotel era sugestiva, mas no fim das contas Pearson era um nome bastante comum. O inspetor tentava, angustiado, não tomar qualquer decisão precipitadamente e manter a mente aberta enquanto cobria todas as hipóteses o mais rápido possível.

Uma empregada de aparência algo desleixada atendeu à campainha. Narracott se apresentou:

– Boa tarde. Eu gostaria de falar com a sra. Gardner, por favor. É um assunto ligado à morte do irmão dela, o capitão Trevelyan, em Exhampton.

Ele achou por bem não entregar seu cartão oficial à criada. Sabia, pela experiência acumulada, que o mero fato de ser da polícia já a deixaria confusa e sem fala.

– Ela já sabe da morte do irmão? – perguntou o inspetor, em tom casual, enquanto a criada se afastava para deixá-lo entrar no saguão.

– Sim, senhor. Veio um telegrama. Do advogado, o sr. Kirkwood.

– Ótimo.

A criada conduziu-o até a sala de estar – uma sala que, como a fachada do prédio, estava bastante necessitada de algum investimento em reformas, mas que mantinha, ainda assim, um ar charmoso, que o inspetor percebeu sem ser capaz, contudo, de identificar o porquê.

– Deve ter sido um golpe para sua patroa – ele observou.

Notou que a garota respondeu de um jeito um tanto vago:

– Não se viam muito.

Estava ansioso para testar o efeito de um ataque surpresa.

– O telegrama dizia que foi assassinato? – perguntou.

– Assassinato! – a moça arregalou os olhos, com uma expressão mista de horror e de intensa curiosidade. – Quer dizer que mataram ele?

– Oh! – disse o inspetor Narracott. – Percebo que ainda não sabia. O sr. Kirkwood não deve ter desejado dar a notícia para sua patroa de modo tão abrupto, mas entenda, minha cara... Como é mesmo seu nome, a propósito?

– Beatrice, senhor.

– Bem, compreenda, Beatrice, estará nas edições de hoje dos jornais da tarde.

– Eu nunca... – disse Beatrice. – Assassinado... Que horror, não é? Racharam a cabeça dele, deram um tiro ou foi outra coisa?

O inspetor recebeu com satisfação o interesse dela pelos detalhes e acrescentou, sorrateiro:

– Creio que havia alguma combinação para sua patroa ir ver o irmão em Exhampton ontem à tarde. Mas suponho que o tempo estava ruim demais para isso.

– Não ouvi nada disso, senhor – disse Beatrice. – Acho que o senhor está enganado. A senhora saiu à tarde para fazer algumas compras e depois foi ao cinema.

– A que horas ela voltou?

– Por volta de seis da tarde.

Aquilo deixava a sra. Gardner fora de suspeita.

– Não sei muito a respeito da família – prosseguiu, em tom casual. – A sra. Gardner é viúva?

– Não, senhor, há o patrão.

– O que ele faz?

– Não faz nada – disse Beatriz, encarando-o. – Ele não pode. É paralisado.

– Ele é inválido? Lamento muito. Não sabia.

– Não pode andar. Fica deitado na cama o dia inteiro. Tem de haver sempre uma enfermeira na casa. Não é qualquer moça que aguenta ficar numa casa com uma enfermeira o tempo todo, sempre mandando fazer chá ou trazer uma bandeja de alguma coisa.

– Deve ser muito cansativo – disse o inspetor, em tom suave. – Agora, poderia, por favor, ir dizer à sua senhora que estou aqui da parte do sr. Kirkwood, em Exhampton?

Beatrice se retirou, e dentro de poucos minutos a porta se abriu e entrou na sala uma mulher alta, com aspecto autoritário. Tinha um rosto de aparência incomum, testa muito ampla acima das sobrancelhas e cabelo preto com toques cinzentos nas têmporas, que ela arrumava em um coque repuxado para trás. Lançou um olhar inquisitivo para o inspetor:

– Vem da parte do sr. Kirkwood, em Exhampton?

– Não exatamente, sra. Gardner. Foi o que eu disse à sua criada. Seu irmão, o capitão Trevelyan, foi assassinado ontem à tarde, e eu sou o inspetor de polícia Narracott, encarregado do caso.

Fosse lá o que mais a sra. Gardner pudesse ser, uma coisa ao menos era certa: era uma mulher com nervos de aço. Seus olhos se estreitaram e ela segurou abruptamente a respiração. Depois,

indicando uma cadeira para o inspetor e sentando-se ela própria de frente para ele, comentou:

– Assassinado! Mas que estranho! Quem neste mundo poderia querer matar Joe?

– É o que estou ansioso para descobrir, sra. Gardner.

– É claro. Espero poder ajudá-lo de alguma forma, mas duvido. Meu irmão e eu nos vimos muito pouco nos últimos dez anos. Não sei nada sobre seus amigos ou qualquer vínculo que ele tenha criado.

– Desculpe-me pela pergunta, sra. Gardner, mas a senhora e seu irmão estavam brigados?

– Não, brigados não. Acho que “estremecidos” seria a melhor palavra para descrever a situação de nosso relacionamento. Não quero entrar em detalhes familiares, mas meu irmão ressentiu-se bastante de meu casamento. Acho que é raro irmãos aprovarem as escolhas de suas irmãs, mas normalmente, ao menos é o que imagino, disfarçam seus sentimentos melhor do que meu irmão. Ele, como talvez o senhor saiba, era um homem de grande fortuna, legada por uma tia. E tanto eu quanto minha irmã casamos com homens pobres. Quando meu marido ficou incapacitado durante a guerra pela explosão de uma granada e teve de dar baixa, uma pequena ajuda financeira teria sido para nós um maravilhoso alívio, teria me permitido dar a ele um caro tratamento médico que, de outra maneira, lhe foi negado. Pedi um empréstimo ao meu irmão, e ele recusou – o que, é claro, tinha todo o direito de fazer. Mas desde então temos nos encontrado raramente, de tempos em tempos, e mal trocamos cartas.

Era um resumo claro e sucinto.

“Personalidade intrigante a desta sra. Gardner”, foi o que pensou o inspetor. De algum modo, ele não conseguia compreendê-la muito bem. Aparentava uma calma pouco natural, artificialmente pronta para uma recitação dos fatos. Ele notou, também, que, mesmo com toda a surpresa, ela não pediu mais detalhes da morte do irmão. Aquilo lhe parecia extraordinário.

– Não sei se a senhora gostaria de ouvir o que exatamente ocorreu... em Exhampton – ele começou.

Ela franziu o cenho:

– É preciso que eu ouça? Meu irmão foi assassinado... sem dor, eu espero.

– Realmente, sem dor.

– Então, por favor, poupe-me de qualquer detalhe revoltante.

“Isso é pouco natural”, pensou o inspetor, “decididamente não é natural.”

Como se houvesse lido sua mente, ela usou a mesma expressão:

– Suponho que o senhor ache isso pouco natural, inspetor, mas... eu já ouvi histórias de muitos horrores. Meu marido me contou coisas que viu durante a guerra – ela estremeceu. – Acho que o senhor entenderia se conhecesse melhor as minhas circunstâncias.

– Oh, é claro que sim, sra. Gardner. O motivo que realmente me trouxe aqui foi obter da senhora alguns detalhes sobre sua família.

– Sim?

– Sabe quantos parentes vivos seu irmão tinha, além da senhora?

– Parentes próximos, apenas os Pearson. Os filhos de minha irmã Mary.

– E quais são seus nomes?

– James, Sylvia e Brian.

– James?

– Ele é o mais velho. Trabalha em uma companhia de seguros.

– Que idade tem?

– Vinte e oito.

– É casado?

– Não, mas está noivo... de uma garota muito boa, acredito.

Ainda não tive a oportunidade de conhecê-la.

– E qual é o endereço dele?

– Cromwell Street, 21, em Londres.

O inspetor anotou.

– Continue, sra. Gardner.

– Depois dele vem Sylvia. É casada com Martin Dering... O senhor deve ter lido algum de seus livros. É um escritor de algum sucesso.

– Obrigado pela informação. E qual o endereço deles?

– Nook, Surrey Road, em Wimbledon.

– E o que mais?

– O mais novo é Brian... Mas está na Austrália. Receio que não saiba seu endereço, mas o irmão e a irmã devem saber.

– Muito obrigado, sra. Gardner. Apenas por mera formalidade, se importa em me dizer o que a senhora fez durante a tarde de ontem?

Ela pareceu surpresa.

– Deixe-me ver... Fiz algumas compras... Sim, foi isso... Depois fui ao cinema. Voltei para casa por volta de seis da tarde e me deitei até a hora do jantar, uma vez que o filme havia me deixado com dor de cabeça.

– Obrigado, sra. Gardner.

– Mais alguma coisa?

– Não, não acho que tenha qualquer coisa mais a perguntar.

Agora vou entrar em contato com seu sobrinho e sua sobrinha. Não sei se o sr. Kirkwood já a informou deste fato, mas a senhora e os três jovens Pearson herdaram o dinheiro do capitão.

Um rubor gradual mas intenso aflorou às faces da mulher.

– Isso será maravilhoso... – disse, com voz tranquila. – Tem sido tão difícil, tão terrivelmente difícil... Sempre poupando migalhas, economizando...

Ela se levantou de um salto quando a voz queixosa de um homem vibrou nas escadas, vinda do andar de cima.

– Jennifer, Jennifer, preciso de você.

– Queira me desculpar – ela disse.

Enquanto abria a porta da sala, o chamado de novo se fez ouvir, desta vez mais alto e autoritário.

– Jennifer, onde você está? Preciso de você aqui, Jennifer.

O inspetor a havia seguido até a porta. Permaneceu em pé no saguão, observando-na disparar escada acima enquanto gritava:

– Já estou indo, querido!

Uma enfermeira que descia as escadas deu um passo para o lado para deixá-la passar.

– Por favor, vá ver o sr. Gardner, ele está ficando muito agitado. A senhora sempre consegue acalmá-lo.

O inspetor Narracott postou-se deliberadamente no caminho da enfermeira quando ela alcançou o fim da escada e disse:

– Posso falar-lhe por um momento? Minha conversa com a sra. Gardner foi interrompida.

A enfermeira entrou com vivacidade na sala de estar.

– A notícia do assassinato perturbou o paciente – ela explicou, ajustando o punho muito bem engomado de sua manga. – Aquela garota estúpida, Beatrice, veio correndo e despejou a história toda.

– Lamento – desculpou-se o inspetor. – Temo que tenha sido culpa minha.

– O que é isso, o senhor não teria como saber – disse a enfermeira, de modo gracioso.

– A doença do sr. Gardner é grave? – perguntou o inspetor.

– É um caso triste. Claro, pode-se dizer que não há nada de errado com ele fisicamente. Não há deficiência visível, mas ele perdeu o uso dos membros devido a um choque nervoso.

– Ele teve algum outro motivo de choque ou tensão ontem à tarde? – questionou o inspetor.

– Não que eu saiba... – respondeu a enfermeira, um tanto surpresa.

– Esteve com ele a tarde toda?

– Era a minha intenção, mas bem... para falar a verdade, o capitão Gardner estava ansioso para que eu devolvesse dois livros para ele na biblioteca. Ele havia esquecido de pedir à esposa antes que ela saísse. Assim, para agradá-lo, eu os levei, e ele me pediu também para comprar uma ou duas coisinhas para ele... presentes para a esposa, na verdade. Ele foi muito gentil, e me disse que eu poderia tomar um chá às suas custas na Boots, porque enfermeiras não gostam de ficar sem seu chá. Uma piadinha, o senhor entende. Não saí antes de quatro horas, e com as lojas tão cheias logo antes do Natal, e devido a uma coisa e outra, só consegui voltar depois

das seis da tarde, mas o pobre homem pareceu ter ficado bastante confortável. De fato, disse-me que dormiu a maior parte do tempo.

– A sra. Gardner já havia voltado a essa hora?

– Sim, creio que estava deitada.

– Ela é muito dedicada ao marido, não é mesmo?

– Tem adoração por ele. Acredito, de fato, que aquela mulher faria qualquer coisa pelo marido. É muito comovente, e bem diferente de alguns dos outros casos que já atendi. Agora mesmo, no mês passado...

Mas o inspetor soube se esquivar com considerável habilidade do escândalo prestes a ser relatado. Olhou para o relógio e exclamou em voz alta:

– Santo Deus! Vou perder meu trem. A estação não é longe daqui, não?

– St. David fica a apenas três minutos de caminhada, se é a estação que o senhor quer. Ou o senhor se refere à da Queen Street?

– Preciso correr – disse o inspetor. – Diga à sra. Gardner que sinto muito não ter podido me despedir pessoalmente. Foi um grande prazer conhecê-la. E nossa conversa foi muito agradável, enfermeira.

A enfermeira cumprimentou-o.

“Um homem bastante atraente”, pensou consigo mesma enquanto o inspetor saía, fechando a porta. “Tem realmente uma boa aparência. E modos tão gentis.”

Com um leve suspiro, ela subiu as escadas até seu paciente.

CAPÍTULO 10

A família Pearson

O movimento seguinte de Narracott foi relatar o caso a seu superior, o superintendente Maxwell, que ouviu a narrativa com interesse.

– Parece que será um caso grande – disse, pensativo. – Vai ganhar as manchetes dos jornais.

– Concordo com o senhor.

– Temos de ser cuidadosos. Não queremos cometer nenhum erro. Mas penso que você está na pista certa. Tem de chegar até esse tal James Pearson o mais rápido possível... Descobrir onde ele estava na tarde de ontem. Como você diz, é um sobrenome bastante comum, mas há também o primeiro nome. É claro, o fato de ele ter assinado seu próprio nome tão abertamente mostra que não havia qualquer premeditação em seus atos. Seria difícil ele ser assim tão tolo. A mim me parece que houve uma briga e uma explosão súbita. Se for o mesmo homem hospedado no hotel, deve ter ficado sabendo da morte do tio naquela noite. E, sendo assim, por que embarcou furtivamente no trem das seis na manhã seguinte, sem dizer uma palavra a ninguém? Não, isso parece errado. Sempre é bom garantir que a coisa toda não passou de coincidência. Você deve esclarecer isso o mais rápido possível.

– É o que eu penso, senhor. É melhor tomar o trem das 13h45min até a cidade. Uma hora ou outra quero ter uma palavrinha com essa senhora Willett, que alugou a casa do capitão. Algo ali não cheira bem. Mas não tenho como chegar a Sittaford no momento, as estradas ainda estão intransitáveis por causa da neve. E, de qualquer forma, ela pode não ter conexão direta alguma com

o crime. Ela e a filha estavam, na verdade... bem, jogando mesa-girante na hora em que o crime foi cometido. E a propósito disso, uma coisa bastante esquisita aconteceu.

O inspetor narrou a história que havia ouvido do major Burnaby.

– Isso é bizarro! – berrou o superintendente. – Acha que o velho está dizendo a verdade? É o tipo de história inventada *a posteriori* por aqueles que acreditam em espíritos e em coisas do gênero.

– Penso que seja tudo verdade – disse Narracott, com uma careta. – Tive muita dificuldade para arrancar tudo do major. Ele não é um crédulo, bem ao contrário: velho soldado, com a atitude de “isso é tudo uma bobagem”.

O superintendente anuiu, compreendendo o que o outro queria dizer, e concluiu:

– Bem, é estranho, mas não nos leva a lugar algum.

– Então tomarei o das 13h45min para Londres.

O outro assentiu.

Ao chegar à cidade, Narracott foi direto para o nº 21 da Cromwell Street. Lá, foi dito que o sr. Pearson estava no trabalho. Estaria de volta com certeza por volta de sete horas.

Narracott balançou a cabeça com indiferença, como se a informação não tivesse valor algum para ele, e disse:

– Voltarei se puder. Não é nada de importante – e partiu apressado, sem declinar seu nome.

Decidiu não ir até o escritório da seguradora, mas sim até Wimbledon, a fim de ter uma entrevista com a sra. Martin Dering, que atendia anteriormente por Sylvia Pearson.

Não havia sinais de decrepitude na residência de Nook. “Nova e pobre”, foi como o inspetor a descreveu para si mesmo.

A sra. Dering estava em casa. Uma criada pequena e bem-proporcionada, vestida de lilás, admitiu-o em um vestíbulo um tanto abarrotado. Ele apresentou seu cartão de visitas para ser entregue à dona da casa. A sra. Dering veio até ele quase imediatamente, com o cartão nas mãos.

– Suponho que o senhor tenha vindo por causa do pobre tio Joseph – foi a maneira como o saudou. – É surpreendente.. de fato surpreendente! Eu já sou tão terrivelmente assustada com ladrões. Na semana passada, mandei colocar duas trancas extras na porta dos fundos, e ferrolhos novos nas janelas.

O inspetor sabia, pelo que lhe dissera a sra. Gardner, que Sylvia Dering tinha somente 23 anos, mas aparentava ter bem mais de trinta. Era pequena, clara, com aparência anêmica e um semblante cheio de preocupação e angústia. Sua voz tinha aquela nota tímida e queixosa que é provavelmente o som mais tedioso que uma voz humana pode ter. Sem dar tempo para o inspetor falar, ela continuou.

– Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudá-lo, de qualquer natureza, ficarei feliz em fazê-lo, mas ninguém na família tinha muito contato com tio Joseph. Ele não era um homem muito gentil... e tenho certeza de que ele não poderia ser. Não era o tipo de pessoa com que se pudesse contar em caso de problemas, sempre reclamando e criticando. Não era o tipo de homem que tem o mínimo conhecimento do que a literatura significa. O sucesso... o verdadeiro sucesso nem sempre é medido em termos de dinheiro, inspetor.

Afinal ela havia se interrompido, e o inspetor, para quem aqueles comentários haviam aberto certos campos de especulação, tinha a oportunidade de falar.

– Soube bem rápido da tragédia, sra. Dering.

– Tia Jennifer me mandou um telegrama.

– Entendo.

– Mas suponho que estará nos jornais da tarde. Assustador, não?

– Pelo que entendi, a senhora não viu muito seu tio nos últimos anos.

– Desde meu casamento, eu o vi apenas duas vezes. Na segunda ocasião, ele foi realmente muito grosseiro com Martin. Claro que ele sempre foi um filisteu, de qualquer maneira... Amante dos esportes e sem nenhum apreço, como eu disse há pouco, pela literatura.

“O marido pediu a ele um empréstimo e teve seu apelo recusado”, foi o comentário íntimo do inspetor Narracott a respeito da situação.

– Apenas por questão de formalidade, sra. Dering, poderia me dizer quais foram seus movimentos na tarde de ontem?

– Meus movimentos? Que maneira bem estranha de falar, inspetor. Joguei bridge a maior parte da tarde e uma amiga veio me visitar e passou a noite aqui comigo, já que meu marido estava fora.

– Fora? Onde exatamente?

– Em um jantar literário – explicou a sra. Dering com ares importantes – acertado durante um almoço com um editor americano.

– Compreendo.

As declarações pareciam bem claras e francas. O inspetor prosseguiu:

– Seu irmão mais novo está na Austrália, não é, sra. Dering?

– Sim.

– Sabe o endereço dele?

– Oh, sim, posso encontrá-lo para o senhor, se assim o desejar... Um lugar de nome bem peculiar... Mas não consigo me lembrar agora. Em alguma parte de Nova Gales do Sul.

– Se possível, pode me informar também o endereço de seu irmão mais velho?

– Jim?

– Sim. Gostaria de entrar em contato com ele.

A sra. Dering apressou-se em fornecer-lhe o endereço – o mesmo que a sra. Gardner já havia informado.

Sentindo que não havia nada mais a ser dito, o inspetor abreviou a entrevista.

Olhando para o relógio, percebeu que estaria de volta a Londres por volta de sete horas. Uma hora boa, esperava, para encontrar o sr. James Pearson em casa.

Quem abriu a porta do nº 21 foi a mesma mulher de meia-idade e olhar superior que já o havia atendido. Sim, o sr. Pearson

estava em casa agora. No segundo andar, se o cavalheiro não se importasse em subir.

Ela avançou à frente dele, bateu de leve em uma porta e disse, em uma voz sussurrante e obsequiosa:

– Um cavalheiro quer vê-lo.

Depois, com um passo para o lado, permitiu a entrada do inspetor.

Um homem jovem, de roupão, estava parado no meio da sala. Era de boa aparência. Podia até ser bonito, para dizer a verdade, se fossem relevadas a inclinação irresoluta dos olhos e a boca de lábios finos. Tinha uma fisionomia cansada e o ar de quem não havia dormido muito na noite anterior.

Lançou um olhar interrogativo para o inspetor enquanto este avançava.

– Sou o inspetor-detetive Narracott – apresentou-se, mas não foi muito adiante.

Com um grito rouco, o jovem deixou-se cair em uma cadeira, jogou os braços sobre a mesa à frente e, escondendo a cabeça no meio deles, murmurou:

– Meu Deus! Chegou a hora.

Depois de alguns minutos ele ergueu o rosto e disse:

– O que há? Por que não anda logo com isso, homem?

O inspetor Narracott lançou-lhe um olhar bastante apático e simplório.

– Estou investigando a morte de seu tio, o capitão Joseph Trevelyan. Posso perguntar, senhor, se tem algo a dizer sobre o caso?

O jovem se levantou devagar e disse em uma voz baixa e forçada:

– O senhor está aqui... para me prender?

– Não, senhor. Se estivesse, eu daria o aviso de praxe. Estou aqui simplesmente para perguntar quais foram suas atividades na tarde de ontem. Pode responder ou não às minhas questões, como achar melhor.

– E se eu não respondê-las, isso será usado contra mim. Ah, sim, conheço seus truques. Então descobriram que eu estive ontem

em Exhampton?

– O senhor assinou seu nome no registro do hotel, sr. Pearson.

– Suponho que seja inútil negar. Eu *estive* lá. Por que não poderia estar?

– De fato, por quê? – repetiu o inspetor, compassivo.

– Fui até lá para ver meu tio.

– Um encontro marcado?

– O que quer dizer com “encontro marcado”?

– Seu tio sabia que estava indo?

– Eu... não... não sabia. Foi... um impulso repentino.

– E sem motivo algum?

– Eu... motivo? Não, por que deveria haver um? Só queria ver meu tio.

– Perfeitamente, senhor. E o senhor o viu?

Houve uma pausa... Uma pausa muito longa. A hesitação estava gravada em cada traço do rosto do jovem. O inspetor Narracott sentiu uma espécie de pena enquanto o observava. O garoto não conseguia ver que sua indecisão palpável era tão boa quando uma admissão de culpa?

Por fim, Jim Pearson soltou um longo suspiro:

– Suponho que é melhor confessar tudo. Sim... eu o vi.

Perguntei na estação sobre como poderia chegar a Sittaford, e me disseram que estava fora de questão. As estradas estavam intransitáveis para qualquer veículo. Eu disse que era urgente.

– Urgente – murmurou o inspetor.

– Eu... eu queria muito ver meu tio.

– É o que parece, senhor.

– O carregador continuou a sacudir a cabeça e a dizer que era impossível. Eu mencionei o nome de meu tio e dessa vez seu rosto se iluminou, e ele me disse que meu tio estava na verdade morando em Exhampton, e me deu todas as orientações para encontrar a casa que ele havia alugado.

– A que horas foi isso, senhor?

– Por volta de uma da tarde, eu acho. Fui para a hospedaria... a Three Crowns... me acomodei em um quarto e almocei por lá. Em seguida... saí para visitar meu tio.

- Imediatamente depois?
- Não, não imediatamente.
- A que horas saiu?
- Bem, não saberia dizer com certeza.
- Três e meia? Quatro? Quatro e meia?
- Eu... – ele agora gaguejava ainda mais do que antes – não acho que tenha sido assim tão tarde.
- A sra. Belling, a proprietária da hospedaria, disse que o senhor saiu às quatro e meia.
- Saí? Não... Não, acho que ela se enganou. Não podia ser assim tão tarde.
- E o que aconteceu depois?
- Encontrei a casa de meu tio, tive uma conversa com ele e voltei para o hotel.
- Como entrou na casa de seu tio?
- Eu toquei a campainha e ele abriu a porta para mim.
- Ele não ficou surpreso em vê-lo?
- Sim, sim, bastante surpreso.
- Quanto tempo permaneceu com ele, sr. Pearson?
- Uns quinze minutos... talvez vinte. Mas escute aqui, ele estava perfeitamente bem quando eu o deixei. Perfeitamente bem, eu juro.
- E *a que horas* o senhor o deixou?
- O jovem baixou os olhos. Outra vez, a hesitação foi palpável em seu tom de voz:
- Não sei com certeza.
- Eu acho que sabe, sr. Pearson.
- O tom assertivo do inspetor surtiu efeito. O moço respondeu em voz baixa:
- Eram cinco e quinze da tarde.
- O senhor retornou para o Three Crowns às quinze para as seis. No máximo teria levado sete ou oito minutos da casa de seu tio até lá.
- Eu não fui direto para o hotel. Fui passear pela cidade.
- Naquele clima... Na nevasca!

– Não estava nevando àquela hora, começou a nevar mais tarde.

– Entendo. E qual foi a natureza da conversa que manteve com seu tio?

– Ah, nada em particular. Eu... eu só queria falar com o velho, dar uma olhada nele, esse tipo de coisa, o senhor entende.

“É um péssimo mentiroso”, pensou o inspetor consigo mesmo. “Até eu faria melhor.”

– Muito bem, senhor. Agora, posso perguntar por que, ao ouvir a notícia do assassinato de seu tio, o senhor deixou Exhampton sem revelar seu relacionamento com o morto?

– Eu estava assustado – disse o jovem, francamente. – Soube que ele havia sido morto por volta da hora em que eu deixei a casa. É um golpe que pode assustar qualquer um, não é mesmo? Recobrei o fôlego e deixei o lugar no primeiro trem disponível. Ouso dizer que fui tolo em fazer tal coisa. Mas o senhor sabe como é quando se está abalado, e qualquer um poderia ter se abalado, dadas as circunstâncias.

– É tudo o que tem a dizer, senhor?

– Sim... Sim, é tudo.

– Então talvez o senhor não faça objeção em me acompanhar para ter seu depoimento tomado por escrito. Depois, ele será lido e o senhor poderá assiná-lo.

– E isso é tudo?

– É possível que seja necessário detê-lo depois do interrogatório, sr. Pearson.

– Meu Deus – disse Jim Pearson. – Ninguém pode me ajudar?

Naquele exato momento, a porta se abriu e uma jovem entrou na sala.

Era, como o olhar observador do inspetor Narracott percebeu logo de cara, uma jovem de um tipo excepcional. Não era de uma beleza notável, mas tinha um rosto cativante e incomum, um rosto que, uma vez visto, não podia ser esquecido. Havia ao redor dela uma atmosfera de bom-senso, de *savoir faire*, de determinação invencível e de um fascínio perturbador.

– Jim! – ela exclamou – O que está havendo?

– Está tudo acabado, Emily. Eles pensam que matei meu tio.

– Quem pensa isso? – quis saber Emily.

O rapaz apontou para o inspetor com um gesto:

– Este é o inspetor Narracott – disse, e acrescentou como uma débil tentativa de apresentação: – Srta. Emily Trefusis.

– Ah! – disse Emily.

Ela estudou o inspetor com um par de olhos castanhos e astutos, para depois afirmar:

– Jim é um idiota assustado. Mas não mataria ninguém.

O inspetor não disse nada.

– Suponho – continuou Emily, voltando-se para Jim – que você andou dizendo coisas terrivelmente imprudentes. Se lesse um pouco mais os jornais, Jim, saberia que não se deve falar com um policial a menos que se tenha um bom advogado ao lado fazendo objeções a cada palavra. O que aconteceu? O senhor o está prendendo, inspetor Narracott?

O inspetor explicou técnica e claramente o que estava fazendo.

– Emily – choramingou o rapaz –, não acredita que eu fiz isso, não? Não acreditará jamais que eu tenha feito tal coisa, não é mesmo?

– Não, querido – disse Emily, gentil. – É claro que não – e acrescentou em um tom pensativo: – Você não teria coragem.

– Tenho a sensação de que não tenho amigo algum neste mundo – resmungou Jim.

– Sim, você tem – disse Emily. – Tem a mim. Acalme-se, Jim. Olhe para estes diamantes brilhando no anular da minha mão esquerda. Aqui está nosso anel de noivado, o sinal de minha fidelidade. Vá com o inspetor e deixe tudo comigo.

Jim Pearson se levantou, ainda com uma expressão estupefata. Apanhou o sobretudo, que estava jogado sobre uma cadeira, e o vestiu. O inspetor Narracott entregou-lhe um chapéu que repousava em um móvel próximo. Eles se dirigiram para a porta e o inspetor disse, educadamente:

– Boa noite, srta. Trefusis.

– *Au revoir*, inspetor – retribuiu Emily, com doçura.

E se o inspetor conhecesse melhor a srta. Emily Trefusis, saberia que por trás daquelas três palavras havia um desafio.

CAPÍTULO 11

Emily se põe em ação

O exame legal do corpo do capitão Trevelyan foi realizado na manhã de segunda. Do ponto de vista da sensação provocada pelo caso, foi uma decepção que a entrega do relatório tenha sido quase imediatamente marcada para dali a uma semana, desapontando assim um grande número de curiosos. Entre sábado e segunda-feira, Exhampton havia conhecido a fama. A notícia de que o sobrinho do morto fora preso por ligação com o assassinato fez o caso inteiro pular de um mero parágrafo nas páginas internas dos jornais para as manchetes garrafais. Na segunda-feira, um grande número de repórteres chegou a Exhampton. O sr. Charles Enderby tinha razão mais uma vez para se congratular pela situação privilegiada que havia obtido pela entrega puramente fortuita daquele prêmio do concurso sobre futebol.

A intenção do jornalista era aferrar-se ao major Burnaby como uma sanguessuga e, sob o pretexto de fotografar o velho em seu chalé, obter informações exclusivas dos habitantes de Sittaford sobre suas relações com o morto.

Não escapou à observação de Enderby que, na hora do almoço, uma mesinha próxima à porta estava ocupada por uma garota muito atraente. O repórter se perguntou o que ela estava fazendo em Exhampton. Estava bem-vestida, em um estilo que tinha um tanto de discreto e outro tanto de provocante, e não parecia ser parente do falecido. Podia, menos ainda, ser rotulada como um dos curiosos indolentes que acompanhavam o caso.

“Quanto tempo será que ela ficará por aqui?”, pensou o sr. Enderby. “É mesmo uma pena que eu tenha de ir para Sittaford esta

tarde. Que bela sorte... Bem, não se pode ter sorte em tudo, eu suponho.”

Logo depois do almoço, o sr. Enderby teve uma agradável surpresa. Estava parado à entrada do Three Crowns, observando o derretimento acelerado da neve e aproveitando os raios preguiçosos do sol de inverno, quando ouviu uma voz, uma voz extremamente charmosa, dirigida a ele:

– Por favor, me desculpe, mas o senhor poderia me dizer se há alguma coisa para se ver aqui em Exhampton?

Charles Enderby atirou-se prontamente à ocasião e disse:

– Há um castelo, eu creio. Não é nada de mais, mas é o que há para ver. Talvez a senhora me permita mostrar o caminho até lá.

– Seria muita gentileza sua – disse a jovem. – Se o senhor não estiver muito ocupado... Charles Enderby renunciou imediatamente à ideia de estar ocupado.

Juntos, puseram-se a caminho.

– O senhor é Charles Enderby, não é? – disse a moça.

– Sim. Como sabe?

– A sra. Belling me disse quem o senhor era.

– Oh, compreendo.

– Meu nome é Emily Trefusis. Sr. Enderby, preciso de sua ajuda.

– Minha ajuda? – disse Enderby. – Ora, certamente, mas...

– Entenda, sou a noiva de Jim Pearson.

– Oh! – disse Enderby, as possibilidades jornalísticas crescendo em sua mente.

– E a polícia quer prendê-lo. Eu sei que quer. Sr. Enderby, eu sei que Jim não fez aquilo. Vim até aqui para provar. Mas preciso ter alguém que me ajude. Uma mulher não pode fazer nada sem um homem. Os homens sabem mais coisas e são capazes de obter informações de muitas maneiras que são simplesmente impossíveis para as mulheres.

– Bem... sim, suponho que isso seja verdade – disse o sr. Enderby, complacente.

– Esta manhã estava observando todos aqueles jornalistas – continuou Emily. – A maioria tinha rostos tão estúpidos. Concluí que o senhor era o único realmente esperto dentre eles.

– Bom, não acho que isso seja verdade, a senhorita sabe... – emendou Enderby, mais complacente ainda.

– O que desejo lhe propor é uma espécie de parceria. Haverá, creio, benefícios para ambos os lados. Há certas coisas que eu quero investigar... certos pontos que preciso descobrir. É aí que o senhor, em seu papel de jornalista, pode me ser útil. Eu quero...

Emily fez uma pausa. O que ela realmente queria era contratar o sr. Enderby como seu próprio investigador particular, para que ele fosse aonde ela o mandasse, para fazer as perguntas que ela queria fazer. Para ser, de modo geral, uma espécie de escravo. Mas estava ciente da necessidade de formular essas proposições em termos ao mesmo tempo elogiosos e agradáveis. O fundamental era que ela fosse a chefe, mas o assunto precisava ser encaminhado cuidadosamente.

– Eu quero sentir que posso contar com o senhor.

A voz dela era adorável, líquida e tentadora. Quando completou a última frase, aflorou no peito do sr. Enderby a sensação de que aquela garota amável e desamparada poderia contar com ele até as últimas consequências.

– Deve ser terrível... – disse o sr. Enderby e, tomando a mão dela a apertou com fervor. – Mas a senhorita deve saber – ele prosseguiu, numa reação jornalística – que meu tempo não é inteiramente meu. Quer dizer, tenho de ir aonde o jornal me mandar.

– Sim – disse Emily. – Já pensei nisso, e é aí que entra minha parte no acordo. Seguramente, eu sou aquilo que os senhores chamam de um “furo de reportagem”, não? O senhor pode me entrevistar todos os dias, e me fazer dizer qualquer coisa que ache que seus leitores vão gostar: “*A noiva de Jim Pearson. A garota que acredita apaixonadamente na inocência do noivo conta reminiscências da infância do acusado.*” Eu não sei nada a respeito da infância dele, o senhor entende – ela acrescentou –, mas isso não importa.

– A senhorita é maravilhosa – disse o sr. Enderby. – Realmente maravilhosa.

– E além do mais – emendou Emily, aproveitando-se da vantagem –, eu tenho acesso natural aos familiares de Jim. Posso levá-lo até eles como um amigo, porque de outra forma é bastante possível que o senhor tenha a porta fechada na sua cara.

– Não que eu não saiba disso muito bem – disse o sr. Enderby, magoado, recordando vários reveses semelhantes no passado.

Uma perspectiva gloriosa se abria diante dele. Ele havia tido sorte nesse caso desde o começo. Primeiramente a casualidade fortuita do concurso de futebol, e agora isso.

– Fechado – ele disse, com ardor.

– Ótimo – continuou Emily, tornando-se ríspida e profissional. – E agora, qual será o primeiro passo?

– Irei a Sittaford esta tarde.

Ele explicou a afortunada circunstância que o havia posto em situação favorável aos olhos do major Burnaby.

– Porque a senhorita imagine, o homem é o tipo do velho teimoso que odeia jornalistas mais do que veneno. Mas não se pode exatamente enxotar um sujeito que acabou de lhe entregar cinco mil libras, não é mesmo?

– Seria muito deselegante. Bem, se está indo a Sittaford, eu irei com o senhor.

– Esplêndido – concordou o sr. Enderby. – Não sei, contudo, se há algum lugar para ficar por lá. Até onde sei, há apenas a mansão Sittaford e uns poucos chalés pertencentes a pessoas como Burnaby.

– Vamos encontrar alguma coisa – disse Emily. – Eu sempre encontro.

O sr. Enderby podia muito bem acreditar. Emily tinha o tipo de personalidade que rapidamente transpunha qualquer obstáculo.

Haviam chegado ao castelo em ruínas, mas, sem prestar nenhuma atenção nele, sentaram-se em um pedaço de muralha à débil luz do sol, e Emily continuou a desenvolver suas ideias.

– Estou encarando esse caso, sr. Enderby, de uma forma absolutamente profissional e sem sentimentalismos. Para começo de conversa, o senhor tem de acreditar em mim quando digo que Jim não é o assassino. Não estou dizendo isso só porque estou

apaixonada por ele, ou porque acredite em seu belo caráter ou qualquer coisa assim. É apenas conhecimento. Saiba que estou por minha própria conta desde que tinha dezesseis anos. Tive pouco contato com mulheres e sei bem pouco a respeito delas, mas conheço muito sobre os homens. E a menos que uma garota possa compreender por inteiro um homem e saiba como lidar com ele, jamais se sairá bem. Eu tenho me saído bem. Trabalho como manequim na Lucie's e posso dizer-lhe, sr. Enderby, que chegar até lá é um feito.

“Bem, como eu estava dizendo, eu posso avaliar um homem muito bem. Jim tem um caráter fraco em muitos aspectos. Não tenho certeza”, ela continuou, esquecendo-se por um momento de seu papel de admiradora de homens fortes, “se não é por esse motivo que eu gosto dele. A sensação de que eu posso conduzi-lo e fazer dele algo melhor. Há uma porção de coisas... bem, até mesmo criminosas, que eu consigo imaginar Jim fazendo se pressionado... mas não assassinato. Ele não poderia simplesmente apanhar um saco de areia e acertar com ele a nuca de um velho, pelas costas. É provável que, se tentasse, ele faria alguma trapalhada e atingiria o homem no lugar errado. Ele é... uma criatura gentil, sr. Enderby. Não gosta nem de matar insetos. Sempre tenta colocá-los para fora da janela sem machucá-los, e normalmente acaba picado. Contudo, não é bom me alongar demais nesse ponto. O senhor tem de acreditar em minha palavra e partir da pressuposição de que Jim é inocente.”

– Acha que alguém está tentando deliberadamente atribuir o crime a ele? – perguntou Charles Enderby, em seus melhores modos de jornalista.

– Acho que não. Entenda, ninguém sabia que Jim viria à cidade ver seu tio. É claro, nunca se pode ter certeza, mas eu diria que se trata da combinação de coincidência e má sorte. Temos de achar mais alguém com um motivo para matar o capitão Trevelyan. A polícia tem plena certeza de que não é obra do que chamam de “alguém de fora”. Ou seja: não foi um assalto. O arrombamento da janela foi forjado.

– A polícia lhe contou tudo isso?

- Praticamente – disse Emily.
- O que quer dizer com “praticamente”?
- A camareira do hotel me contou. A irmã dela é casada com o oficial Graves, então, é lógico, ela sabe tudo o que a polícia pensa.
- Muito bem – disse Enderby. – Não foi “alguém de fora”. Foi alguém de dentro, alguém próximo à vítima.
- Exato. A polícia, isto é, o inspetor Narracott, que, a propósito, considero um homem extremamente eficiente, deu início às investigações procurando quem se beneficiaria com a morte do capitão e, como Jim logo apareceu, eles não vão se dedicar muito a outras linhas de investigação. Bem, esse será o nosso trabalho.
- E que furo seria – comentou Enderby – se nós descobríssemos o verdadeiro assassino. O especialista criminal do *Daily Wire*, seria assim que me descreveriam. Mas é bom demais para ser verdade – ele acrescentou, em tom desapontado. – Esse tipo de coisa só acontece nos livros.
- Bobagem – disse Emily. – Vai acontecer comigo.
- A senhorita é simplesmente maravilhosa – repetiu Enderby. Emily sacou uma pequena caderneta.
- Agora, vamos ordenar as coisas de forma metódica. O próprio Jim, seu irmão, sua irmã e sua tia Jennifer foram beneficiados por igual com a morte do capitão. É claro que Sylvia, a irmã de Jim, não machucaria uma mosca, mas eu não poria a mão no fogo pelo marido; ele é o que eu chamaria de um bruto repugnante. O senhor sabe, artista, desagradável, tem casos com muitas mulheres... esse tipo de coisa. É muito provável que suas finanças estejam no buraco. O dinheiro que herdarem, na verdade, será de Sylvia, mas isso não importa para ele. Logo daria um jeito de arrancá-lo dela.
- Ele parece ser uma pessoa muito desagradável – disse o sr. Enderby.
- Oh, sim! Boa aparência e personalidade confiante. As mulheres cochicham com ele sobre sexo. E os homens de verdade o odeiam.
- Bem, esse é o suspeito nº 1 – disse o sr. Enderby, também tomando notas em um caderninho. – É preciso investigar seus movimentos na sexta-feira do crime... É fácil fazer isso sob o

pretexto de uma entrevista com o popular romancista ligado ao caso. O que acha?

– Perfeito – disse Emily. – Depois temos Brian, o irmão mais novo de Jim. Supostamente, ele está na Austrália, mas é bastante possível que já tenha voltado. Quero dizer, às vezes as pessoas retornam sem avisar.

– Poderíamos tentar contato com ele por telégrafo.

– É o que faremos. Suponho que tia Jennifer está fora de suspeita. Por tudo que já ouvi, é uma pessoa maravilhosa. Tem caráter. Ainda assim, no fim das contas, ela não está muito longe. Mora logo ali em Exeter. Ela *poderia* ter feito uma visita ao seu irmão, e ele *poderia* ter dito algo desagradável a respeito do marido que ela adora, e ela *poderia* ter perdido o controle, apanhado o saco de areia e acertado nele.

– Realmente acha isso? – perguntou o sr. Enderby, em tom de dúvida.

– Não, não realmente. Mas nunca se *sabe*. E há também o criado. Levou apenas cem libras no testamento, e parece boa gente. Mas, outra vez, nunca se sabe. A esposa dele é sobrinha da sra. Belling. O senhor sabe, a sra. Belling do Three Crowns. Acho que, quando voltar ao hotel, vou pedir o ombro dela emprestado para um desabafo. Ela parece uma alma bastante romântica e maternal. Acho que vai sentir muita pena de mim, com meu jovem noivo ameaçado de ir para a prisão, e pode deixar escapar algo útil. E por último, há, é claro, a mansão de Sittaford. Sabe o que eu acho realmente esquisito?

– O quê?

– Aquelas mulheres, as Willett. As únicas que alugariam a mansão mobiliada do capitão Trevelyan no meio do inverno. É uma coisa bem esquisita de se fazer.

– Sim, é estranho – concordou o sr. Enderby. – Deve haver algo por trás disso... Algo relacionado com o passado do capitão. Aquele negócio da sessão espírita foi esquisito, também – ele acrescentou. – Estou pensando em escrever sobre isso para o jornal, ouvindo as opiniões a respeito do assunto de sir Oliver Lodge e sir Arthur Conan Doyle [\[1\]](#), e de algumas atrizes e personalidades.

– Que sessão espírita?

O sr. Enderby contou tudo com evidente satisfação. Não havia nada relacionado ao assassinato que ele não tivesse sabido de uma forma ou de outra.

– Bastante estranho, não? – ele concluiu. – Digo, faz a gente pensar e tudo o mais. Pode haver algo de verdade nessas coisas. É a primeira vez em que eu me deparo com algo autêntico.

Emily sentiu um breve calafrio e disse:

– Odeio esses assuntos sobrenaturais. Porém, apenas desta vez, parece que há algo de verdadeiro, como o senhor diz. Mas... é tão assustador!

– Essa coisa de sessão espírita sempre parece pouco prática, não? Se o velhote podia aparecer e dizer que estava morto, por que ele não podia dizer quem o matou? Seria tudo mais simples...

– Sinto que pode haver uma pista em Sittaford – disse Emily, pensativa.

– Sim, acho que devemos investigar com cuidado. Aluguei um carro e partirei para lá em mais ou menos meia hora. É melhor que a senhorita venha comigo.

– Eu irei. E quanto ao major Burnaby?

– Está indo a pé. Partiu imediatamente após o exame legal. Se me perguntasse, eu diria que ele quis se livrar da minha companhia no caminho. Ninguém poderia querer se arrastar até lá com essa neve toda derretendo.

– E o carro conseguirá subir?

– Sim. Este é o primeiro dia em que o tráfego está liberado.

– Bem – disse Emily, pondo-se de pé –, está na hora de voltarmos para o Three Crowns. Vou arrumar minha mala e fazer uma breve cena lacrimosa no ombro da sra. Belling.

– Não se preocupe, deixe tudo por minha conta.

– É exatamente o que eu pretendo fazer – mentiu Emily. – É maravilhoso ter alguém em quem confiar.

Emily Trefusis era, realmente, uma moça muito talentosa.

[1] Oliver Lodge: físico inglês (1851-1940), famoso tanto por suas pesquisas sobre transmissão de ondas de rádio e pela criação de um protótipo de telégrafo sem fio quanto por estudos sobre telepatia e pela insistência de que poderia provar e desvendar cientificamente a vida após a morte. Conan Doyle: médico e escritor britânico (1859-1930), celebrado pelas dezenas de histórias protagonizadas pelo detetive Sherlock Holmes. Foi também ativo divulgador das doutrinas do espiritismo. (N.T.)

CAPÍTULO 12

A prisão

Em sua volta ao Three Crowns, Emily teve a boa sorte de topar de cara com a sra. Belling, parada no saguão.

– Oh, sra. Belling! – exclamou. – Vou partir esta tarde.

– É mesmo? Vai no trem das 16h10 para Exeter, senhorita?

– Não, vou subir até Sittaford.

– Até Sittaford?

A fisionomia da sra. Belling demonstrava a mais viva curiosidade.

– Sim, e gostaria de perguntar se a senhora sabe de algum lugar por lá onde eu possa ficar.

– Quer ficar por lá?

A curiosidade havia aumentado.

– Sim, é isso mesmo... Sra. Belling! Há algum lugar em que eu possa falar com a senhora por um momento, em particular?

Com algo muito semelhante a entusiasmo, a mulher levou a jovem até seu próprio santuário privativo: uma saleta confortável com uma grande lareira acesa.

– A senhora não vai contar a ninguém, vai? – começou Emily, sabendo muito bem que, de todas as introduções possíveis, aquela era a que mais certamente provocaria interesse e simpatia.

– É claro que não, senhorita – disse a sra. Belling, os olhos negros cintilando de interesse.

– Entenda, o sr. Pearson... a senhora sabe...

– O jovem cavalheiro que se hospedou aqui na sexta-feira? O que foi preso pela polícia?

– Preso? A senhora quer dizer preso de verdade?

– Sim, senhorita. Há menos de uma hora.

Emily tornou-se muito pálida.

– A senhora... a senhora tem certeza disso?

– Ah, sim, senhorita. A nossa Amy ouviu do próprio sargento.

– É por demais horrível! – bradou Emily. Ela já esperava por tal coisa, o que não tornava a situação melhor. – Compreenda, sra. Belling, eu... Eu estou noiva dele. E ele não cometeu o crime. Oh, céus, é tudo tão assustador!

Nesse momento Emily começou a chorar. Havia manifestado a Charles Enderby, mais cedo, a intenção de fazer uma cena, mas o que a surpreendia era a facilidade com que as lágrimas vinham. Chorar por vontade própria não é uma coisa fácil. Havia algo muito real naquelas lágrimas, e isso a assustava. Ela não devia desistir. Desistir não seria útil para Jim. Ser resoluto, lógica e de visão clara – eram as qualidades que fariam diferença naquele jogo. Chorumeelas nunca ajudaram ninguém.

Mas, ao mesmo tempo, era um alívio deixar-se levar pelas lágrimas. No fim das contas, ela havia planejado chorar. Chorar seria um inegável passaporte para obter a ajuda e a simpatia da sra. Belling. Sendo assim, por que não aproveitar para chorar com vontade? Uma verdadeira cascata de lágrimas na qual seus problemas, dúvidas e medos inconscientes poderiam encontrar um desaguadouro por onde escoarem.

– Calma, calma, minha querida. Não fique assim – consolou-a a sra. Belling, pondo ao redor dos ombros de Emily seus braços grandes e maternais e dando-lhe tapinhas de incentivo.

– Desde o início venho dizendo que ele não faria uma coisa daquelas. É um rapaz simples e gentil. Muito cabeças-ocas é o que esses policiais são, e isso eu também já disse. Algum ladrão vagabundo seria muito mais provável. Agora, não se aflija, querida, tudo vai ficar bem, vai ver só se não.

– Eu gosto tanto dele – gemeu Emily.

O querido Jim: o querido, doce, infantil, desamparado e ingênuo Jim. Tão completamente inclinado a fazer a coisa errada no momento errado. Que chance teria ele contra aquele inspetor Narracott, tão seguro e decidido?

- Nós temos de salvá-lo – choramingou Emily.
- E nós vamos. É claro que vamos – consolou-a a sra. Belling. Emily enxugou os olhos com vigor, fungou e engoliu uma última vez e, erguendo a cabeça, perguntou, com ímpeto:
 - Onde posso me hospedar em Sittaford?
 - Em Sittaford, lá em cima? Está mesmo decidida a ir para lá, minha querida?
 - Sim – Emily balançou vigorosamente a cabeça.
 - Bem, então... – a sra. Belling pensou sobre o assunto. – Há apenas um lugar em que você poderia ficar. Não há muita coisa em Sittaford. Há a casa grande, a mansão Sittaford, que o capitão Trevelyan construiu e que está alugada agora para uma senhora da África do Sul. E há os seis chalés erguidos pelo capitão. No nº 5 moram Curtis, que trabalhava como jardineiro na mansão Sittaford, e a sra. Curtis. Ela aluga quartos na temporada de verão, com a permissão do capitão. Não há outro lugar em que você possa ficar, e isso é um fato. Há a ferraria e o posto de correio, mas Mary Hibbert, que é a responsável, tem seis crianças e uma cunhada morando com ela, e a mulher do ferreiro está esperando seu oitavo filho, então não haverá um canto vago por lá. Mas como você irá a Sittaford, menina? Alugou um carro?
 - Vou com o senhor Enderby.
 - Ah, mas me pergunto onde ele vai ficar.
 - Suponho que ele terá de ser alojado no chalé da sra. Curtis, também. Ela terá quartos para nós dois?
 - Não sei se vai parecer correto para uma jovem como você dividir a casa com outro homem – disse a sra. Belling.
 - Ele é meu primo – mentiu Emily, sentindo que, em hipótese alguma, a noção de decoro da sra. Belling deveria ser usada contra ela.
- O cenho da mulher se desanuviou.
 - Bem, está tudo certo, então – ela concordou, com um resmungo –, e possivelmente, se não houver acomodações confortáveis para você no chalé da sra. Curtis, eles podem hospedá-la na mansão.

– Sinto muito por ter sido tão tola agora há pouco – desculpou-se Emily esfregando outra vez os olhos.

– É perfeitamente natural, minha querida. E você deve estar se sentindo melhor agora.

– Sim, eu me sinto bem melhor – concordou Emily em tom confiante.

– Chorar para valer e depois tomar uma xícara de chá. Não há nada melhor, e uma boa xícara de chá é o que você precisa agora, minha querida, antes de pôr o pé naquela estrada fria.

– Muito obrigada, mas acho que não quero...

– Esqueça o que você quer, estou falando do que você precisa – disse a sra. Belling, erguendo-se com determinação e indo e até a porta. – E diga a Amelia Curtis que mandei dizer a ela que tome conta de você, que tenha certeza de que está fazendo suas refeições apropriadamente e que não a deixe se preocupar com nada.

– A senhora é *tão* gentil.

– E, no mais, eu vou manter olhos e ouvidos abertos aqui embaixo – concluiu a sra. Belling, assumindo com prazer seu papel naquele drama. – Há umas coisinhas que eu escuto e que nunca chegam até a polícia. Qualquer coisa que souber, repassarei a você, querida.

– Fala sério?

– Falo, sim. Não se preocupe, em pouco tempo teremos arrancado o seu jovem rapaz do meio dessa embrulhada.

– Preciso ir e aprontar minhas malas – disse Emily, pondo-se de pé.

– Vou mandar servir o chá em seu quarto.

Emily subiu as escadas, guardou na mala seus poucos pertences, lavou os olhos com água fria e aplicou no rosto uma generosa camada de pó.

– Você tem de caprichar no visual – disse ao próprio reflexo no espelho. Acrescentou um pouco mais de pó e um toque de *rouge*. – É curioso o quanto me sinto melhor – continuou. – A maquiagem compensou o rosto inchado.

Tocou a campainha. A camareira (a simpática cunhada do oficial Graves) veio prontamente. Emily presenteou-a com uma nota de uma libra e pediu, com franqueza, que ela a mantivesse informada de qualquer detalhe que obtivesse por caminhos transversos em seu círculo de relações com a polícia. A garota concordou de pronto.

– Na casa da sra. Curtis em Sittaford? Informarei, sim senhora. Peça qualquer coisa, que eu farei. Todos nós sentimos muito pela senhora, mais do que eu consigo dizer. Todo o tempo eu penso: “Imagine só se tudo isso fosse comigo e Fred”. Eu perderia a cabeça. Se ouvir a menor coisa sobre o caso, passarei para a senhora.

– Você é um anjo.

– Como no romance que comprei dia desses na Woolworth. [\[1\]](#) O nome era *As mortes do lilás*. Sabe o que levou a polícia ao verdadeiro criminoso, madame? Um pouco de cera de lacre comum, dessas de carta. O seu cavalheiro é um rapaz bonito, não é mesmo, madame? Bem diferente da foto no jornal. Vou fazer tudo o que puder por vocês dois.

Transformada desse modo em centro romântico das atenções, Emily deixou o Three Crowns, depois de haver bebido em um só gole a xícara de chá prescrita pela sra. Belling.

– A propósito – ela comunicou ao sr. Enderby quando o velho Ford partiu sacolejando –, o senhor é meu primo, não se esqueça disso.

– Por quê?

– Eles têm a mentalidade muito puritana aqui no interior. Achei que assim seria melhor.

– Esplêndido! Nesse caso – disse Enderby, agarrando-se à oportunidade –, é melhor que eu a chame de Emily.

– Está bem, primo... qual é o seu primeiro nome?

– Charles.

– Certo, Charles.

E o carro avançou pela estrada para Sittaford.

[1] Rede de bazares especializada em artigos variados vendidos a baixo preço, normalmente um ou seis pence – precursora das atuais lojas de R\$ 1,99. (N.T.)

CAPÍTULO 13

Sittaford

Emily ficou bastante fascinada com a primeira visão que teve de Sittaford. Saindo da estrada principal a cerca de duas milhas de Exhampton, subiram por um caminho secundário irregular e acidentado até alcançarem uma aldeia situada bem nas margens de um penhasco, que consistia basicamente de uma ferraria e uma loja misturando confeitaria e posto de correio. De lá, seguiram por uma alameda e chegaram a uma fileira de pequenos chalés de granito, de construção recente. No segundo deles, o carro parou e o motorista informou que aquela era a casa da sra. Curtis.

A sra. Curtis era uma mulher miúda, magra e grisalha, de temperamento enérgico e sagaz. Estava toda alvoroçada pelas notícias do assassinato, que haviam chegado a Sittaford apenas naquela manhã.

– Sim, é claro que posso hospedá-la, senhorita, e o seu primo também, se ele puder esperar só até eu trocar algumas coisas de lugar. Suponho que os senhores não se importarão em fazer as refeições conosco, estou certa? Ora, quem acreditaria nisso! O capitão Trevelyan assassinado, com direito a investigação e tudo o mais! Estivemos isolados do mundo desde sexta-feira à noite, e quando soube dessa notícia hoje de manhã fiquei pasma. “O capitão morreu”, eu disse para o meu marido, “o que mostra bem o tanto de crueldade que há no mundo hoje em dia.” Mas estou jogando conversa fora ficando parada aqui, senhorita. Entre, por favor, e o cavalheiro também. Pus a chaleira no fogo há pouco, e os senhores podem tomar agora mesmo uma xícara de chá, devem estar moídos da viagem, ainda que hoje esteja até quente perto do

que já esteve. Por aqui a neve acumulada chegou a alcançar uns três metros.

Mergulhados naquele mar de palavras, Emily e Charles Enderby foram levados até seus novos aposentos. Emily ficaria em um quartinho quadrado, escrupulosamente limpo, cuja janela dava para a ladeira que levava até o farol de Sittaford. O quarto de Charles era pequeno e estreito, de frente para a entrada da casa e a alameda, e continha apenas uma cama e uma minúscula cômoda sobre a qual havia uma bacia com um jarro.

O motorista do carro levou a mala de Charles para o quarto, colocou-a sobre a cama, recebeu o pagamento devido e partiu, com um agradecimento. Só depois Charles comentou:

– Estando hospedados aqui, se não soubermos tudo o que há para saber a respeito de todos os que moram em Sittaford dentro dos próximos quinze minutos, eu como o meu chapéu.

Dez minutos mais tarde, estavam ambos sentados na cozinha confortável do andar térreo, sendo apresentados ao senhor Curtis, um velho grisalho de aparência ranzinza, e regalados com chá forte, pão, manteiga, creme Devonshire e ovos cozidos. Enquanto comiam e bebiam, ouviam a sra. Curtis. Dentro de meia hora já sabiam tudo sobre os habitantes da pequena comunidade.

Primeiro, falou-se da senhorita Percehouse, que morava no chalé nº 4: uma solteirona bem-humorada de idade incerta que havia chegado a Sittaford procurando um lugar para morrer, de acordo com a sra. Curtis, e isso já fazia seis anos.

– Acredite ou não, senhorita, o ar de Sittaford é daqueles que enchem a gente de saúde desde o primeiro dia. O ar puro é uma maravilha para os pulmões. A srta. Percehouse tem um sobrinho que ocasionalmente vem visitá-la. De fato, está hospedado com ela agora mesmo. Vem para ter certeza de que o dinheiro da herança não sairá da família. É bastante chato aqui para um rapaz nesta época do ano. Mas há mais de um jeito de se divertir, e a chegada dele foi providencial para a jovem senhorita na mansão Sittaford. Pobre garota, que ideia trazê-la no inverno para aquela casa imensa que mais parece um quartel. Algumas mães podem ser bem

egoístas. É uma jovem muito bonita, também. O sr. Ronald Garfield vai à mansão o máximo que pode sem descuidar da velha tia.

Charles Enderby e Emily trocaram um olhar significativo. Charles lembrava-se de que Ronald fora mencionado como um dos convidados no jogo da mesa-girante.

– A cabana aqui ao lado da minha, a de nº 6 – prosseguiu a sra. Curtis –, foi alugada faz bem pouco por um cavalheiro de nome Duke. Quero dizer, se podemos chamá-lo de cavalheiro. Claro, pode ser e pode não ser, não há como dizer. As pessoas hoje não são mais tão distintas como antigamente. O fato é que fez questão de deixar bem claro que estava tomando posse do lugar. É o tipo de cavalheiro bastante reservado. Pela aparência, poderia ser um militar, mas de alguma forma não parece ter os modos característicos. Não como o major Burnaby, que a gente identifica como militar desde o primeiro momento em que põe os olhos nele.

“No nº 3 temos o sr. Rycroft, um cavalheiro idoso e miúdo. Dizem que ele apanhava pássaros exóticos para o Museu Britânico. É o que chamam de naturalista. Está sempre fora, vagando pela charneca quando o tempo permite. E tem também uma bela biblioteca. O chalé dele é tomado de estantes.

“No nº 2, moram um senhor inválido, o capitão Wyatt, e seu criado indiano. Pobre sujeito, realmente passa maus bocados com o frio. O criado, digo, não o capitão. Vindo de um país tão quente, não me admira. Mantém o chalé sempre tão aquecido que a gente poderia fritar lá dentro. É como entrar em um forno.

“O chalé nº 1 é o do major Burnaby. Mora sozinho, e eu faço o serviço doméstico para ele todas as manhãs. É um cavalheiro muito caprichoso e distinto. Ele e o capitão Trevelyan eram unha e carne, amigos de vida inteira. E os dois decoram as paredes com aquelas cabeças esquisitas de animais empalhados.

“E quanto à sra. Willett e à filha, eis algo que ninguém consegue entender. Têm bastante dinheiro. Compram sempre com Amos Parker, em Exhampton, e ele me disse que a conta chega a bem mais de nove libras por semana. Não acreditariam em quantos ovos se consomem naquela casa! Trouxeram com elas empregadas de Exeter, que não gostaram nada daqui e já querem ir embora, e

eu não as culpo. A sra. Willett as manda de carro a Exeter duas vezes por semana, e com isso e mais a boa vida, concordaram em ficar, mas se os senhores me perguntarem, é um negócio bem esquisito uma senhora inteligente daquelas vir se enterrar assim no interior. Bem, bem, acho que é melhor recolher a louça do chá.”

Soltou um longo suspiro, e Charles e Emily fizeram o mesmo. Haviam sido quase soterrados pelo fluxo de informação liberado com tanta facilidade.

Charles arriscou-se a fazer uma pergunta:

– O major Burnaby já voltou?

A sra Curtis interrompeu-se com a bandeja na mão.

– Já sim, senhor. Veio a pé e chegou mais ou menos meia hora antes de vocês. “Mas por que o senhor faz isso?”, eu reclamei com ele. “Continua vindo a pé de lá de Exhampton.” E ele disse, do jeito severo de sempre: “Por que não? Se um homem tem duas pernas, não precisa de quatro rodas. De qualquer forma, sabe que faço isso uma vez por semana, sra. Curtis.” E eu disse: “Oh, sim, mas desta vez é diferente. Com o choque do assassinato e do inquérito é assombroso que o senhor ainda tenha forças para vir a pé.” Porém, ele apenas grunhiu e seguiu em frente. Mas não parecia bem. Foi um milagre que tenha conseguido chegar até lá na noite de sexta-feira. Muita coragem fazer isso na idade dele. Uma pernada daquelas, cinco quilômetros no meio da nevasca... Podem dizer o que quiserem, mas os jovens cavalheiros de hoje não amarram os sapatos dos mais velhos. Aquele senhor Ronald Garfield nunca teria feito o mesmo, e essa é a minha opinião, a opinião da sra. Hibbert do posto do correio e até a opinião do sr. Pound, o ferreiro. Aquele sr. Garfield nunca deveria ter deixado o major ir sozinho, deveria ter ido com ele. Se o major Burnaby tivesse se perdido na nevasca, todos iriam pôr a culpa naquele sr. Garfield. E isso é um fato.

Com esse arremate, ela desapareceu triunfalmente na copa, em meio ao tilintar da louça.

O sr. Curtis moveu, com ar pensativo, um velho cachimbo do lado direito para o esquerdo da boca e comentou:

– Mulheres... Como falam!

Fez uma pausa e em seguida murmurou:

– E na metade das vezes não sabem do que estão falando, na verdade.

Emily e Charles receberam a proclamação em silêncio. Vendo que nada mais viria do velho, contudo, Charles acrescentou, em tom de aprovação:

– Isso lá é verdade... Sim, é bem verdade.

– É... – disse o sr. Curtis, e recaiu em um silêncio contemplativo.

Charles se ergueu e informou:

– Acho que vou fazer uma visita ao velho Burnaby para dizer-lhe que a sessão de fotos será amanhã de manhã.

– Irei com você – disse Emily. – Quero saber o que ele realmente pensa a respeito de Jim e quais as ideias que tem sobre o caso em geral.

– Trouxe galochas ou algo assim? A neve ainda cobre tudo.

– Comprei um par de botas Wellington[1] em Exhampton.

– Que moça prática, pensa em tudo.

– Infelizmente isso não será de muita ajuda para encontrar o assassino. Seria mais útil para *cometer* um homicídio – ela acrescentou, em tom de reflexão.

– Ora, espero que não me mate – brincou o sr. Enderby, após o que os dois saíram juntos.

A sra. Curtis retornou de imediato.

– Foram ver o major – disse o sr. Curtis

– Diga, o que achou? Formam um belo casal, não? O casamento entre primos pode gerar desastres, ao menos é o que dizem. Surdos, mudos, retardados e uma porção de outros males. Ele está gostando dela, isso é fácil de ver. Já ela me parece bem esperta, como minha tia-avó Sarah Belinda. Tem jeito para lidar com os homens. Eu me pergunto o que ela está procurando. Sabe o que eu acho, Curtis?

O marido grunhiu.

– Acho que ela está interessada mesmo é naquele rapaz que a polícia mantém preso como suspeito do assassinato. E ela veio até aqui para farejar e ver se encontra algo que possa ajudá-lo. E guarde minhas palavras – completou, por entre o ruído da louça –

se houver alguma coisa para ser encontrada, ela encontrará!

[1] Galochas de borracha com saltos baixos e cano alto até os joelhos. São até hoje assim chamadas por seu uso ter se popularizado na Inglaterra, durante o século XVIII, devido a Arthur Wellesley, o primeiro duque de Wellington (1769-1852). (N.T.)

CAPÍTULO 14

As Willett

Na mesma hora em que Charles e Emily saíam para visitar o major Burnaby, o inspetor Narracott encontrava-se sentado na sala de estar da mansão Sittaford, tentando formar uma impressão sobre a sra. Willett.

Não conseguira falar com ela mais cedo, uma vez que as estradas ficaram intransitáveis até aquela manhã. Não sabia muito bem o que esperava daquela conversa, mas com certeza não era aquilo. Fora a sra. Willett quem tomara conta da situação, não ele.

Ela veio até a sala apressada, inteiramente profissional e eficiente, e o inspetor viu diante de si uma mulher alta, com o rosto afilado e olhos atentos. Trajava um modelo bastante elaborado de vestido de alças feito de malha de seda – no limite do inadequado para se usar no campo. As meias rendadas de seda eram muito caras, e os sapatos de salto alto eram de couro legítimo. Usava muitos anéis valiosos e uma quantidade enorme de imitações de pérola caras e de boa qualidade.

– Inspetor Narracott? – ela perguntou. – Naturalmente, esperávamos que o senhor viesse até aqui. Que tragédia terrível. Não quer se sentar, inspetor? Esta é minha filha, Violet.

Ele mal havia notado a garota, que entrara na sala logo depois da mãe. Ainda assim, era uma jovem muito bonita, alta, loira e com grandes olhos azuis.

A sra. Willett sentou-se.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo, inspetor? Eu conhecia muito pouco o pobre capitão Trevelyan, mas se houver algo em que o senhor ache que posso ser útil...

O inspetor disse, sem pressa:

– Muito grato, madame. É claro, ninguém sabe o que pode ou não ser útil.

– Compreendo. É possível que haja algo nesta casa capaz de lançar luz sobre este triste caso, mas duvido muito. O capitão Trevelyan removeu todos os seus pertences. O pobre homem temia que eu viesse a mexer até nas suas varas de pesca – foi o comentário da sra. Willett, seguido de uma curta risada.

– A senhora o conhecia?

– Antes de alugar a casa, o senhor quer dizer? Ah, não.

Convidei-o para nos visitar muitas vezes depois disso, mas nunca veio. Era terrivelmente tímido, o pobre. Esse era o problema dele. Conheci dúzias de homens assim. São chamados de misóginos e de todo o tipo de bobagem, e na verdade é apenas timidez o tempo todo. Se eu tivesse tido mais contato com ele – enfatizou a sra. Willett com determinação –, eu logo teria superado esse absurdo. Um homem daquele tipo só precisa ser resgatado.

O inspetor Narracott começava a entender a atitude fortemente defensiva do capitão para com sua inquilina.

– Nós duas o convidamos – continuou a senhora –, não foi, Violet?

– Oh, sim, mamãe.

– No fundo, ele era um simples marinheiro. E toda mulher adora um marinheiro, inspetor Narracott.

A essa altura, ocorreu ao inspetor que aquela conversa havia sido conduzida inteiramente pela sra. Willett. Estava convencido de que ela era uma mulher de extrema inteligência e podia ser tão inocente quanto aparentava. Por outro lado, podia não ser.

– Mas o ponto sobre o qual estou ansioso por obter informações é o seguinte, senhora... – ele disse e fez uma pausa.

– Sim, inspetor?

– O major Burnaby, como a senhora sem dúvida sabe, encontrou o corpo. Ele foi levado a isso por um incidente que ocorreu nesta casa.

– O senhor se refere...?

– Refiro-me à sessão espírita, se me permite...

O inspetor se virou depressa. A garota soltara débil gemido.

– Pobre Violet – disse a mãe. – Estava terrivelmente preocupada... Na verdade, todos estávamos! Foi tão inexplicável! Não sou supersticiosa, mas de fato foi uma coisa muito misteriosa.

– Então aconteceu mesmo?

A sra. Willett arregalou os olhos.

– Se aconteceu? É claro que sim. Na hora achei que fosse uma brincadeira... ainda que insensível e de muito mau gosto. Suspeitei do jovem Ronald Garfield...

– Ah, não, mamãe! Tenho certeza de que ele não fez tal coisa. Ele jurou que não.

– Estou dizendo o que pensei naquela hora, Violet. O que alguém poderia pensar além de uma piada?

– Curioso – comentou o inspetor, devagar. – Ficou muito preocupada, sra. Willett?

– Todos ficamos. Era para ser uma distração, uma bobagem leve. O senhor conhece esse tipo de coisa: diversão de uma noite de inverno. E então, de repente... aquilo! Fiquei com muita raiva.

– Raiva?

– Lógico. Pensei que alguém estava fazendo aquilo deliberadamente... Um trote, como se diz.

– E agora?

– Agora?

– Sim, o que pensa disso agora?

A sra. Willett afastou as mãos em um gesto expressivo.

– Não sei o que pensar. É... é um mistério?

– E o que me diz, srta. Willett?

– Eu? – começou a moça. – Não sei. Acho que nunca vou me esquecer daquilo. Eu sonho com aquilo. Nunca mais vou participar de algo semelhante.

– O sr. Rycroft diria que o fenômeno foi autêntico, eu suponho – continuou a mãe. – Ele acredita nesse tipo de coisas. Eu mesma estou bem inclinada a acreditar. Que outra explicação haveria exceto a de que foi uma genuína mensagem de um espírito?

O inspetor sacudiu a cabeça. Mencionara a sessão como uma isca. Seu próximo comentário soou mais casual:

- Não acha este lugar muito frio no inverno, sra. Willett?
- Nós adoramos. Uma mudança e tanto. Somos da África do Sul, o senhor sabe – disse, em um tom de voz neutro e normal.
- Mesmo? De que parte da África do Sul?
- Cidade do Cabo. Violet nunca esteve na Inglaterra antes, e está encantada... Acha a neve muito romântica. E esta casa é de fato muito confortável.
- E o que a trouxe a esta parte do mundo? – perguntou o inspetor, com um tom de gentil curiosidade na voz.
- Lemos tantos livros sobre Devonshire, especialmente sobre Dartmoor. Um deles foi lido no barco... *Tudo sobre a feira de Widdecombe*. Sempre tive o desejo de ver Dartmoor.
- E o que a fez se estabelecer em Exhampton? Não é uma cidadezinha muito conhecida.
- Bem, estávamos, como eu lhe disse, lendo aqueles livros, e um jovem a bordo falou sobre Exhampton. Seus comentários foram tão entusiasmados...
- Qual o nome dele? Ele também vinha desta região?
- E agora, qual era o nome dele? Cullen, eu acho... Não, era Smythe. Que estúpido de minha parte. Realmente não consigo me lembrar. O senhor sabe como é a bordo do navio, conhecemos tão bem as pessoas e planejamos encontrá-las de novo... e uma semana depois de desembarcarmos, não conseguimos nem recordar seus nomes!
- Ela riu.
- Mas era um rapaz tão encantador... não era bonito, tinha o cabelo avermelhado, mas um sorriso delicioso.
- E por força disso as senhoras decidiram alugar uma casa nesta área? – perguntou o inspetor, com um sorriso.
- Sim. Foi ou não foi uma loucura de nossa parte?
- “Esperta”, pensou Narracott, “esperta de fato.” Começara a perceber os métodos da sra. Willett. Ela sempre levava o combate ao terreno do inimigo.
- Então a senhora escreveu para os corretores pedindo informações sobre uma casa?

– Sim... E eles nos responderam falando especificamente de Sittaford. Parecia exatamente o que queríamos.

– Não seria minha escolha nesta época do ano – comentou, rindo, o inspetor.

– Ouso dizer que também não seria a nossa se morássemos na Inglaterra – emendou a sra. Willett, vivaz.

Narracott se pôs de pé e perguntou:

– Como a senhora sabia o nome de um corretor a quem escrever em Exhampton? Isso deve ter sido uma dificuldade.

Houve uma pausa, a primeira desde que a conversa iniciara. O inspetor pensou ter captado um vislumbre de embaraço, mais do que isso, de raiva nos olhos da sra. Willett. Ele havia tocado em um ponto para o qual ela não havia pensado na resposta. Voltou-se para a filha:

– Como soubemos, Violet? Não me lembro.

Havia um olhar diferente no rosto da jovem. Ela parecia assustada.

– Ora, é claro – continuou a sra. Willett. – O escritório de informações Delfridges. É um serviço maravilhoso. Sempre vou até lá e pergunto a respeito de qualquer coisa. Pedi a eles o nome do melhor agente imobiliário daqui e eles me disseram.

“Foi rápida”, pensou o inspetor. “Bem rápida, mas não o suficiente. Eu a peguei, madame.”

Ele fez um exame superficial da casa. Não encontrou nada: nem papéis, nem armários ou gavetas trancadas. A sra. Willett o acompanhou falando animadamente.

Ele se despediu, agradecendo com cortesia. Na hora de partir, captou, por cima do ombro da mãe, um lampejo do rosto da jovem. A expressão nele era inequívoca.

Foi medo o que ele viu na fisionomia da moça. O medo que a havia dominado por inteiro no momento em que ela se considerava fora de observação.

A sra. Willett continuava falando:

– É lamentável. Estamos passando por um grave inconveniente. Os problemas domésticos de sempre, inspetor. As criadas não gostam de ficar nesta região. Todas as minhas já

ameaçaram ir embora em algum momento, e a notícia do assassinato parece tê-las perturbado por completo. Não sei o que devo fazer. Talvez a resposta seja contratar homens como empregados. Foi o que me sugeriram no cartório de Exeter.

O inspetor respondeu de modo automático. Não estava prestando atenção ao falatório da mulher. Continuava pensando na expressão que havia surpreendido na face da menina.

A sra. Willett havia sido esperta, mas não o bastante.

Ele deixaria a casa refletindo sobre a questão.

Se as Willett não tinham nenhuma relação com a morte do capitão, por que Violet Willett estava tão assustada?

Resolveu queimar seu último cartucho. Voltou quando já estava com o pé no limiar da porta:

– A propósito, conhecem o jovem Pearson, não é mesmo?

Não podia haver dúvida sobre a pausa dessa vez. Um silêncio de morte que durou um segundo, ao fim do qual a sra. Willett falou:

– Pearson? Não creio...

Foi interrompida por uma estranha respiração vinda da sala atrás dela e pelo som de uma queda. Quase na mesma hora, o inspetor transpôs a porta e chegou ao aposento.

Violet Willett havia desmaiado.

– Pobre criança... – choramingou a sra. Willett. – Tensão e choque demais para ela. Aquele negócio apavorante da sessão espírita e, ainda por cima, o assassinato. Ela não é muito forte. Muito obrigado, inspetor. Sim, pode pô-la no sofá, por favor. Se puder tocar a campainha para chamar as criadas... Não, não acho que o senhor possa fazer algo mais. Muito agradecida.

O inspetor desceu o caminho que levava até a casa com os lábios apertados em um ricto.

Sabia que Jim Pearson estava noivo daquela garota extremamente encantadora que ele havia visto em Londres.

Por que então Violet Willett desmaiaria à simples menção do nome dele? Qual a conexão entre Jim Pearson e as Willett?

Parou, indeciso, ao chegar ao portão da frente, e tirou do bolso uma caderneta. Nela, havia anotado uma lista dos habitantes dos seis chalés construídos pelo capitão Trevelyan, com breves

comentários ao lado de cada nome. O indicador curto e grosso de Narracott parou sobre a anotação a respeito do chalé nº 6.

– Sim – disse consigo mesmo. – Melhor que este seja o próximo.

Avançou a alameda a passos largos e rápidos e desferiu batidas curtas e firmes com a aldrava na porta do nº 6 – o bangalô habitado pelo sr. Duke.

CAPÍTULO 15

Visita ao major Burnaby

Subindo a alameda até a entrada do chalé do major, o sr. Enderby bateu ritmada e alegremente na porta, que se abriu quase de imediato. O rosto colérico do major Burnaby apareceu no marco da entrada.

– É o senhor – o major comentou, sem muita animação na voz, e já estava pronto para seguir adiante no mesmo tom quando vislumbrou Emily, e sua expressão se alterou.

– Esta é a srta. Trefusis – apresentou Charles, com o ar de quem acabara de tirar um ás da manga. – Ela estava muito ansiosa para conhecê-lo.

– Posso entrar? – perguntou Emily, abrindo seu sorriso mais doce.

– Sim. Certo que sim. É claro, sim, claro que sim.

Tropeçando nas próprias palavras, o major os conduziu até sua sala de estar e começou a arrastar as mesas e a liberar cadeiras para todos.

Emily foi direto ao assunto, como era seu estilo:

– Major Burnaby, sou a noiva de Jim... Jim Pearson, o senhor sabe. E, naturalmente, estou muito angustiada por ele.

O major interrompeu o gesto de empurrar uma mesinha e disse:

– Ah, querida. É um assunto bastante desagradável. Minha jovem, lamento mais do que conseguiria expressar.

– Major, diga-me com toda a honestidade: acredita que ele seja o culpado? Não precisa ficar melindrado em me dizer, se é o que pensa. Prefiro mil vezes que as pessoas não mintam para mim.

– Não, não acho que ele seja culpado – disse o major, em um tom de voz baixo e afirmativo. Ele deu alguns tapas vigorosos em uma almofada e por fim sentou-se de frente para Emily. – Aquele jovem é um bom camarada. Entenda, ele talvez seja um tanto fraco. Não se ofenda quando eu digo que ele parece o tipo de rapaz que poderia facilmente fazer algo errado se a tentação se colocasse em seu caminho. Mas assassinato... não. E eu sei bem do que estou falando... Comandei um grande número de subordinados em meus tempos de marinha. Hoje em dia é moda fazer troça de oficiais da reserva como eu, mas ao mesmo tempo conhecemos algumas coisas neste mundo, srta. Trefusis.

– Tenho certeza que sim, e sou extremamente grata ao senhor por dizer o que disse.

– Gostariam... de um uísque com soda? – perguntou o major, para acrescentar, em tom de desculpas: – Receio que não tenha nada mais para oferecer.

– Não, obrigada, major.

– Apenas soda, então?

– Não, obrigada.

– Bom, ainda devo ser capaz de fazer um chá – emendou o major, com um toque de tristeza na voz.

– Já tomamos – disse Charles. – No chalé da sra. Curtis.

– Major Burnaby – prosseguiu Emily –, quem o senhor acha que cometeu o crime... Tem alguma ideia?

– Não, que os diabos... ahn, quer dizer... macacos me mordam se tenho qualquer ideia. Tinha por certo de que foi obra de um sujeito qualquer que invadiu a casa, mas agora a polícia descartou essa hipótese. Bem, é o trabalho deles, e suponho que eles o conheçam melhor do que eu. Eles dizem que ninguém invadiu a casa, então eu acredito. Mas ao mesmo tempo isso me confunde, srta. Trefusis. Trevelyan não tinha um inimigo sequer, até onde eu saiba.

– E, se alguém pudesse saber, seria o senhor – disse Emily.

– Sim, suponho que eu conhecia Trevelyan melhor que muitos de seus parentes.

– E consegue lembrar de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ser útil? – continuou a jovem.

O major cofiou o bigode.

– Sei o que está pensando. Que, como nos livros, deveria haver algum incidente menor do qual eu pudesse me lembrar e que seria uma pista. Bem, sinto muito, mas não existe tal coisa. Trevelyan levou uma vida bastante comum. Recebeu muito poucas cartas e as escreveu menos ainda. Tenho certeza de que não havia complicações românticas em sua vida. Não, isso me intriga, srta. Trefusis.

Os três ficaram em silêncio.

– E o que me diz daquele empregado do capitão? – perguntou Charles.

– Trabalha para ele há anos. É de absoluta confiança.

– Ele casou faz pouco – continuou Charles.

– Com uma garota perfeitamente respeitável.

– Major Burnaby – interveio Emily –, perdoe-me por colocar a questão nestes termos, mas o senhor não ficou preocupado com ele naquela noite?

Burnaby coçou o nariz com o ar embaraçado que sempre assumia quando a sessão espírita era mencionada.

– Sim fiquei, não há como negar. Sabia que a coisa toda era baboseira e ainda assim...

– Também senti que de algum modo não era – acudiu Emily. O major assentiu.

– É por isso que eu me pergunto... – continuou Emily.

Os dois homens olharam para ela.

– Não sei se consigo me explicar da maneira que gostaria. O que quero dizer é: o senhor diz que não acredita em todo esse negócio de sessão espírita... e ainda assim, a despeito do tempo horrível que fazia e do que deve ter parecido ao senhor o absurdo da coisa toda, sentiu-se tão... desconfortável que teve de sair, não importando em que condições climáticas, para ver com seus próprios olhos se estava tudo bem com o capitão Trevelyan. Bem, não acha que pode ser porque... porque havia alguma coisa na atmosfera? Quero dizer – ela continuou, desesperada por não ver

nenhum sinal de entendimento no rosto do major – que havia alguma coisa sendo planejada na mente de alguém, e que de algum modo ou de outro o senhor a pressentiu.

– Bem, não sei – disse o major, coçando o nariz outra vez, e então acrescentou, esperançoso: – É claro, as mulheres estavam levando aquela sessão bem a sério.

– As mulheres! – exclamou Emily, e depois murmurou consigo mesma: – Sim, acredito que de um modo ou de outro elas são a chave.

Ela virou-se abruptamente para o major.

– Como são essas Willett?

– Bem... – o major remexeu na memória. Estava claro que ele era péssimo em descrever as pessoas. – Elas são muito gentis, a senhorita sabe... muito prestativas e tudo o mais.

– Por que quiseram alugar uma casa como a mansão Sittaford nesta época do ano?

– Nem imagino. Nem eu nem ninguém.

– Não acha isso muito esquisito? – insistiu Emily.

– É claro que é esquisito. Mas gosto não se discute. Foi o que o inspetor disse.

– Isso é absurdo. As pessoas não fazem as coisas sem uma razão – rebateu a jovem.

– Bem, não sei – continuou o major, cauteloso. – Algumas pessoas não... A senhorita não faria, mas algumas pessoas... – ele suspirou e balançou a cabeça.

– O senhor tem certeza de que elas já não conheciam o capitão Trevelyan?

O major considerou a ideia. Trevelyan teria lhe dito alguma coisa. Não, ele estava tão perplexo quanto qualquer um.

– Então *ele próprio* achava esquisito?

– É claro; eu disse agora mesmo que todos achávamos.

– E como foi a atitude da sra. Willett para com o capitão? Ela tentou evitá-lo? – perguntou Emily.

O major soltou uma risadinha:

– Não, na verdade foi o contrário. Infernizou a vida dele, sempre convidando-o para vir visitá-las.

– Oh! – disse Emily, pensativa. Fez uma pausa e então prosseguiu: – Sendo assim, é possível que ela tenha alugado a mansão Sittaford apenas com o propósito de travar relações com o capitão?

– Bem... – o major parecia revirar a hipótese em sua mente. – Sim, suponho que seja possível. Seria um modo bastante caro de fazer as coisas.

– Talvez. O capitão Trevelyan não seria uma pessoa fácil de se conhecer de outra maneira.

– Não, não seria – concordou o amigo do morto.

– Imagino – disse Emily.

– O inspetor também pensa o mesmo – disse Burnaby.

Emily sentiu uma súbita raiva do inspetor Narracott. Parecia que tudo o que ela pensara já havia sido cogitado antes pelo investigador. Aquilo era exasperante para uma moça que se orgulhava de ser mais inteligente do que os outros.

Ela se ergueu, estendeu a mão e disse simplesmente:

– Muito obrigada.

– Gostaria de poder ajudar mais – disse o major. – Sou um tipo meio tosco... Sempre fui. Se fosse um sujeito esperto, poderia ter esbarrado em algo que servisse como pista. De qualquer modo, conte comigo para qualquer coisa que desejar.

– Obrigada, farei isso.

– Adeus, senhor – disse Enderby. – Virei aqui amanhã de manhã com minha câmera. Para as fotos, o senhor sabe.

Burnaby grunhiu.

Emily e Charles refizeram seus passos até o chalé da sra. Curtis.

– Venha até o meu quarto, quero falar com você – convocou Emily.

Ela acomodou-se em uma cadeira e Charles sentou-se na cama. Emily arrancou seu chapéu com um puxão e o arremessou a um canto do quarto. Depois disse:

– Agora me escute. Acho que tenho um ponto de partida. Posso estar certa ou errada, mas, de qualquer forma, é uma ideia. Parece

que o centro de tudo é essa história da sessão espírita. Já jogou mesa-girante?

– Sim, uma vez ou outra. Nunca a sério, a senhorita sabe.

– Não, é claro que não. É o tipo de coisa que só se faz em uma tarde chuvosa e na qual todos acusam uns aos outros de empurrar a mesa. Bem, se já jogou, o senhor sabe o que acontece. A mesa começa a soletrar, por assim dizer, um nome, e é um nome que alguém conhece. Com muita frequência esse alguém reconhece o nome e torce para que não seja aquele, e o tempo todo está empurrando a mesa inconscientemente. O que quero dizer é que o reconhecimento desse tipo de coisa faz com que alguém dê um empurrão involuntário quando a próxima letra está sendo soletrada, e faz a mesa parar. E o que menos se quer é muitas vezes o que mais acontece.

– Sim, é verdade.

– Nem por um momento acredito em espíritos ou qualquer coisa do gênero. Mas suponhamos que uma daquelas pessoas em volta da mesa soubesse que o capitão estava sendo assassinado naquele minuto...

– Ora, vamos – protestou Charles –, isso é bastante improvável.

– Bem, não precisa ser assim tão simples. Estamos apenas formulando uma hipótese, é só isso. A conclusão a que estamos chegando é que alguém sabia que o capitão Trevelyan estava morto e não pôde esconder esse conhecimento. Foi denunciado pela mesa.

– É uma tese bastante engenhosa, mas não creio nem por um minuto que seja verdade.

– Vamos supor que seja verdade – insistiu Emily com firmeza. – Tenho certeza de que na resolução de um crime não se pode ter medo de algumas suposições.

– De pleno acordo – disse o sr. Enderby. – Vamos supor que seja verdade... como quiser.

– Então o que temos de fazer é examinar com muito cuidado as pessoas que estavam jogando. Para começar, temos o major Burnaby e o sr. Rycroft. Parece muito improvável que qualquer um

dos dois pudesse ser cúmplice do assassino. Então há esse tal sr. Duke. Por enquanto, não sabemos nada a respeito dele. Chegou aqui faz pouco e poderia ser um forasteiro sinistro... parte de uma quadrilha ou algo assim. Vamos marcar seu nome com um X. Agora, chegamos às Willett. Há alguma coisa bastante misteriosa com relação a elas, Charles.

– Mas o que elas teriam a ganhar com a morte do capitão Trevelyan?

– Bem, aparentemente, nada. Mas se minha teoria estiver correta, deve haver uma ligação em algum lugar. O que temos de fazer é encontrá-la.

– Certo – disse o sr. Enderby. – E se tudo isso for uma trilha falsa?

– Teremos de começar tudo de novo...

– Escute! – gritou subitamente Charles. Acenou com a mão para que ela fizesse silêncio, foi até a janela e a abriu. Só então Emily pôde ouvir também o som que havia despertado a atenção dele. O badalar distante de um grande sino.

Enquanto eles estavam parados ouvindo, a voz excitada da sra. Curtis veio do andar de baixo.

– Ouviu o sino, senhorita? Ouviu o sino?

Emily abriu a porta.

– Ouviu o sino? Alto e claro, não é? Veja só.

– O que significa? – perguntou Emily.

– É o sino de Princetown, senhorita, a quase doze milhas daqui. Significa que um preso escapou. George, George, onde se enfiou esse homem? Ouviu o sino? Há um condenado à solta.

A voz da mulher desapareceu na distância à medida que ela se dirigia para a cozinha.

Charles fechou a janela e sentou-se outra vez na cama.

– É uma pena que as coisas aconteçam fora de sintonia – comentou, impassível. – Se ao menos esse condenado tivesse escapado na sexta-feira, teria sido facilmente apontado como o nosso assassino. Não seria preciso procurar mais. Criminoso faminto e desesperado invade uma casa. Trevelyan defende seu castelo... e o criminoso acuado dá cabo dele. Seria tão simples.

– Sim, seria – concordou Emily, com um suspiro.
– Em vez disso – disse Charles –, ele escapa três dias depois. É
tão... pouco narrativo.
Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

CAPÍTULO 16

O sr. Rycroft

Na manhã seguinte, Emily acordou cedo. Como era uma garota sensata, deduziu que havia poucas possibilidades de obter a colaboração do sr. Enderby àquela hora da manhã. Assim, sentindo-se agitada e sem conseguir ficar na cama, saiu para uma breve caminhada ao longo da alameda na direção oposta à que haviam seguido na noite anterior.

Deixando para trás os portões da mansão Sittaford, à direita, a vereda descrevia uma curva abrupta para a direita e subia íngreme até um páramo aberto onde o caminho se tornava uma trilha cheia de grama no início e pedregosa mais adiante. A manhã estava bonita, fria e revigorante, e a vista era maravilhosa. Emily subiu até as pedras que marcavam o ponto mais alto de Sittaford, rochas acinzentadas de contornos fantásticos. De lá do alto, pôde ver toda a extensão da charneca, intocada, até onde a vista alcançava, por qualquer estrada ou habitação. Abaixo dela, no lado oposto ao topo, viam-se massas acinzentadas de seixos e rochas de granito. Após examinar a paisagem por alguns minutos, voltou-se para o norte, por onde havia vindo. Abaixo dela assentavam-se as construções de Sittaford, agrupadas contra o flanco da colina, a mancha quadrada e cinza da mansão e o pontilhado dos chalés além dela. No vale mais abaixo, ela podia ver Exhampton.

“Quando se está assim tão alto, devia ser fácil ver melhor as coisas”, pensou Emily, um tanto confusa. “Como quando se tira o telhado de uma casa de bonecas para espiar lá dentro.”

Ela desejou de todo coração que tivesse encontrado o capitão Trevelyan ao menos uma vez. Era tão difícil formar uma ideia a

respeito de uma pessoa que nunca havia visto! Precisava confiar na avaliação dos outros, e Emily nunca considerou o julgamento de pessoa alguma melhor que o seu próprio. As impressões dos outros não serviam para ela. Podiam ser tão verdadeiras quanto as suas, mas não se podia agir com base nelas. Ela não podia, por assim dizer, atacar pelo ângulo de outra pessoa.

Enquanto meditava, irritada, sobre aquelas questões, Emily suspirou e mudou de posição.

Estivera tão perdida nos próprios pensamentos que não prestara atenção alguma no entorno. Foi com surpresa, portanto, que percebeu que um cavalheiro idoso e miúdo estava parado em pé a poucos metros dela, respirando rápido e segurando, de maneira cortês, o chapéu nas mãos.

– Desculpe. É a srta. Trefusis, eu suponho?

– Sim.

– Meu nome é Rycroft. Peço que me perdoe por me dirigir assim à senhorita, mas nesta nossa pequena comunidade o menor detalhe logo se faz conhecido, e sua chegada ontem naturalmente se tornou pública. Posso assegurar que todos aqui sentem uma profunda solidariedade pela sua situação, srta. Trefusis. Estamos, todos e cada um de nós, ansiosos para ajudá-la da maneira que pudermos.

– É muito gentil da sua parte – disse Emily.

– De modo algum, de modo algum. Todos se compadecem de uma bela jovem em apuros, se me perdoa a maneira antiquada como a defino. De verdade, minha cara jovem, pode contar comigo se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudá-la. É uma vista bonita a que se tem daqui, não?

– Maravilhosa – concordou Emily. – A charneca é um lugar maravilhoso.

– Soube que um prisioneiro escapou ontem de Princetown?

– Sim. Ele já foi recapturado?

– Creio que ainda não. Oh, bem, pobre-diabo, ele sem dúvida será recapturado muito em breve. Penso que não estou errado ao afirmar que ninguém teve sucesso em fugir de Princetown nos últimos vinte anos.

– Em que direção fica Princetown?

O sr. Rycroft estendeu o braço e apontou para o sul, além da charneca.

– Para lá, a cerca de vinte quilômetros em linha reta. São 25 quilômetros pela estrada.

Emily sentiu um leve estremecimento. A imagem do homem perseguido e desesperado havia causado nela uma forte impressão. O sr. Rycroft, que a observava, balançou a cabeça.

– Sim, eu sinto o mesmo. É curioso como os instintos de alguém se revoltam contra a ideia de um homem sendo caçado, e, ainda assim, todos os que estão em Princetown são criminosos perigosos e violentos, o tipo que provavelmente eu ou a senhorita faríamos de tudo para confinar lá, para começo de conversa.

Ele deu uma breve risada, em tom de desculpas.

– Deve me perdoar, srta. Trefusis, por considerar o crime um objeto de estudo profundamente interessante. Um campo de estudos fascinante, sem dúvida. Ornitologia e criminologia são as minhas especialidades.

Ele fez uma pausa e então prosseguiu:

– Esta é a razão pela qual, se me permitir, eu gostaria de me associar à senhorita neste caso. Estudar um crime em primeira mão é, para mim, um sonho há muito tempo acalentado. Poderia depositar sua confiança em mim, srta. Trefusis, e me permitir colocar minha experiência à sua disposição? Já li e estudei muito sobre esse assunto.

Emily ficou um tempo em silêncio. Estava se congratulando pelo modo como as coisas pareciam cair diretamente em suas mãos. O conhecimento era-lhe oferecido como se tivesse vivido a vida inteira em Sittaford. “Atacar pelo ângulo de outra pessoa.” Emily repetia para si mesma a frase que brotara em sua mente havia pouco. Ela havia tentado o ângulo do major Burnaby: objetivo, simples e direto, que tomava conhecimento dos fatos e ignorava por completo as entrelinhas. Agora, era-lhe oferecido outro ângulo que, ela suspeitava, poderia abrir um campo de visão bem diferente. Aquele cavalheiro pequeno, encurvado e formal era bastante versado na natureza humana, havia lido e estudado a

fundo, tinha pela vida aquela curiosidade ávida e interessada demonstrada pelos homens de ideias, em tudo oposta à dos homens de ação. Ela disse, com simplicidade:

– Por favor, me ajude. Estou muito aflita e infeliz.

– Deve estar, minha jovem, deve estar mesmo. Agora, se eu bem entendo a situação, o sobrinho mais velho de Trevelyan foi preso ou detido, e as evidências contra ele são de natureza muito simples e óbvia. Mas eu, é claro, sou um homem de mente aberta. Deve me conceder isso.

– Isso é lógico. Senão, por que acreditaria na inocência dele sem saber nada a seu respeito?

– Uma observação muito razoável – disse Rycroft. – De fato, srta. Trefusis, me parece que a sua pessoa é um objeto de estudo muito interessante. Por falar nisso, seu nome... É original da Cornualha, como o do nosso pobre Trevelyan?

– Sim – disse Emily. – Meu pai era de lá, minha mãe era escocesa.

– Ah! Muito interessante. Agora, vamos abordar nosso pequeno problema. Por um lado, vamos supor que o jovem Jim... o nome é Jim, não é mesmo? Vamos supor que o jovem Jim tinha uma necessidade premente de dinheiro, veio até Exhampton para ver o tio e pediu um empréstimo, que Trevelyan recusou. Em um acesso de raiva, ele apanhou o saco de areia que estava na porta e acertou a cabeça do tio. O crime não foi premeditado... Na verdade, foi uma tola explosão irracional conduzida de modo deplorável. Agora vejamos por outro lado: vamos supor que ele tenha partido furioso com o tio e alguma outra pessoa tenha entrado na casa pouco depois e cometido o crime. É o que a senhorita pensa, e, para colocar as coisas de outro modo, eu também espero que assim seja. Não gostaria que seu noivo tivesse cometido o crime, do meu ponto de vista seria bem pouco interessante. Estou apostando na outra hipótese. O crime foi cometido por outra pessoa. Vamos tomar isso como certo e ir de uma vez ao mais importante. Essa outra pessoa sabia do desentendimento que havia ocorrido pouco antes? Esse desentendimento, de algum modo, precipitou a ação do assassino? Compreende meu raciocínio? Alguém poderia estar

planejando se livrar do capitão Trevelyan e aproveitou essa oportunidade, deduzindo que as suspeitas recairiam sobre o jovem Jim.

Emily ponderou o assunto por aquele ângulo.

– Nesse caso... – começou Emily, devagar.

O sr. Rycroft tirou as palavras de sua boca e disse, de pronto:

– Nesse caso, o assassino seria uma pessoa muito próxima do capitão. Teria de residir em Exhampton. E, sob qualquer hipótese, precisaria estar na casa durante ou logo após a discussão. É uma vez que não estamos em um tribunal e podemos cogitar qualquer nome livremente, o do criado, Evans, vem logo à cabeça como uma pessoa que cumpriria esses requisitos. Um homem, que muito provavelmente estaria na casa, poderia ter ouvido a discussão e aproveitado a oportunidade. Temos agora de descobrir se Evans se beneficiou de algum modo da morte de seu patrão.

– Creio que recebeu uma pequena herança – disse Emily.

– Que pode ou não constituir um motivo bom o suficiente.

Temos de descobrir se Evans estava precisando de dinheiro. Temos de considerar, também, a sra. Evans... Uma senhora Evans de condição recente, pelo que sei. Se tivesse estudado criminologia, srta. Trefusis, perceberia o curioso efeito das procriações consanguíneas, especialmente nos distritos rurais. Há pelo menos quatro mulheres em Broadmoor[1] de modos muito agradáveis mas com um curioso desvio de temperamento que torna as vidas humanas de pouca ou nenhuma importância para elas. Não... Não devemos afastar Evans de nossas considerações.

– O que o senhor acha dessa história de sessão espírita, sr. Rycroft?

– Esse é um ponto muito estranho, de fato. Devo confessar, srta. Trefusis, que fiquei muito impressionado. Como talvez já tenha ouvido falar, acredito no mundo psíquico. Em certa medida, posso dizer que creio no espiritismo. Já escrevi um relatório completo e enviei para a Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Um caso impressionante e bem testemunhado. Cinco pessoas presentes, sendo que nenhuma delas poderia ter a menor ideia ou suspeita de que o capitão Trevelyan seria assassinado.

– Eu não acho...

Emily se interrompeu. Não era fácil apresentar para o sr. Rycroft sua própria teoria de que uma daquelas cinco pessoas poderia ser um cúmplice com conhecimento prévio do assassinato, sendo ele próprio uma delas. Não que ela suspeitasse sequer por um momento que havia alguma coisa ligando o sr. Rycroft à tragédia. Ainda assim, sentia que sugerir aquilo não seria de todo diplomático. Apresentou seu ponto de vista de modo indireto.

– Tudo isso me interessa muito, sr. Rycroft; é, como o senhor diz, um acontecimento espantoso. O senhor acha que alguma daquelas pessoas, além do senhor, é claro, poderia ser algum tipo de médium?

– Minha cara jovem, eu próprio não sou um médium. Não tenho talentos nessa área. Sou apenas um observador profundamente interessado.

– O que me diz do sr. Garfield?

– Um bom rapaz, mas sem nada de extraordinário.

– Bem-sucedido, eu suponho – comentou Emily.

– Totalmente quebrado. Espero estar usando o termo em sua acepção correta. Ele vem aqui para encenar preocupação por sua tia, por quem nutre o que eu chamo de “expectativas”. A srta. Percehouse é uma dama muito astuta, e sabe que a atenção dele não é desinteressada. Mas como tem um senso de humor sardônico bastante particular, ela deixa que ele represente.

– Gostaria de conhecê-la – disse Emily.

– Sim, certamente a conhecerá. Não tenho dúvidas de que ela insistirá em se encontrar com a senhorita. Ah, a curiosidade, srta. Trefusis, a curiosidade.

– Fale-me das Willett – pediu Emily.

– Encantadoras, bastante encantadoras. A seu modo colonial, é claro. Não têm verdadeira classe, se a senhorita me entende. São um tanto pródigas em sua hospitalidade, e interessadas no lado decorativo e superficial de tudo. A srta. Violet é uma moça adorável.

– Um lugar engraçado para se instalarem no inverno.

– Sim, muito estranho, não é mesmo? Mas no fim contas é apenas lógico. Nós, que moramos neste país, ansiamos pelo sol, por climas quentes, palmeiras ondulantes. E as pessoas que vivem na Austrália ou na África do Sul se encantam com a ideia de um Natal à moda antiga, com neve e gelo.

“Eu me pergunto qual delas lhe disse isso”, pensou Emily.

Ponderou que não era preciso enterrar-se em uma aldeia no meio da charneca para ter um Natal à moda antiga com neve e gelo. Parecia claro que o sr. Rycroft não via nada de suspeito no local que as Willett haviam escolhido para suas férias de inverno. Mas talvez isso fosse natural para um homem que era ornitólogo e criminalista. Aparentemente, Sittaford era a residência ideal para o sr. Rycroft, e ele não conseguia conceber que alguém considerasse o lugar um ambiente inadequado.

Haviam descido devagar pela encosta da montanha e agora caminhavam pela alameda dos chalés.

– Quem mora naquela cabana? – perguntou Emily, de forma abrupta.

– O capitão Wyatt... Ele é inválido. Receio que seja bastante antissocial.

– Era amigo do capitão Trevelyan?

– Não era um amigo íntimo, de forma alguma. Trevelyan fazia meras visitas formais a ele uma vez ou outra. Para falar a verdade, Wyatt não encoraja visitantes. É um homem mal-humorado.

Emily ficou em silêncio. Estava revisando as possibilidades de ela própria se tornar uma visitante do capitão. Não tinha a intenção de deixar qualquer ângulo inexplorado.

De repente, lembrou-se do único membro da sessão ainda não mencionado.

– E quanto ao sr. Duke? – perguntou, vivaz.

– O que tem o sr. Duke?

– Quem é ele?

– Bem... – disse o sr. Rycroft, devagar. – Isso é algo que ninguém sabe.

– Que extraordinário – disse Emily.

– Nem tanto, para falar a verdade – comentou Rycroft. – Entenda, Duke é um indivíduo sem segredo algum. Imagino que o único mistério a seu respeito seja sua origem social... não muito clara, se a senhorita me entende. Mas é um camarada muito bom, de verdade – apressou-se em acrescentar.

Emily não disse nada.

– Este é o meu chalé – disse Rycroft, interrompendo a caminhada. – Talvez a senhorita pudesse me dar a honra de entrar para conhecê-lo.

– Eu gostaria muito.

Seguiram pelo caminho até a porta e entraram no chalé.

O interior era um encanto. Estantes de livros cobriam as paredes. Emily foi de uma a outra, olhando os títulos dos livros com grande curiosidade. Uma seção versava sobre ocultismo, outra era de ficção policial moderna, mas a maior parte das prateleiras era dedicada a criminologia e a julgamentos famosos. Os livros sobre ornitologia ocupavam uma parte comparativamente pequena da biblioteca.

– É tudo tão agradável – disse Emily. – Preciso voltar agora. Creio que o sr. Enderby já está acordado e à minha espera. Para falar a verdade, ainda não tomei o desjejum. Havíamos combinado com a sra. Curtis às nove e meia, e vejo que já são dez horas. Estou terrivelmente atrasada... isso porque o senhor é uma pessoa tão interessante... e foi de tanta ajuda.

– Pode contar comigo para qualquer coisa – arrulhou o senhor Rycroft enquanto Emily lançava-lhe um olhar encantador. – Somos colaboradores.

Emily pegou na mão do homem e a apertou calorosamente.

– É maravilhoso – disse ela, usando a frase que no curso de sua curta vida havia se provado tão eficaz – sentir que há alguém em quem se pode confiar de verdade.

[1] Um dos mais conhecidos hospitais psiquiátricos de segurança máxima na Inglaterra, localizado em Berkshire. (N.T.)

CAPÍTULO 17

A srta. Percehouse

Emily retornou para encontrar a mesa posta com ovos e presunto, e Charles à sua espera.

A sra. Curtis ainda estava febril de excitação com o assunto da fuga do prisioneiro:

– Faz dois anos desde que o último escapou, e três dias foi o tempo que levaram para encontrá-lo. Estava perto de Moretonhampstead.

– Acha que ele virá para cá? – perguntou Charles.

A sabedoria nativa rejeitava essa suposição.

– Nunca vêm para este lado. É tudo charneca aberta, e quando se sai dela só há aldeias. Ele vai seguir para Plymouth, é o mais provável. Mas eles vão apanhá-lo bem antes disso.

– Ele poderia achar um bom esconderijo entre as pedras no outro lado do rochedo – cogitou Emily.

– A senhorita está certa, e *há* mesmo um esconderijo por lá. Chamam de Caverna das Fadas. Uma entrada estreita entre duas rochas, difícil de encontrar, mas que se alarga no interior. Dizem que uma vez um dos aliados do rei Charles escondeu-se lá por duas semanas, e que a empregada de uma fazenda levava-lhe comida.

– Preciso dar uma olhada nessa Caverna das Fadas. – disse Charles.

– Vai ficar surpreso com a dificuldade que é encontrá-la, senhor. Muitos grupos de piquenique de verão procuraram por ela uma tarde inteira sem sucesso, mas se o senhor a achar, deixe um alfinete lá dentro, para dar sorte.

– Eu me pergunto – disse Charles, quando ele e Emily já haviam terminado o desjejum e estavam dando uma volta pelo pequeno jardim – se eu não devia ir até Princetown. É incrível como as notícias se empilham à sua frente uma vez que se tem um pouco de sorte. Aqui estou eu... Comecei com um simples prêmio de um concurso de futebol e, antes que eu percebesse aonde estava indo, avancei diretamente para o caso de um condenado fugitivo e o de um assassinato. É maravilhoso!

– E quanto à sessão de fotos no chalé do major Burnaby?

Charles levantou os olhos para o céu e disse:

– Hum... Acho que eu deveria dizer que com esse clima a luz está ruim. Tenho de me agarrar à *raison d'être* de minha permanência em Sittaford o máximo possível, e acho que a está muito nebuloso. Ah... e espero que não se importe, mas enviei para o meu jornal uma entrevista com a senhorita.

– Está tudo bem – disse Emily mecanicamente. – O que me fez declarar?

– Ah, aquele tipo de coisas que as pessoas sempre querem ouvir – disse o sr. Enderby. – “Nosso enviado especial registra uma entrevista com a srta. Emily Trefusis, noiva do sr. James Pearson, preso pela polícia e implicado na morte do capitão Trevelyan.” E depois minhas impressões da senhorita como um garota linda e espirituosa.

– Obrigada – disse Emily.

– E cabeça-dura.

– O que quer dizer com “cabeça-dura”?

– É o que a senhorita é.

– Bem, é claro que sim – disse Emily. – Mas para que mencionar isso?

– Nossas leitoras sempre gostam de saber. Foi uma entrevista brilhante. Não faz ideia de como acrescentaram um belo toque feminino as coisas que disse sobre lutar por seu homem, não importando se o mundo inteiro está contra ele.

– Eu disse isso mesmo? – perguntou Emily com um leve estremecimento.

– Ficou chateada? – disse o sr. Enderby, angustiado.

– Oh, não! Aproveite, doçura.

O sr. Enderby parecia um pouco perplexo

– Está tudo certo – continuou Emily. – Estava citando uma frase que havia em um avental que tive quando criança... O dos domingos. O dos dias de semana dizia: “Não seja gulosa”.

– Ah, entendo. Também coloquei no texto bastantes observações sobre a carreira do capitão Trevelyan na marinha, e uma breve sugestão a respeito de alguns ídolos pilhados em um país estrangeiro e a possibilidade de o crime ser a estranha vingança de um sacerdote... Apenas uma sugestão, a senhorita entende.

– Bem, parece que o senhor fez sua boa ação do dia.

– E o que a senhorita estava fazendo? Levantou bem cedo, sabe Deus por quê.

Emily descreveu seu encontro com o sr. Rycroft.

Interrompeu-se de súbito, e Enderby, com uma olhada por sobre o ombro na direção do olhar dela, percebeu um rapaz de aspecto rosado e saudável inclinado sobre o portão e pigarreando para chamar a atenção de ambos.

– Sinto terrivelmente por interrompê-los e tudo o mais. É bastante embaraçoso, mas fui mandado aqui por minha tia.

Emily e Charles disseram “oh” ao mesmo tempo, em um tom interrogativo, como se não estivessem muito satisfeitos com a explicação.

– Minha tia – continuou o jovem – é uma pessoa medonha. Quando ela diz para ir, a gente vai, se entendem o que quero dizer. É claro, acho de uma informalidade terrível aparecer aqui em uma hora como esta, mas se conhecessem minha tia... e se fizerem o que ela deseja, a conhecerão dentro de uns poucos minutos...

– Sua tia é a srta. Percehouse? – interrompeu Emily.

– Correto – disse o moço, parecendo mais aliviado. – Então já sabe tudo sobre ela? A velha Mamãe Curtis lhe contou, eu suponho. Ela sabe ser linguaruda, não sabe? Não que seja má pessoa, não me entenda mal. Bem, o fato é: minha tia disse que gostaria de vê-la, e eu fui mandado aqui para dar o recado, apresentar nossos cumprimentos, e aquilo tudo, e perguntar se não seria demasiado

incômodo... Ela é uma pessoa inválida e não pode sair, e seria uma grande gentileza de sua parte... bem, a senhorita conhece esse tipo de coisa, não preciso dizer tudo. O motivo real é curiosidade, é claro, e se a senhorita disser que está com dor de cabeça, ou que tem cartas a escrever, por mim está bem, não precisa se incomodar.

– Oh, mas eu gostaria de me incomodar – disse Emily. – Irei com o senhor agora mesmo. O sr. Enderby está de saída para ver o major Burnaby.

– Estou? – perguntou Enberby em voz baixa.

– Está – respondeu Emily com firmeza.

Ela o dispensou com um breve aceno e juntou-se ao seu novo amigo na estrada.

– Imagino que seja o sr. Garfield.

– Exato. Eu devia ter me apresentado.

– Ora – disse Emily –, não foi muito difícil de adivinhar.

– Que ótimo a senhorita ter vindo de imediato. Muitas garotas ficariam bastante ofendidas, mas sabe como são as tias velhas.

– Não vive por aqui, não é mesmo, sr. Garfield?

– Pode apostar sua vida que não – disse Ronnie, enfático. – Já viu lugar mais desolado do que este? Nem no cinema se vê tal coisa. Me admira que ninguém cometa um homicídio para...

Fez uma pausa, aterrorizado com o que havia dito.

– Sinto muito mesmo. Sou o pobre-diabo mais desafortunado que já viveu. Sempre dizendo a coisa errada. Nem por um segundo quis me referir...

– Estou certa que não – disse Emily, tranquilamente.

– Aqui estamos – indicou o sr. Garfield.

Ele abriu o portão, e Emily passou por ele, seguindo pelo caminho que levava a um pequeno chalé idêntico aos demais. Na sala de estar, que dava para o jardim, havia um sofá no qual estava deitada uma senhora idosa com um rosto magro vincado de rugas e um dos narizes mais pontudos e inquisitivos que Emily jamais vira. Ela ergueu-se sobre um cotovelo com um pouco de dificuldade e disse:

– Então você a trouxe. Minha querida, foi muito gentil de sua parte visitar esta velha. Mas sabe com são as coisas quando se é

uma mulher inválida, temos de ficar de olho nos doces que passam e, se não pudermos ir até eles, é melhor garantir que eles venham até nós. Não deve achar que se trata de mera curiosidade... É mais do que isso. Ronnie, vá lá para fora pintar a mobília do jardim. Está no galpão nos fundos: duas cadeiras de vime e um banco. Vai encontrar lá pincel e tinta.

– Agora mesmo, tia Caroline.

O sobrinho obediente desapareceu.

– Sente-se – disse a srta. Percehouse.

Emily acomodou-se na cadeira indicada. Por estranho que fosse, de imediato foi tomada de amizade e simpatia bem claras por aquela mulher inválida de meia-idade e língua afiada. Sentia, de fato, que tinha uma espécie de afinidade com ela.

“Eis aqui alguém”, pensou, “que vai direto ao ponto, faz seu próprio caminho e controla a todos. Exatamente como eu, só que eu faço isso com minha aparência, e ela tem de fazê-lo pela força de seu caráter.”

– Se entendi bem, você é a moça que está comprometida com o sobrinho de Trevelyan. – começou a srta. Percehouse. – Sei tudo a seu respeito e agora que a vi compreendo exatamente para que veio. E desejo-lhe boa sorte.

– Obrigada – disse Emily.

– Odeio mulheres choronas – continuo a anfitriã. – Gosto das que se levantam e vão atrás do que querem.

Olhou para Emily com atenção.

– Suponho que tenha pena de mim... deitada aqui, incapaz de me pôr de pé e caminhar por aí.

– Não – disse Emily, pensativa. – Não sei o que eu faria em seu lugar, mas acho que, se alguém tem determinação, sempre consegue obter o que quer na vida. Se não conseguir de um jeito, conseguirá de outro.

– Muito bem – disse a srta. Percehouse. – É preciso olhar a vida por um ângulo diferente, e isso é tudo.

– Ângulo de ataque – murmurou Emily.

– O que disse?

Emily explicou o mais claramente que pôde a teoria que havia formulado naquela manhã e a aplicação que havia tirado dela para o caso em questão.

– Nada mal – disse a srta. Percehouse, sacudindo a cabeça. – Agora, minha querida, vamos direto ao assunto. Como não nasci ontem, suponho que veio até esta aldeia para descobrir o que puder a respeito das pessoas daqui, incluindo aí algo relacionado ao assassinato. Bom, qualquer coisa que queira saber sobre os habitantes de Sittaford eu posso contar a você.

Emily não perdeu tempo. De modo conciso e profissional, perguntou, diretamente:

– Major Burnaby?

– O típico oficial reformado, de mentalidade estreita, visão limitada e temperamento desconfiado. É um crédulo em questões de dinheiro, o tipo de homem capaz de investir em uma bolha especulativa nos Mares do Sul porque não consegue ver um palmo adiante do próprio nariz. Gosta de pagar suas dívidas em dia e detesta pessoas que não limpam os pés no capacho.

– E o sr. Rycroft?

– Um homenzinho esquisito e bastante egocêntrico. Um pomposo. Gosta de pensar em si mesmo como um sujeito excepcional. Suponho que já se ofereceu para ajudá-la a solucionar o crime alegando possuir maravilhosos conhecimentos de criminologia.

Emily admitiu que havia sido exatamente esse o caso.

– E quanto ao sr. Duke?

– Não sei coisa alguma sobre esse homem... embora devesse saber. É um tipo bastante comum. Eu deveria saber, mas não sei. É estranho. É como ter um nome na ponta da língua e passar a vida inteira sem conseguir lembrar.

– E as Willett?

– Ah, as Willett! – a srta. Percehouse içou-se sobre os cotovelos outra vez, com grande excitação. – De fato, o que dizer das Willett? Vou lhe dizer uma coisa a respeito delas, minha querida. Pode ser útil para você ou não. Vá até a minha

escrivaninha e puxe a gavetinha de cima... aquela à esquerda...
Isso mesmo. Agora me traga o envelope branco que está aí.

Emily trouxe o envelope, como a mulher lhe havia instruído.

– Não digo que seja importante... Provavelmente não é – disse srta. Percehouse. – Todos contam uma mentira ou outra de vez em quando, e a sra. Willett tem o direito de fazer o mesmo.

Ela apanhou o envelope e meteu a mão dentro dele.

– Vou lhe contar tudo. Quando as Willett chegaram aqui, com suas belas roupas e suas criadas e suas malas cheias de artigos da moda, mãe e filha vieram para Sittaford em um automóvel, e as criadas e os baús vieram pelo ônibus. E naturalmente, dado que a chegada delas era um acontecimento, como se diria, eu estava olhando a passagem da comitiva quando vi uma etiqueta colorida descolar-se de uma das malas e cair em um dos meus canteiros. E se há uma coisa que eu odeio mais do que qualquer outra é papel jogado ou bagunça de qualquer tipo, e por isso mandei Ronnie sair para recolhê-lo. Estava prestes a jogar o papel fora, mas ele era bonito e brilhante, e vi que eu poderia muito bem guardá-lo para os álbuns de recortes que faço para entreter as crianças do hospital. Bem, eu não teria pensado de novo nisso se a sra. Willett não tivesse mencionado deliberadamente em duas ou três ocasiões que Violet nunca havia saído da África do Sul, e que ela própria só havia estado na África do Sul, na Inglaterra e na Riviera.

– É mesmo? – perguntou Emily.

– Exato. Mas agora... olhe isto.

A sra. Percehouse empurrou para as mãos de Emily uma etiqueta de bagagem que trazia a inscrição "Hotel Mendle, Melbourne".

– A Austrália – disse a velha – não é a África do Sul... ao menos não no meu tempo. Não digo que tenha muita importância, mas vale pensar a respeito. E digo mais: ouvi a sra. Willett chamar a filha usando um "Cooee"[\[1\]](#), o que, outra vez, é mais típico da Austrália do que da África do Sul. E é muito esquisito, é só o que tenho a dizer. Por que alguém não desejaria admitir que esteve na Austrália se de fato esteve?

– Com certeza, é curioso – concordou Emily. – Como também é curioso elas terem escolhido vir morar aqui em pleno inverno, como fizeram.

– Isso salta aos olhos – disse a srta. Percehouse. – Já encontrou com elas?

– Não. Pensei em ir até lá esta manhã. Só não sabia direito com que motivo.

– Vou providenciar um pretexto para você. Vá buscar minha caneta tinteiro, algumas folhas de papel e um envelope. Certo. Agora, deixe-me ver...

A mulher fez uma pausa deliberada, após a qual, sem o menor aviso, ergueu a voz em um grito pavoroso:

– Ronnie, Ronnie, Ronnie! Esse rapaz é surdo? Por que não consegue vir quando é chamado? Ronnie! Ronnie!

Ronnie chegou em um trote rápido, com um pincel na mão.

– Aconteceu alguma coisa, tia Caroline?

– E por que deveria acontecer alguma coisa? Eu estava chamando você, isso é tudo. Ontem, quando foi à casa das Willett, você comeu algum bolo em particular à hora do chá?

– Bolo?

– Bolo, sanduíche, qualquer coisa. Como você é devagar, garoto! Que petiscos havia para acompanhar o chá?

– Bolo de café... – disse Ronnie, bastante confuso – e alguns sanduíches de patê.

– Bolo de café... Isso serve – comentou a sra. Percehouse, começando a escrever rapidamente. – Pode voltar à sua pintura, Ronnie. Não fique em volta, parado aí com a boca aberta. Tiraram as suas adenoides quando tinha oito anos, então nem essa desculpa você tem mais.

Ela continuou a escrever:

Cara sra. Willett,

Soube que serviu o mais delicioso bolo de café ontem com o chá da tarde. Poderia ter a grande gentileza de me dar a receita? Sei que não vai se importar com o que estou lhe pedindo... Uma inválida como eu tem tão poucas exceções

para variar sua dieta. Como Ronnie está ocupado esta manhã, a portadora, srta. Trefusis, prometeu-me gentilmente entregar este bilhete.

Não achou essas notícias todas sobre o prisioneiro tão assustadoras?

Sinceramente sua,
Caroline Percehouse

Colocou o bilhete em um envelope, selou e pôs o endereço.

– Aqui está, mocinha. Provavelmente, vai encontrar a porta da frente apinhada de repórteres. Vi uma porção deles passando pela alameda em um ônibus. Mas pergunte pela sra. Willett e diga que tem um bilhete de minha parte e a deixarão entrar. Não preciso dizer-lhe para manter os olhos abertos e aproveitar a visita o máximo que puder. Você vai fazer isso de qualquer jeito.

– A senhora é realmente muito gentil – disse Emily.

– Eu ajudo aqueles que se ajudam. A propósito, você ainda não me perguntou o que eu penso de Ronnie. Presumo que ele esteja na sua lista. Ele é um bom rapaz, a seu modo, mas fraco de dar pena. Me dói dizer que ele faria quase qualquer coisa por dinheiro. Veja o que ele aguenta de mim! E ele não tem miolos para ver que eu gostaria dez vezes mais dele se ele se irritasse comigo vez ou outra e me mandasse para o inferno. A única outra pessoa da aldeia é o capitão Wyatt. Acho que ele fuma ópio. E é, fácil, fácil, o homem mais mal-humorado da Inglaterra. Há algo mais que queira saber?

– Acho que não – disse Emily. – O que a senhora me contou parece bastante abrangente.

[1] Palavra derivada de um chamamento dos aborígenes australianos que passou ao idioma inglês daquele país como interjeição para chamar a atenção de alguém em uma conversa. (N.T.)

CAPÍTULO 18

Emily visita a mansão Sittaford

Enquanto caminhava rápido pela alameda, Emily percebeu mais uma vez como a feição da manhã estava mudando. A neblina estava se tornando cerrada.

“Que lugar horrível para se viver na Inglaterra”, pensou. “Se não está chovendo, nevando ou ventando, está enevoadado. E se o sol não brilha é tão frio que não se consegue sentir os dedos.”

Foi interrompida em suas reflexões por uma voz muito áspera falando bem perto de seu ouvido direito:

– Mil perdões, mas a senhorita por acaso viu por aí uma cadelinha bull terrier?

Emily se virou de olhos arregalados. Inclinado sobre um portão estava um homem alto, magro, com a pele muito morena, cabelo grisalho e olhos injetados. Apoiava um lado do corpo em uma muleta e olhava Emily com enorme interesse. Ela não teve dificuldade em identificá-lo como o capitão Wyatt, o proprietário inválido do chalé nº 2.

– Não, não vi – respondeu Emily.

– Ela fugiu. Uma criatura afetuosa, mas completamente tola. Com todos esses carros passando...

– Achava que poucos automóveis transitavam por este caminho – disse Emily.

– Há uma linha de ônibus turístico no verão – retrucou o capitão, ríspido. – É o passeio matinal de três pence e meio que vem de Exhampton. Sobe até o farol de Sittaford, com uma parada na metade do caminho para a compra de refrescos.

– Sim, mas não estamos no verão.

– De qualquer jeito, um ônibus subiu há pouco. Repórteres, eu suponho, querendo dar uma olhada na mansão Sittaford.

– O senhor conhecia bem o capitão Trevelyan? – perguntou Emily.

Deduziu que o incidente com a bull terrier havia sido um mero pretexto usado pelo capitão Wyatt para satisfazer uma compreensível curiosidade. Ela era, estava bem ciente disso, o principal objeto de atenção em Sittaford no momento, e era natural que o capitão quisesse dar uma olhada nela, como todos os outros.

– Não posso dizer que o conhecia muito bem – respondeu o capitão. – Ele me vendeu este chalé.

– É mesmo? – perguntou Emily, em tom encorajador.

– Um avarento, isso é o que ele era. O acordo era que ajustaria o lugar ao gosto do comprador, e só porque eu quis janelas cor de chocolate e caixilhos cor de limão ele queria que eu pagasse metade da pintura. Disse que o acordo era apenas para a cor padrão.

– O senhor não gostava muito dele...

– Estava sempre discutindo com ele. Mas eu discuto com todo mundo – acrescentou após pensar um pouco. – Em um lugar como este é preciso ensinar as pessoas a deixarem um homem em paz. Estão sempre batendo à porta, fazendo visitas inesperadas e querendo conversa. Não me importo de ver gente quando estou com a disposição certa... Mas tem de ser a minha disposição, não a dos outros. Não bastasse Trevelyan tomando-se ares de lorde e aparecendo sem avisar toda vez que lhe dava na veneta. Agora, não há alma alguma neste lugar que se aproxime de mim – completou, com satisfação.

– Oh! – exclamou Emily.

– Essa é a melhor parte de se ter um criado indiano. Eles sabem cumprir ordens. Abdul! – ele rosnou.

Um hindu alto de turbante saiu do chalé e postou-se à espera, atencioso.

– Entre para beber alguma coisa e conhecer meu pequeno chalé – disse o capitão Wyatt.

– Sinto muito, mas estou com pressa.

– Oh, não, não está.
– Sim, estou – disse Emily. – Tenho um encontro marcado.
– Ninguém entende a arte de viver hoje em dia – reclamou o capitão Wyatt. – Tomando trens, marcando encontros, fixando horários para qualquer coisa... Tudo uma besteira. Sempre digo: levante-se com o sol, faça as refeições quando estiver com fome e nunca se prenda a calendários ou relógios. Eu poderia ensinar as pessoas a viver se elas me ouvissem.

Os resultados daquele excelso modo de vida não pareciam muito auspiciosos, Emily pensou. Ela nunca havia visto ninguém tão semelhante ao destroço de um naufrágio quanto aquele capitão Wyatt. Contudo, sentindo que sua curiosidade fora satisfeita o suficiente por aquele momento, insistiu mais uma vez que tinha um encontro e seguiu seu caminho.

A mansão de Sittaford tinha uma porta da frente sólida, de carvalho, um gracioso sino com cordel, um imenso capacho de arame e uma brilhante caixa postal de latão polido. O conjunto representava, como Emily não podia deixar de notar, conforto e decoro. Uma criada muito formal e arrumada atendeu a porta.

Emily deduziu o estrago que os jornalistas que a precederam haviam causado quando a criada disse de imediato e em um tom distante:

– A sra. Willet não receberá ninguém esta manhã.

– Eu trouxe um bilhete da srta. Percehouse – declarou.

Aquilo claramente mudava a situação. O rosto da criada expressou indecisão e, em seguida, ela alterou seus modos.

– Queira entrar, por favor.

Emily foi introduzida no que os corretores de imóveis descreveriam como um “vestíbulo bem mobiliado”, e dali em uma grande sala de estar. A lareira acesa brilhava, e havia na sala traços evidentes de ocupação feminina. Estavam dispostos pelo lugar alguns vasos com tulipas, uma elaborada sacola de costura, um chapéu feminino e um Pierrô com pernas muito longas. Não havia nenhuma fotografia.

Tendo observado tudo, Emily aquecia as mãos na frente da lareira quando a porta da sala se abriu e uma moça da sua idade

entrou. A garota era muito bonita, vestia-se de modo caro e elegante e, Emily notou, achava-se em um estado de apreensão nervosa que jamais vira igual. Entretanto, nada disso aparecia na superfície. A srta. Willett fazia uma graciosa encenação de quem estava se sentindo inteiramente confortável. Avançou para Emily e apertou-lhe a mão:

– Bom dia. Lamento que mamãe não possa descer, mas ela passou a manhã na cama.

– Sinto muito. Temo ter aparecido numa hora imprópria.

– Não, é claro que não. A cozinheira está anotando a receita daquele bolo agora mesmo. Ficamos encantadas em atender a srta. Percehouse. Está hospedada com ela?

Emily refletiu, sorrindo por dentro, que aquela talvez fosse a única casa em Sittaford cujos moradores não estavam cientes de quem ela era e de por que estava ali. A mansão tinha uma rígida separação entre empregadas e empregadoras. As empregadas talvez soubessem algo sobre ela – quanto às empregadoras, estava claro que não.

– Não exatamente. Na verdade, estou no chalé da sra. Curtis.

– É claro, as cabanas são muito pequenas, e a srta. Percehouse já tem o sobrinho, Ronnie, morando lá. Suponho que não haveria um lugar também para a senhorita. Ela é uma pessoa maravilhosa, não é mesmo? Tem muita força de caráter, mas na verdade me assusta bastante.

– É uma tirana, não é mesmo? – concordou Emily, jovial. – Mas deve ser bastante tentador ser uma tirana, especialmente se as pessoas não a enfrentam.

A srta. Willett suspirou e disse:

– Bem que eu gostaria de saber enfrentar as pessoas. Tivemos uma manhã horrível, importunadas o tempo todo por aqueles repórteres.

– Oh, é claro. Esta casa é na verdade do capitão Trevelyan, não? O homem que foi assassinado em Exhampton.

Emily tentava determinar a causa exata do nervosismo de Violet Willett. A garota estava claramente à beira de um ataque. Algo a assustava – e muito. Foi com tal propósito que Emily

mencionou o capitão Trevelyan. Contudo, a garota não reagiu ao nome de modo perceptível, mas talvez já esperasse por aquele comentário.

– Sim. Assustador, não é mesmo?

– Por favor, me conte... isto é, se não se importar de falar do assunto.

– Oh, não, não... É claro que não... Por que me importaria?

“Há algo de muito errado com essa garota”, pensou Emily. “Mal sabe o que fala. O que a teria deixado assim nesta manhã em particular?”

– Fale da tal sessão espírita. Ouvi de passagem algo a respeito e me pareceu algo tremendamente interessante... quero dizer, absolutamente horrível.

“Medos de mulherzinha”, pensou consigo mesma, “é por aí que devo ir.”

– Oh, foi terrível – respondeu Violet. – Nunca me esquecerei daquela noite! Pensamos, é lógico, que alguém estava brincando... ainda que pareça uma brincadeira muito desagradável.

– E então?

– Nunca vou me esquecer do momento em que acendemos as luzes... Todos pareciam tão estranhos. Não o sr. Duke e o major Burnaby, eles são do tipo estoico, jamais admitiriam que estavam impressionados com algo assim. Mas dava para ver que o major Burnaby ficou realmente agitado com tudo aquilo. Acho que na verdade ele acreditou mais do que qualquer outra pessoa. Pensei que o pobre sr. Rycroft ia ter um ataque do coração, porque ele se dedica a essas pesquisas psíquicas, e Ronnie... Ronnie Garfield, a senhorita sabe... Ele parecia ter visto um fantasma... E na verdade viu mesmo. Até mamãe estava muito perturbada... Mais do que jamais a vi.

– Deve ter sido apavorante – disse Emily. – Gostaria de ter estado aqui para ver.

– Foi realmente bastante assustador. Todos tentamos fingir que havia sido só... uma brincadeira, sabe, mas não era o que parecia. E aí o major Burnaby, de súbito, resolveu ir até Exhampton e todos tentamos impedi-lo, dizendo que ele acabaria enterrado pela

nevasca, mas ele foi assim mesmo. E ficamos todos aqui, depois que ele partiu, nos sentindo preocupados e assustados. E então, ontem à noite, não, ontem pela manhã, recebemos a notícia.

– Acha que era o espírito do capitão Trevelyan – perguntou Emily em uma voz assustada – ou um episódio de clarividência ou telepatia?

– Não sei. Mas nunca, nunca mais vou rir de uma coisa assim outra vez.

A criada entrou com um pedaço de papel dobrado em uma bandeja e entregou-o a Violet. Depois que a empregada saiu, Violet desdobrou o papel, examinou-o e estendeu-o para Emily:

– Aqui está a receita. Para falar a verdade, a senhorita chegou bem a tempo. Esse negócio do assassinato assustou as criadas. Acham que é perigoso morar nesta área tão fora de mão. Mamãe perdeu a paciência com elas ontem e mandou-as arrumar suas coisas. Vão embora depois do almoço. Vamos contratar dois homens para substituí-las. Um empregado para o serviço da casa e um mordomo. Acho que assim as coisas vão funcionar muito melhor.

– Criadas são tão bobas, não? – comentou Emily.

– Sim, mesmo que de fato o capitão Trevelyan tivesse sido morto nesta casa.

– O que as fez vir morar aqui? – disse Emily, tentando fazer a pergunta soar espontânea.

– Ah, pensamos que seria divertido.

– Não acha o lugar enfadonho?

– Ah, não. Eu adoro o campo – disse Violet, mas seus olhos evitaram os de Emily. Por um momento, pareceu temerosa e desconfiada. Remexeu-se desconfortável na cadeira e Emily, ainda que com relutância, se levantou e disse:

– Agora preciso ir. Muito obrigado, srta. Willett. Espero que sua mãe melhore.

– Ela está bastante bem, na verdade. São só as criadas... E todas as preocupações.

– Entendo.

Com destreza, sem ser percebida pela outra, Emily largou suas luvas sobre uma mesinha. Violet Willett a acompanhou até a porta da frente e elas se despediram com poucas e breves saudações.

A criada que recebera Emily havia destrancado a fechadura, mas quando Violet Willett fechou a porta à saída da convidada, Emily não ouviu nenhum som de chave sendo girada. Por isso, quando alcançou o portão, refez, devagar, os passos até a entrada.

A visita havia mais do que confirmado suas teorias sobre a mansão Sittaford. Havia alguma coisa estranha acontecendo ali. Ela não achava que Violet Willett estivesse diretamente implicada – ou isso ou era uma atriz muito hábil. Mas havia alguma coisa errada, algo que *devia* ter alguma ligação com a tragédia. *Tinha* de haver algum vínculo entre as Willett e o capitão Trevelyan, e nesse vínculo podia estar a pista para solucionar todo o mistério.

Foi até a porta, torceu a maçaneta muito delicadamente e atravessou o umbral. O saguão estava deserto. Emily fez uma pausa, incerta do que fazer a seguir. Tinha uma desculpa, as luvas esquecidas distraidamente na sala de estar. Ficou parada e imóvel, ouvindo com atenção. Não havia ruído em parte alguma, a não ser um suave murmúrio vindo do andar de cima. Tão silenciosa quanto possível, Emily pôs o pé no primeiro degrau da escadaria e olhou para cima. Depois, subiu ligeiro um degrau por vez. Aquele era um movimento arriscado. Ela não poderia fingir que suas luvas haviam andado sozinhas até o andar superior, mas tinha um desejo ardente de escutar um pouco da conversa que estava se desenrolando. Os construtores modernos não faziam portas decentes, na opinião de Emily. Era possível ouvir um murmúrio de vozes no andar de baixo. Logo, quem alcançasse a porta poderia ouvir claramente a conversa que ocorria no interior do aposento. Outro degrau. Mais outro... Vozes de duas mulheres... Violet e a mãe, sem dúvida.

Súbito, a conversa se interrompeu – um dos degraus havia rangido. Emily recuou rapidamente.

Quando Violet Willett abriu a porta do quarto da mãe e desceu as escadas, ficou surpresa de encontrar a convidada de há pouco em pé no saguão, espiando em volta com um ar de cachorro perdido.

– Minhas luvas. Acho que as esqueci – explicou.

– Espero que estejam aqui – disse Violet.

Entraram na sala de estar e ali, como era de se esperar, encontraram as luvas perdidas depositadas em uma mesinha próxima ao local em que Emily estivera sentada.

– Muito obrigada – agradeceu Emily. – Fui tão estúpida. Estou sempre esquecendo as coisas.

– E vai precisar mesmo de luvas com este tempo. Está tão frio – comentou Violet.

Novamente se despediram, e desta vez Emily ouviu a chave girando na fechadura.

Desceu a estrada com uma porção de coisas na cabeça. Antes que aquela porta no andar de cima fosse aberta, ela ouviu, com nitidez, uma frase dita pela voz aflita e chorosa de uma mulher mais velha:

– *Deus meu! Não aguento mais! A noite de hoje não vai chegar nunca?*

CAPÍTULO 19

Teorias

Emily voltou para o chalé e não encontrou seu jovem amigo. A sra. Curtis explicou que ele havia saído com vários outros rapazes, mas haviam chegado dois telegramas para a jovem senhorita. Enquanto Emily os apanhava, abria-os e depois os guardava no bolso do casaco de lã, a sra. Curtis lançava-lhe olhares famintos. Até que perguntou:

- Espero que não sejam más notícias.
- Oh, não – respondeu Emily.
- Telegramas sempre me põem em sobressalto.
- Entendo – disse Emily. – São mesmo perturbadores.

Naquele momento, ela não sentia vontade de nada que não fosse ficar sozinha. Queria organizar as ideias. Subiu para seu quarto e, tomando um lápis e um bloco de notas, começou a ordenar o que sabia de modo sistemático. Depois de vinte minutos nesse exercício, foi interrompida pelo sr. Enderby:

– Olá, olá, aí está a senhorita. A imprensa procurou-a com afinco a manhã toda, mas perderam seu rastro em algum ponto. De qualquer forma, já ouviram de mim que não quer ser incomodada. No que concerne à senhorita, sou a fonte oficial.

Sentou-se na cadeira – Emily ocupava a cama –, soltou uma risadinha e continuou:

– Inveja e malícia não me enganam! Tenho lidado bem com a situação. Conheço todo mundo e estou no caminho certo. É bom demais para ser verdade. Fico me beliscando e com a sensação de que vou acordar de um minuto para o outro. Ah, notou essa neblina?

- Ela não vai me impedir de ir esta tarde a Exeter, espero.
- Quer ir a Exeter?
- Sim. Tenho um encontro marcado lá com o sr. Dacres. Meu advogado, o senhor sabe... o que está cuidando da defesa de Jim. Ele quer me ver. E acho que devo fazer uma visita à tia de Jim, Jennifer, enquanto estiver por lá. No fim das contas, Exeter fica a apenas meia hora de viagem.
- O que significa que ela poderia ter dado um pulo em Exhampton de trem, nocauteado o irmão e ninguém teria notado sua ausência.
- Sei que soa bastante improvável, mas é preciso examinar todas as possibilidades. Não que eu queira que seja a tia Jennifer... Preferiria que fosse Martin Dering. Odeio homens que, por estarem na família, acham que podem fazer determinadas coisas em público sem levar uma bofetada.
- Ele é desse tipo?
- Bem desse tipo. É o suspeito ideal para um homicídio... Sempre recebendo telegramas de corretores de apostas e perdendo dinheiro nos cavalos. É irritante que ele tenha um álibi tão bom, pelo que me disse o sr. Dacres. Um encontro com um editor e um banquete literário parecem sólidos e convincentes.
- Um banquete literário na sexta-feira à noite – disse Enderby.
- Martin Dering... Deixe-me ver... Martin Dering... Sim... Tenho quase certeza de que é isso. “Quase” uma vírgula, eu tenho é bastante certeza, mas posso confirmar com um telegrama para Carruthers.
- Do que está falando?
- Escute. Sabe que viajei para Exhampton na noite de sexta-feira. Bem, havia algumas informações que eu precisava obter de um colega do jornal, Carruthers é o nome dele. Ele iria me encontrar às seis e meia, se pudesse... primeiro precisava cobrir um banquete literário. É um sujeito bastante chato. Se não conseguisse me ver, enviaria as informações pelo correio para Exhampton. Bem, ele não pôde ir e me mandou uma carta.
- E o que isso tudo tem a ver com a história? – perguntou Emily.

– Não seja tão impaciente, estou chegando ao ponto. O camarada estava em um estado lastimável quando me escreveu... Havia enchido a cara no banquete... Daí que, após me dar a informação que eu desejava, seguiu adiante com uma longa e picante descrição do jantar. Você sabe, sobre os discursos, e quem disse o que, e qual famoso romancista ou célebre dramaturgo estava por lá. E reclamou que havia sido muito mal posicionado. Indicaram-lhe um lugar no qual havia uma cadeira vazia de um lado, reservada para a escritora best-seller Ruby McAlmott, e um assento vazio do outro, onde deveria estar, mas não estava, o especialista erótico, Martin Dering, e que ele tentou remediar a situação trocando de lugar e sentando-se próximo a um poeta muito conhecido em Blackheath. Vê aonde quero chegar?

– Charles, querido! – a excitação transformava a voz de Emily em um trinado. – Que maravilha! Então o bruto não estava no banquete, no fim das contas?

– Exatamente.

– Tem certeza de que o nome era esse?

– Positivo. Por azar, já joguei a carta fora, mas sempre se pode mandar um telegrama para Carruthers para confirmar. Mas tenho certeza absoluta de que não estou enganado.

– Só que ainda há o encontro com o editor – ponderou Emily. – Aquele com o qual ele teria passado a tarde. Mas acho que era um editor que já estava com passagem de volta para os Estados Unidos comprada e, se for assim, parece suspeito. Quero dizer, é como se ele tivesse escolhido alguém que não poderia ser interrogado com facilidade.

– Acha que topamos com uma pista? – perguntou Charles Enderby.

– Bem, assim parece. Penso que a melhor coisa a fazer é ir direto àquele gentil inspetor Narracott e contar a ele esses fatos novos. Quer dizer, não temos como entrar em contato com um editor americano que pode estar agora a bordo do *Mauritânia*, ou do *Berengária*, ou de outro navio qualquer. Esse é um trabalho para a polícia.

– E se acontecer, terá sido pela minha dica. Que furo! – disse o sr. Enderby. – Se tudo der certo, penso que o *Daily Wire* não poderia me oferecer menos que...

Emily interrompeu com rudeza os sonhos de progresso do rapaz:

– Não devemos perder a calma e jogar tudo para o alto. Preciso ir a Exeter. Não acho que eu consiga voltar a Sittaford até amanhã. Mas tenho uma missão para você.

– Que tipo de missão?

Emily descreveu sua visita às Willett e a frase estranha que havia ouvido antes de deixar a casa.

– Temos de descobrir com total e absoluta certeza o que vai acontecer esta noite. Há algo no ar.

– Que coisa extraordinária!

– E não é? É claro que pode ser uma coincidência. Ou não... Mas note que as criadas estão sendo tiradas do caminho. Alguma coisa esquisita está para acontecer esta noite, e você tem de estar lá para ver o que é.

– Está sugerindo que eu passe a noite inteira tremendo de frio escondido em um arbusto no jardim?

– Bem, se não se importa... Jornalistas não medem esforços atrás de uma boa história.

– Quem lhe disse tal coisa?

– Não importa quem me disse, eu sei que é assim. Vai ou não vai fazer isso?

– Claro que vou. Não vou perder um só detalhe. Se algo esquisito acontecer esta noite em Sittaford, eu estarei lá.

Emily contou-lhe a história da etiqueta de bagagem.

– É estranho – comentou Enderby. – Austrália não é onde o terceiro integrante da família Pearson está? O mais novo. Não que isso signifique alguma coisa, mas ainda assim... Bem, pode haver uma ligação.

– Hum... Acho que isso é tudo. Tem algo a relatar de sua parte?

– Bem – começou Charles –, eu tive uma ideia.

– Qual?

- O que eu não sei é se você não vai ficar... incomodada.
- O que quer dizer com isso?
- Não vai brigar comigo por causa do que pensei, vai?
- Imagino que não. Acho que posso ouvir qualquer coisa com tranquilidade e sensatez.
- Bem, a questão é... – prosseguiu Charles Enderby, lançando a ela um olhar desconfiado. – Não pense que eu queira ser ofensivo ou algo assim, mas já se perguntou se aquele seu jovem noivo se ateve estritamente à verdade em suas declarações?
- O senhor quer dizer: se ele cometeu o homicídio, no fim das contas? Bom, tem todo o direito de adotar esse ponto de vista, se assim desejar. Desde o início eu lhe disse que era a hipótese mais natural, mas também disse que tínhamos de trabalhar com a presunção de que ele é inocente.
- Não quis dizer isso. Estou com a senhorita em presumir que ele não matou o tio. O que estou dizendo é: o quanto a versão dele é verdadeira? Ele alega que veio até Exhampton, teve uma conversa com o velho e saiu, deixando-o vivo e bem.
- Sim.
- Bem, o que me ocorreu foi: não acha possível que ele tenha vindo aqui e, na verdade, encontrado o capitão já morto? Ele pode ter perdido a cabeça, se assustado, fugido e depois não quis admitir.
- Charles propôs sua teoria em tom hesitante, mas ficou aliviado ao ver que Emily não demonstrava sinal algum de irritação. Em vez disso, franzia a testa e unia as sobrancelhas em uma expressão pensativa.
- Não vou me iludir. É possível. Não havia pensado nisso antes. Sei que Jim não mataria ninguém, mas poderia muito bem ficar nervoso e contar uma mentira idiota que depois, é claro, teria de sustentar. Sim, é bem possível.
- O problema é que não pode perguntar algo a ele sobre isso agora. Quer dizer, eles não deixariam vocês dois se encontrarem sozinhos, não?
- Posso mandar o sr. Dacres até ele – disse Emily. – Creio que é possível falar em particular com o advogado. O pior em Jim é que

ele é temerariamente obstinado: uma vez que tenha dito uma coisa, vai insistir nela.

– “Esta é a minha história e eu vou sustentá-la” – disse o sr. Enderby, em tom compreensivo.

– Exato. Fico feliz que tenha mencionado essa possibilidade, Charles, não havia me ocorrido. Estávamos procurando alguém que esteve na casa *depois* de Jim... Mas se foi *antes*...

Fez uma pausa, perdida em pensamentos. Duas teorias muito diferentes seguiam em direções opostas. Havia a sugerida pelo sr. Rycroft, na qual uma discussão de Jim com o tio era o ponto determinante. A outra teoria, contudo, não tomava, em absoluto, conhecimento de Jim. A primeira coisa a fazer, Emily sentia, era falar com o médico que havia sido o primeiro a examinar o corpo. Se houvesse a possibilidade de o capitão Trevelyan ter sido morto às... digamos, quatro horas, faria uma diferença considerável na questão dos álibis. Outra coisa a fazer era pedir ao sr. Dacres que insistisse com seu cliente sobre a necessidade de falar a verdade sobre aquele ponto.

Ela se levantou e disse:

– Bem, o melhor que tem a fazer é me ajudar a descobrir como chegar a Exhampton. Creio que o ferreiro tem algum tipo de automóvel. Pode ir até lá e combinar o transporte com ele? Vou partir imediatamente depois do almoço. Há um trem às 15h10 para Exeter. Isso me dará tempo para falar com o médico primeiro. Que horas são agora?

– Meio-dia e meia – disse o sr. Enderby, consultando seu relógio.

– Então vamos os dois até a aldeia acertar o assunto do carro. Há só mais uma coisa que quero fazer antes de deixar Sittaford.

– O quê?

– Uma visita ao sr. Duke. É a única pessoa em Sittaford que ainda não encontrei. E era um dos presentes à sessão espírita.

– Bem, nós vamos passar pelo chalé dele no caminho para a ferraria.

O chalé do sr. Duke era o último da fileira. Emily e Charles abriram o portão e seguiram até a entrada. Foi então que uma

coisa bastante surpreendente aconteceu: a porta se abriu e um homem saiu da casa. Esse homem era o inspetor Narracott.

Ele também pareceu surpreso e, ao menos foi o Emily imaginou, constrangido. Ela abandonou sua intenção original.

– Fico muito contente de encontrá-lo, inspetor Narracott. Há algumas coisas sobre as quais gostaria de falar com o senhor, se fosse possível.

– Seria um prazer, srta. Trefusis – disse o homem com uma olhada no relógio. – Mas receio que tenhamos de ser rápidos. Tenho um carro me esperando. Preciso voltar agora mesmo para Exhampton.

– Que sorte extraordinária. Poderia, então, me dar uma carona até lá, inspetor?

O policial disse, bastante sem jeito, que seria um prazer.

– Busque minha mala, Charles – ordenou Emily. – Já está arrumada.

Charles partiu imediatamente.

– É uma grande surpresa encontrá-la aqui, srta. Trefusis – disse o inspetor Narracott.

– Eu bem que havia lhe dito *au revoir* – Emily lembrou.

– Na hora não notei.

– O senhor nem de longe chegou a me notar – disse Emily, em tom cândido. – Saiba, inspetor, que cometeu um engano. Jim não é o homem que o senhor procura.

– Verdade?

– E tem mais: acredito, do fundo do coração, que o senhor concorda comigo.

– E o que a faz pensar assim, srta. Trefusis?.

– O que estava fazendo na cabana do sr. Duke? – retrucou Emily.

Narracott ficou embaraçado. Emily aproveitou a vantagem.

– O senhor tem dúvidas, inspetor... É isso mesmo, o senhor está em dúvida. Pensou que havia apanhado o homem certo, agora já não tem tanta certeza, e por isso está fazendo mais algumas investigações. Bem, tenho de lhe dizer algumas coisas que podem ajudá-lo. Contarei tudo no caminho para Exhampton.

Ouviu-se um som de passadas um pouco mais abaixo na alameda, e Ronnie Garfield apareceu. Tinha o ar de um estudante matando aula: envergonhado e ofegante.

– Srta. Trefusis – ele começou –, que tal dar um passeio comigo esta tarde? Enquanto minha tia faz a sesta, quero dizer.

– Impossível – foi a resposta de Emily. – Estou partindo. Vou para Exeter.

– O quê? Não está falando sério! Vai em definitivo?

– Ah, não. Devo estar de volta amanhã.

– Esplêndido.

Emily retirou algo do bolso de seu casaco e estendeu para ele.

– Poderia entregar isto para sua tia? É a receita para o bolo de café, e diga que ela fez o pedido na hora certa. A cozinheira está indo embora hoje, bem como as demais criadas. Não esqueça de dizer isso, ela vai ficar interessada.

Um grito longínquo foi trazido pela brisa. Dizia “Ronnie, Ronnie, Ronnie”.

– É minha tia – disse Ronnie, se pondo nervoso. – Acho melhor eu ir.

– Também acho. Ah, o senhor está com tinta verde na bochecha esquerda – avisou Emily. Ronnie Garfield desapareceu pelo portão do chalé da tia.

– Ah, ali vem meu jovem amigo com minha mala – disse Emily.
– Vamos, inspetor. Conto-lhe tudo no carro.

CAPÍTULO 20

Visita à tia Jennifer

Às duas e meia da tarde, o dr. Warren recebeu uma visita de Emily. Foi tomado de imediato fascínio por aquela garota expedita e atraente, que fazia perguntas bastante diretas.

– Sim, srta. Trefusis, compreendo o que quer dizer. Deve entender que, ao contrário do que pensam os leitores de romances policiais, é bem difícil fixar com precisão a hora da morte. Examinei o corpo às oito horas da noite. Posso dizer com certeza que o capitão Trevelyan já estava morto no mínimo duas horas antes disso. Agora, quanto tempo antes seria difícil dizer. Se a senhorita me contasse que ele morreu às quatro horas, eu responderia que é possível, embora a minha opinião particular se inclinasse por um horário posterior a esse. Por outro lado, ele com certeza não pode ter morrido muito antes disso. Quatro horas e meia antes seria o limite máximo.

– Muito obrigado – agradeceu Emily. – É tudo o que eu precisava saber.

Ela tomou o trem das 15h10 e, da estação, dirigiu-se diretamente para o hotel em que o sr. Dacres estava hospedado.

A conversa foi profissional e desapaixonada. O sr. Dacres conhecia Emily desde que ela era criança e havia se encarregado dos seus negócios desde que atingira a maioridade.

– Tem de se preparar para uma surpresa desagradável, Emily. As coisas estão muito piores do imaginávamos para o lado de Jim Pearson.

– Piores?

– Sim. Não é bom ficar de rodeios. Vieram a público certos fatos que contribuíram para mostrá-lo sob uma luz bem desfavorável. Foram esses fatos, na verdade, que levaram a polícia a indiciá-lo pelo crime. Eu não estaria agindo em seu interesse se sonegasse isso.

– Por favor, conte-me tudo.

A voz dela estava perfeitamente calma e tranquila. Qualquer que fosse seu abalo interior, não tinha a intenção de demonstrar seus sentimentos. Sentimentos não iriam ajudar Jim Pearson, e sim inteligência. Precisava manter a cabeça fria.

– Não há dúvida de que ele estava precisando de dinheiro com urgência. Não vou entrar nos aspectos éticos da situação por enquanto. Aparentemente, Pearson já havia algumas vezes tomado dinheiro emprestado (para usar um eufemismo) da firma em que trabalha, sem o conhecimento de seus chefes. Estava interessado em especular em ações e, em uma ocasião anterior, sabendo que certos dividendos estavam para ser creditados em sua conta dentro de uma semana, usou o dinheiro da firma para comprar certas ações cujo valor subiria em breve, segundo informações seguras. A transação foi bastante satisfatória, o dinheiro foi devolvido e Pearson não parece ter tido nenhuma dúvida quanto à honestidade da operação. Aparentemente ele a repetiu há uma semana, e dessa vez ocorreu um imprevisto. Os livros da empresa são auditados em datas predeterminadas, mas por alguma razão dessa vez o processo foi antecipado, e Pearson se viu frente a um dilema bastante desagradável. Estava bem ciente de como seus atos seriam interpretados, e não tinha condições de levantar a soma de dinheiro necessária. Ele próprio admite que tentou empréstimos em toda parte, sem sucesso. E, como último recurso, abalou-se até Devonshire para se ajoelhar diante do tio e convencê-lo a ajudar. E isso era uma coisa que o capitão Trevelyan com certeza se recusaria a fazer.

“Portanto, Emily querida, não teremos como impedir esses fatos de virem à tona. A polícia já desenterrou o assunto. E você entende, não é mesmo, que o que temos agora é um motivo urgente e muito forte para o crime. Uma vez que o capitão

estivesse morto, Pearson poderia, com facilidade, obter o montante necessário do sr. Kirkwood, como um adiantamento da herança, e poderia assim salvar-se do desastre e de um possível processo criminal.”

– Ah, aquele idiota – disse Emily, desamparada.

– De acordo – concordou o sr. Dacres, com secura. – A mim me parece que nossa única chance reside em provar que Jim Pearson não tinha conhecimento algum das disposições testamentárias de seu tio.

Houve um momento de silêncio enquanto Emily pensava no assunto. Então disse, calmamente:

– Temo que seja impossível. Todos os três sabiam... Sylvia, Jim e Brian. Eles com frequência faziam comentários e piadas sobre o tio rico de Devonshire.

– Querida, querida... Isso é muito ruim.

– Não acha que ele seja culpado, não é, senhor Dacres? – perguntou Emily.

– É curioso, mas não acho – respondeu o advogado. – Em algumas coisas, Jim Pearson é um rapaz bem transparente. Ele não tem (se me permite o comentário, Emily) padrões muito elevados de honestidade comercial, mas não acredito nem por um minuto que pudesse ter batido com aquele cilindro de areia na cabeça do tio.

– Isso é bom. Queria que a polícia achasse o mesmo.

– Concordo. Nossas impressões e ideias não têm nenhuma utilidade prática. O caso contra ele, infelizmente, é forte. Não vou esconder de você, minha criança, que a perspectiva é ruim. Eu sugeriria que fosse contratado o senhor Lorimer, do Conselho Real de Direito. Chamam-no de “o defensor dos desesperados” – ele acrescentou, em tom alegre.

– Há uma coisa que eu gostaria de saber – continuou Emily. – O senhor tem, é claro, visto Jim.

– Com certeza.

– Quero que me diga com toda a honestidade se acha que ele falou a verdade a respeito de outras coisas – ela esboçou a hipótese que Enderby havia sugerido.

O advogado refletiu sobre o assunto com cuidado antes de responder:

– Tenho a impressão de que ele está falando a verdade quando descreve sua entrevista com o tio. Mas há poucas dúvidas sobre o fato de ele haver metido os pés pelas mãos. Se deu a volta na casa, entrou pela janela daquele jeito e encontrou o cadáver de seu tio... É possível que tenha ficado assustado demais para admitir e inventou a outra história.

– É o que eu penso – disse Emily. – Da próxima vez que o vir, sr. Dacres, poderia insistir com ele para que diga a verdade? Pode fazer uma tremenda diferença.

– Farei isso – o advogado fez uma breve pausa e continuou: – Mas de qualquer maneira acho que sua teoria está equivocada. As notícias sobre a morte do capitão Trevelyan se espalharam por Exhampton por volta das oito e meia da noite. Nessa hora o último trem estava saindo para Exeter, mas Jim Pearson pegou o primeiro comboio disponível na manhã seguinte – um procedimento bem pouco inteligente, que chamou atenção para suas atitudes, que de outra forma poderiam ter passado despercebidas se ele tivesse tomado um trem em um horário mais convencional. E há mais uma coisa. Se, como sugere, ele descobriu o cadáver do tio algum tempo depois das quatro, acho que teria deixado Exhampton logo depois. Há um trem que parte pouco depois das seis e outro que sai às quinze para as oito.

– Esse é um ponto – admitiu Emily. – Não havia pensado nisso.

– Eu o questionei incisivamente sobre o método que usou para entrar na casa do tio – prosseguiu o sr. Dacres. – Ele alega que o tio o fez tirar as botas e deixá-las na entrada. Isso explica por que não foram descobertas pegadas úmidas no saguão.

– Ele disse se ouviu algum barulho... qualquer coisa... que possa ter dado a ele a ideia de que havia mais alguém na casa?

– Não mencionou nada, mas vou perguntar.

– Obrigada – disse Emily. – Se eu escrever um bilhete, pode entregar a ele?

– Estará, é óbvio, sujeito à leitura prévia das autoridades.

– Será algo bem discreto.

Ela foi até a escrivaninha e redigiu umas poucas palavras:

Meu querido Jim,
Tudo vai dar certo, portanto alegre-se. Tenho trabalhado como uma escrava da pior espécie para descobrir a verdade.
Como você foi idiota, meu querido.

Com amor,
Emily

– Aqui está.

O sr. Dacres leu o bilhete, mas não fez comentários. Foi Emily quem falou:

– Tomei bastante cuidado com a caligrafia, assim as autoridades da prisão poderão lê-lo com facilidade. Agora, preciso ir.

– Permita-me oferecer-lhe uma xícara de chá.

– Não, obrigado, sr. Dacres, não tenho tempo a perder. Estou indo visitar a tia de Jim, Jennifer.

Em Laurels, Emily foi informada que a sra. Gardner havia saído, mas retornaria em breve.

Com um sorriso para a criada, disse:

– Então posso entrar e esperar?

– Gostaria de falar com a enfermeira Davis?

Emily estava sempre pronta para falar com qualquer pessoa, e disse “sim” prontamente.

Poucos minutos depois, a enfermeira Davis apareceu, empertigada e curiosa. Emily a cumprimentou:

– Como vai? Sou Emily Trefusis... quase sobrinha da sra. Gardner. Isto é, futura sobrinha, mas meu noivo, Jim Pearson, foi preso, como presumo que saiba.

– Ah, foi tão horrível – disse a enfermeira. – Vimos tudo nos jornais esta manhã. Que coisa terrível. Parece estar suportando maravilhosamente bem, srta. Trefusis.

Havia uma débil nota de desaprovação no tom da enfermeira. Trazia implícita a noção de que enfermeiras podiam aguentar

qualquer coisa devido à força de seu caráter, mas não se esperava o mesmo das simples mortais.

– Bem, não posso deixar-me abater. Espero que isso não a afete. Quer dizer, deve ser embaraçoso para a senhora estar associada com uma família na qual houve um assassinato.

– É bastante desagradável, é claro – disse a enfermeira Davis, cedendo àquela prova de consideração –, mas o dever para com um paciente vem antes de qualquer coisa.

– Magnífico! Deve ser maravilhoso para tia Jennifer sentir que tem alguém em quem pode confiar.

– Imagine! – disse a enfermeira, afetando modéstia. – A srta. é muito gentil. Mas é claro que eu já tive algumas experiências curiosas antes desta. Ora, no último caso que atendi...

Emily ouviu pacientemente uma longa e escandalosa anedota que abrangia um divórcio complicado e questões de paternidade. Após elogiar a enfermeira por seu tato, discrição e *savoir faire*, Emily voltou sorrateira ao tópico dos Gardner:

– Eu não conheço o marido de tia Jennifer. Ainda não o encontrei pessoalmente. Ele nunca sai de casa, é isso?

– Não, pobre homem.

– Qual é exatamente o problema dele?

A enfermeira Davis embarcou na conversa com evidente satisfação. Ao fim da explicação, Emily murmurou, pensativa:

– Então, na verdade, ele poderia ficar bem novamente a qualquer hora.

– Estaria muito fraco.

– É claro. Mas parece que isso oferece alguma esperança.

A enfermeira sacudiu a cabeça com ceticismo profissional:

– Não creio que haverá cura alguma neste caso.

Emily havia anotado em sua caderneta os horários do que ela chamava o “álibi” de tia Jennifer. Fez uma tentativa:

– É bem estranho pensar que tia Jennifer estava no cinema enquanto seu irmão estava sendo assassinado.

– Muito triste, não é mesmo? – disse a enfermeira. – É claro que ela não poderia saber... mas o choque depois foi tão forte.

Emily vasculhou em sua mente para encontrar um modo de saber o que desejava sem fazer uma pergunta direta:

– Ela não teve algum tipo esquisito de visão ou premonição? Não foi a senhora que a encontrou no saguão, na chegada, e comentou que ela parecia bastante abalada?

– Ah, não. Não fui eu. Eu não a vi até que estivéssemos sentadas à mesa do jantar, e nessa hora ela parecia em seu estado normal. Que intrigante!

– Acho então que estou confundindo com alguma outra história – disse Emily.

– Talvez tenha sido outra pessoa – sugeriu a enfermeira Davis. – Eu mesma cheguei bem tarde aquele dia. Até me senti bastante culpada de deixar meu paciente sozinho por tanto tempo, mas ele mesmo havia insistido para que eu saísse.

Ela olhou de súbito para o relógio.

– Oh, céus. Ele me pediu outra bolsa de água quente. Preciso providenciar isso de uma vez. Pode me dar licença, srta. Trefusis?

Emily despediu-se da mulher, foi até a lareira e tocou a campainha.

Uma jovem desajeitada apareceu com uma expressão bastante assustada.

– Qual é seu nome? – perguntou Emily.

– Beatrice, senhorita.

– Beatrice, acho que não vou poder esperar a volta de minha tia, a sra. Gardner... Gostaria de fazer algumas perguntas a ela sobre as compras que fez na sexta-feira. Sabe se ela trouxe um pacote grande para casa?

– Não, senhorita, eu não a vi chegar.

– Achei que tivesse dito que ela voltou às seis da tarde.

– Sim, senhorita. Eu não a vi entrar, mas quando fui levar um pouco de água quente até o quarto dela, às sete horas, tomei um choque ao vê-la deitada na cama, no escuro. “Oh, madame”, eu disse a ela, “a senhora me deu um susto.” “Cheguei faz bastante tempo, às seis horas”, foi o que ela disse. E não vi pacote grande em lugar algum – disse Beatrice, tentando ao máximo se fazer útil.

“É tudo tão difícil”, pensou Emily. “É preciso inventar tanta coisa... Já falei de uma premonição e de um pacote grande, mas ainda acho que preciso inventar mais alguma coisa se não quiser soar suspeita.” Ela sorriu com doçura e disse:

– Está tudo bem, Beatrice, não importa.

Beatrice deixou a sala. Emily retirou da bolsa um pequeno guia ferroviário e o consultou:

– Saída de Exeter às 15h10 – ela murmurou. – Chegada em Exhampton, 15h42. Tempo para ir até a casa do irmão e matá-lo (como soa bestial e premeditado dito dessa forma): digamos de meia hora a 45 minutos. Quais os horários para a viagem de volta? Há um trem às 16h25 e aquele que o sr. Dacres mencionou, às 18h10, que chegaria às 18h40. Sim, qualquer um dos dois seria possível. É uma pena que não haja razão para suspeitar da enfermeira. Esteve fora a tarde toda e ninguém sabe aonde foi. É claro, não acredito de verdade que ninguém nesta casa tenha matado o capitão Trevelyan, mas de certa forma é reconfortante saber que elas poderiam ter feito isso. Ahn? Há alguém na porta da frente.

Houve um murmúrio de vozes no saguão e a porta se abriu para a entrada de Jennifer Gardner na sala. Emily se apresentou:

– Sou Emily Trefusis. A senhora sabe... a noiva de Jim Pearson.

– Então você é Emily – disse a sra. Gardner apertando-lhe a mão. – Que surpresa!

De repente, Emily sentiu-se pequena e muito fraca. Como uma menininha flagrada fazendo algo muito idiota. Tia Jennifer era uma pessoa extraordinária. E se havia alguma coisa que se podia dizer dela é que tinha caráter. Tinha caráter o bastante para duas ou três pessoas em vez de uma.

– Já tomou chá, minha querida? Não? Então tomará comigo. Só me dê um momento. Preciso subir e dar uma olhada em Robert primeiro.

Uma expressão estranha aflorou no rosto da tia ao mencionar o nome do marido. A voz bonita e dura amaciou. Foi como uma luz incidindo sobre ondas escuras de água.

“Ela o venera”, pensou Emily, deixada sozinha na sala de estar. “Ao mesmo tempo, há algo assustador em tia Jennifer. Eu me pergunto se tio Robert gosta de ser adorado tanto assim.”

Quando Jennifer Gardner retornou, havia tirado o chapéu. Emily admirou a fronte ampla e a linha plana do cabelo penteado para trás.

– Quer falar sobre o que aconteceu com Jim, Emily? Se não quiser, eu entendo.

– Falar não ajuda muito, não é mesmo?

– Só podemos esperar que eles encontrem rápido o verdadeiro assassino. Pode tocar a campainha para mim, Emily? Vou mandar servir o chá da enfermeira lá em cima. Não a quero de conversa fiada aqui em baixo. Como eu odeio essas enfermeiras!

– Ela é boa?

– Suponho que sim. De qualquer modo, Robert diz que é. Eu a detesto, sempre detestei, mas Robert diz que ela é, de longe, a melhor enfermeira que já tivemos.

– Ela é bastante atraente – disse Emily.

– Bobagem. Com aquelas mãos grosseiras e horrendas?

Emily observou os dedos brancos e delgados da tia lidarem com a jarra de leite e o pegador de torrões de açúcar.

Beatrice veio, apanhou a xícara de chá e uma bandeja com petiscos e deixou a sala.

– Robert tem andado muito preocupado com tudo isso – comentou a sra. Gardner. – Anda em grande estado de nervos. Suponho que seja devido à sua doença, na verdade.

– Ele não conhecia muito bem o capitão Trevelyan, não é mesmo?

– Não conhecia nem gostava dele. Para ser honesta, eu mesma não posso fingir que sinto muito a morte dele. Era um homem cruel e ganancioso. Sabia das dificuldades que temos enfrentado. Da pobreza! Sabia que um empréstimo no momento certo poderia ter financiado para Robert um tratamento especial que teria feito toda a diferença. Bem, aqui se faz, aqui se paga – disse a mulher, em uma voz profunda e ameaçadora.

“Que mulher estranha”, pensou Emily. “Bela e terrível, como saída de uma tragédia grega.”

– Pode não ser tarde demais – continuou a sra. Gardner. – Escrevi aos advogados em Exhampton hoje para perguntar se poderia obter uma certa soma de dinheiro como adiantamento da herança. O tratamento do qual estou falando é em alguns aspectos o que chamariam de charlatanice, mas tem sido bem-sucedido em um grande número de casos. Emily, que maravilhoso seria se Robert pudesse andar novamente.

A face dela brilhava, com se uma lâmpada a iluminasse.

Emily estava cansada. Havia tido um dia longo, comera pouco ou quase nada, e achava-se extenuada pelas próprias emoções reprimidas. Era como se a sala se afastasse e voltasse outra vez.

– Não está se sentindo bem, querida?

– Está tudo certo – ofegou Emily e, para sua própria surpresa, contrariedade e humilhação, rompeu em lágrimas.

A sra. Gardner não tentou se levantar para consolá-la – para gratidão de Emily. Apenas ficou sentada em silêncio até a jovem sossegar o choro. Murmurou em um tom de voz pensativo:

– Pobre menina. É muito azar que Jim tenha sido preso... muito azar. Queria que alguma coisa pudesse ser feita.

CAPÍTULO 21

Conversas

Entregue a suas próprias determinações, Charles Enderby não relaxou em seus esforços. Para se familiarizar com o modo de vida na aldeia, só precisou apelar para a sra. Curtis – como alguém que abrisse a válvula de um hidrante. Enquanto ouvia, levemente aturdido, o fluxo de anedotas, reminiscências, boatos, suposições e detalhes meticulosos, esforçava-se valentemente para selecionar o que pudesse ser útil. Mencionava então outro nome e de imediato a força da enxurrada corria para aquela direção. Ficou sabendo tudo sobre o capitão Wyatt, seu humor turbulento, sua rudeza, suas rixas com os vizinhos, sua cortesia ocasional e surpreendente, sempre voltada para jovens bonitas. A vida que levava ao lado do criado indiano, as horas peculiares nas quais fazia suas refeições e a descrição exata de sua dieta. Soube também da biblioteca do sr. Rycroft, de seus tônicos capilares, sua insistência em ordem e pontualidade estritas, sua curiosidade desordenada a respeito das ações de outras pessoas, a recente venda de algumas antigas e prezadas propriedades, seu inexplicável gosto por pássaros e a ideia corrente de que a sra. Willett estava de olho nele. Ficou a par da srta. Percehouse e de sua língua ferina, e da maneira como ela tiranizava seu sobrinho, e dos rumores sobre a vida dissoluta que aquele mesmo sobrinho levava em Londres. Ouviu de novo tudo a respeito da amizade do major Burnaby com capitão Trevelyan, suas reminiscências do passado e a paixão de ambos pelo xadrez. Foi informado do que se sabia sobre as Willett, incluindo a crença geral de que a srta. Violet Willett estava dando corda para o sr. Ronnie Garfield e de que ela não estava realmente interessada nele.

Alguém sugeriu que ela fazia excursões misteriosas à charneca e que havia sido vista por lá passeando com um rapaz. E sem dúvida era por isso, assim supunha a sra. Curtis, que elas haviam vindo para aquela região desolada. A mãe havia levado-a para lá para fazê-la superar alguma antiga paixão. Mas... “garotas podem ser muito mais astuciosas do que suas mães sonham”. A respeito do sr. Duke, curiosamente, havia pouco a contar. Estava lá havia pouco tempo, e sua atividade exclusiva parecia ser a horticultura.

Eram três e meia da tarde e, com a cabeça girando por causa da conversa com a sra. Curtis, Charles Enderby saiu para uma caminhada. Sua intenção era travar contato mais próximo com o sobrinho da srta. Percehouse. Um prudente reconhecimento nas cercanias do chalé da srta. Percehouse foi de pouca serventia, mas por um golpe de sorte topou com o jovem bem na hora em que este emergia desconsolado dos portões da mansão Sittaford. Tinha toda a aparência de quem fora mandado embora com a pulga atrás da orelha.

– Olá – disse Charles. – Diga-me, aquela é a casa do capitão Trevelyan?

– Exato – respondeu Ronnie.

– Esperava poder tirar uma foto dela esta manhã. Para o meu jornal, o senhor sabe – acrescentou. – Mas está um tempo horrível para fotografias.

Ronnie aceitou aquela declaração de boa-fé, sem pensar que se só fosse possível tirar fotografias em dias de sol brilhante, poucas seriam as publicadas nos jornais diários.

– Deve ser um trabalho muito interessante, esse seu.

– Uma vida de cachorro – disse Charles, fiel à convenção de nunca demonstrar entusiasmo pelo próprio trabalho. Olhou por cima do ombro para a mansão Sittaford e comentou: – O lugar é mais deprimente do que eu imaginava.

– E isso que está bem diferente desde que as Willett se mudaram para lá – emendou Ronnie – Eu estava por aqui no ano passado mais ou menos nesta mesma época, e dificilmente se poderia dizer que era o mesmo lugar. Ainda que eu não saiba muito bem o que elas fizeram. Trocaram a mobília de lugar, suponho,

arranjaram umas almofadas e coisas desse tipo. Posso dizer é que para mim tem sido uma bênção a presença delas por aqui.

– Suponho que, via de regra, não seja um lugar muito animado.

– Animado? Se eu morasse aqui por uma quinzena que fosse perderia completamente o juízo. Me espanta que minha tia consiga se agarrar à vida do jeito que tem feito. Ainda não viu os gatos, não é mesmo? Tive de escovar um deles esta manhã, e olhe como o demônio me arranhou – ele mostrou a mão e o braço.

– Que má sorte – comentou Charles.

– Diria que foi mesmo. Diga-me, está fazendo alguma investigação? Se sim, posso ajudá-lo? Ser o Watson para o seu Sherlock, ou algo do gênero?

– Há alguma pista na mansão Sittaford? – perguntou Charles, em tom casual. – O capitão Trevelyan deixou alguma coisa por lá?

– Acho que não. Minha tia conta que ele se mudou de armas e bagagens. Levou suas patas empalhadas de elefante, presas de hipopótamo, rifles de caça e tudo o mais.

– Quase como se ele não pretendesse voltar – comentou Charles.

– Opa, essa é uma ideia. Acha que ele cometeu suicídio?

– Um homem que conseguisse acertar a si próprio em cheio na nuca com um saco de areia seria algo semelhante a um artista do suicídio.

– É verdade. Bem que achei a ideia ruim. Mas é como se ele tivesse tido uma premonição. – O rosto de Ronnie se iluminou: – Escute, e que tal essa? Inimigos estão em seu encalço, ele sabe que estão a caminho, então limpa tudo e passa a casa adiante, como de fato o fez, para as Willett.

– A aparição das Willett foi um milagre.

– Sim, não consigo entender. Imagine alguém se enterrar desse jeito aqui no campo. Violet não parece se importar... Na verdade, até diz que gosta. Não sei qual é o problema com ela hoje. Suponho que seja a questão doméstica. Não sei por que as mulheres se afligem tanto por causa de criadas. Se elas se comportarem mal, é só mandá-las embora.

- Mas foi o que elas fizeram, não foi? – disse Charles.
- Sim, eu sei, mas estão muito agitadas por causa disso. A mãe deitada, gritando histérica, e a filha descontrolada. Acabou agora mesmo de me expulsar de lá.
- Elas receberam a visita da polícia?
- Ronnie arregalou os olhos:
- Polícia? Não, por que receberiam?
- Bem, foi o que imaginei. Vi o inspetor Narracott em Sittaford hoje pela manhã.
- Ronnie deixou cair a bengala com estrépito e se inclinou para apanhá-la:
- Ouvi bem o que disse? O inspetor Narracott estava em Sittaford esta manhã?
- Sim.
- E ele... é o encarregado do caso Trevelyan?
- Exato.
- E o que ele estava fazendo aqui? Onde o viu?
- Suponho que apenas fuçava por aí – disse Charles –, averiguando a vida pregressa do capitão, por assim dizer.
- Acha que é só isso?
- Penso que sim.
- Ele não acha que alguém em Sittaford tem alguma relação com o crime, acha?
- Isso seria muito improvável, não é mesmo?
- Bastante. Mas sabe como é a polícia: sempre batendo no prego errado. Ao menos é o que dizem nos romances policiais.
- Penso que são, na verdade, uma corporação de homens bastante inteligentes – discordou Charles. – Claro, a imprensa os ajuda bastante – acrescentou –, mas se um dia acompanhar um caso cuidadosamente, vai se impressionar com a maneira como eles rastreiam assassinos quase sem nenhuma evidência para seguir.
- Bem... É ótimo saber disso. E com certeza eles pegaram aquele tal de Pearson bem rápido. Parece um caso bastante claro.
- Como cristal. Que bom que não fomos nem eu nem você, não? Bem, preciso despachar alguns telegramas. Por aqui, se a

gente gasta mais de meia coroa em uma mensagem, as pessoas nos olham como se fôssemos lunáticos fugitivos.

Charles enviou seus telegramas, comprou um pacote de cigarros, alguns selos de aparência duvidosa e dois romances baratos editados em papel-jornal bastante amarelado. Depois, voltou para o chalé, atirou-se na cama e dormiu como um bebê, ignorando candidamente que ele e seus assuntos, em particular a srta. Emily Trefusis, estavam sendo debatidos em várias partes da vizinhança.

É possível afirmar com segurança que havia naquele momento apenas três tópicos de conversação em Sittaford. Um era o assassinato, outro era a fuga do prisioneiro e o terceiro, a srta. Emily Trefusis e seu primo. Na verdade, em determinado momento, quatro conversas diferentes tinham-na como tema central.

A primeira delas tinha lugar na mansão Sittaford, onde Violet Willett e a mãe haviam acabado de lavar elas próprias a louça do chá, em decorrência da retirada dos empregados.

– Foi a sra. Curtis quem me contou – disse Violet, ainda pálida e abatida.

– É quase uma doença o tanto que aquela mulher fala – disse a mãe.

– Eu sei. Parece que a garota está na verdade hospedada lá, com um primo ou algo assim. Ela mencionou hoje de manhã que estava no chalé da sra. Curtis, mas achei que fosse simplesmente porque não havia lugar para ela na casa da srta. Percehouse. E agora parece que ela nunca havia encontrado a srta. Percehouse até hoje!

– Como eu detesto aquela mulher! – comentou a sra. Willet.

– A sra. Curtis?

– Não, a tal Percehouse. O tipo de mulher perigosa. Vive para tentar saber da vida dos outros. Enviar aquela garota até aqui por causa de uma receita de bolo de café! Gostaria de poder mandar um bolo envenenado para ela. Isso a faria parar de uma vez por todas de se meter onde não é chamada.

– Acho que eu devia ter percebido... – começou Violet, mas não conseguiu concluir, interrompida pela mãe.

– Como você poderia, minha querida? E de qualquer forma, não houve prejuízo algum.

– Por que acha que aquela moça veio até aqui?

– Não acho que tinha nada definido em mente. Estava apenas reconhecendo o terreno. A sra. Curtis tem certeza de que ela é noiva de Jim Pearson?

– Creio que foi o que ela disse para o sr. Rycroft. A sra. Curtis disse que suspeitou disso desde o início.

– Bem, então a coisa toda é bastante natural. Ela está procurando, ainda sem um objetivo definido, por algo que possa ajudar.

– A senhora não a viu, mamãe – comentou Violet. – Ela não é alguém sem um objetivo.

– Gostaria de tê-la visto. Mas meus nervos estavam em pedaços hoje de manhã. Uma reação, eu suponho, àquela conversa de ontem com o inspetor de polícia.

– A senhora foi maravilhosa, mamãe. Se ao menos eu não tivesse sido uma completa idiota... desmaiar daquele jeito. Oh, estou tão envergonhada de mim por ter dado aquele show. E lá estava a senhora, perfeitamente calma e controlada... sem um fio de cabelo fora do lugar.

– Tenho um bom treinamento – disse a sra. Willett, em um tom de voz duro e seco. – Se você tivesse passado por tudo o que eu já passei... Mas espero que nunca passe, minha filha. Tenho confiança de que terá à sua frente uma vida feliz e pacífica.

Violet sacudiu a cabeça.

– Estou assustada... Estou mesmo assustada.

– Bobagem... E quanto ao que disse, sobre ter dado um show com o desmaio de ontem... longe disso. Não se preocupe.

– Mas aquele inspetor... Ele pode pensar que...

– Que foi a menção ao nome de Jim Pearson que a fez desmaiar? Sim... Ele vai pensar isso mesmo. Não é tolo, aquele inspetor Narracott. Mas e daí se ele pensar? Ele vai suspeitar de uma ligação... E vai procurar por ela... *E não vai encontrá-la.*

– A senhora acha que não?

– É claro que não! Como poderia? Confie em mim, Violet, querida. Tenho absoluta certeza. De certo modo, talvez o seu desmaio tenha sido uma ocorrência feliz. De qualquer jeito, vamos torcer para que sim.

A conversa número dois se dava na cabana do major Burnaby, e era mais como um monólogo apresentado pela sra. Curtis, que havia passado por lá para recolher a roupa suja do capitão e já estava há meia hora pronta para ir embora.

– Igual à minha bisavó Sarah Belinda, foi o que eu disse ao Curtis esta manhã – falou a mulher em tom triunfal. – Profunda... e do tipo que pode ter todos os homens na palma da mão.

O major Burnaby soltou um sonoro resmungo. A sra. Curtis continuou:

– Noiva de um rapaz e carregando outro a tiracolo. É bem o tipo da minha bisavó Sarah Belinda. E não faz isso por diversão, pode escrever. Não é só capricho... Ela tem substância. E agora o sr. Garfield... Ela vai tê-lo na ponta do laço antes que o senhor consiga dizer "opa". Nunca vi um jovem cavalheiro parecer tanto com uma ovelha quanto ele esta manhã... E esse é um sinal forte.

Ela fez uma pausa para tomar fôlego.

– Bem, bem, não quero lhe atrasar mais, sra. Curtis.

– O Curtis vai estar à espera do chá, sou capaz de apostar – disse ela, sem se mover. – Nunca fui de ficar fazendo fofoca. Faça seu trabalho, é o que eu sempre digo. E falando de trabalho, o que o senhor acha de eu fazer uma bela faxina geral?

– Não! – disse o major, com veemência.

– Já faz um mês desde a última.

– Não. Gosto de saber onde encontrar cada uma das minhas coisas. E depois dessas faxinas nada é posto de volta no lugar certo.

A sra. Curtis suspirou. Era apaixonada por uma boa limpeza.

– O capitão Wyatt é que precisaria de uma faxina de primavera. Aquele indiano desagradável... Gostaria de saber o que ele pode saber a respeito de limpeza. Sujeitinho repugnante.

– Não há nada melhor do que um empregado indiano – retrucou o major Burnaby. – Eles sabem fazer seu trabalho e não

ficam jogando conversa fora.

Qualquer indireta que pudesse haver na última frase não foi captada pela sra. Curtis. Sua mente havia recuado até um assunto anterior.

– Ela recebeu dois telegramas... Os dois chegaram no intervalo de meia hora. Me deram um bruto susto. Mas ela os leu friamente, como se não fossem nada. E aí me disse que estava indo para Exeter e que não voltaria até amanhã.

– E levou aquele rapaz com ela? – perguntou o major com um lampejo de esperança.

– Não, ele ainda está aqui. É um jovem cavalheiro agradável e bem falante. Os dois formam um belo par.

Seguiu-se mais um resmungo do major Burnaby.

– Bem – disse a sra. Curtis –, agora eu vou embora.

O major mal ousava respirar, com o receio de distraí-la de sua intenção. Mas desta vez a sra. Curtis cumpriu a palavra. A porta se fechou às costas dela.

Com um suspiro de alívio, o major deu de mão em seu cachimbo e começou a ler o folheto de uma certa companhia de mineração cujo valor era alardeado com um otimismo tão espalhafatoso que teria despertado suspeitas no coração de qualquer um que não fosse uma viúva ou um militar aposentado.

– Doze por cento... – murmurou. – Parece muito bom...

No chalé vizinho, o capitão Wyatt estava dando uma bronca no sr. Rycroft:

– Sujeitos como você – dizia ele – não conhecem nada do mundo. Nunca viveram. Nunca passaram dificuldades.

O sr. Rycroft não disse nada. Era tão difícil não falar a coisa errada para o capitão Wyatt que normalmente o mais seguro a fazer era não dizer nada.

O capitão inclinou-se em sua poltrona, olhando em volta:

– Onde aquela cadela se meteu? Garota bonita – acrescentou.

A associação de ideias era bastante natural na mente do capitão, mas não na do sr. Rycroft, que o olhou, escandalizado.

– O que ela faz aqui é o que o eu gostaria de saber. Abdul! – chamou Wyatt.

– *Sahib?*

– Onde está Bully? Ela saiu outra vez?

– Na cozinha, *sahib*.

– Não a alimente ainda – ele se recostou em sua poltrona e continuou no segundo assunto: – O que ela quer aqui? Com quem estava indo falar em um lugar como este? Vocês todos, velhos ultrapassados, vão entediá-la com suas conversas chatas. Troquei algumas palavras com ela hoje pela manhã. Acho que ficou surpresa de encontrar um homem como eu em um lugar como este – o capitão cofiou o bigode.

– Ela é noiva de James Pearson – disse o sr. Rycroft. – Você sabe, o homem que foi preso pelo assassinato de Trevelyan.

O copo de uísque que Wyatt havia levado aos lábios caiu, espatifando-se no piso. O capitão imediatamente rugiu para Abdul e amaldiçoou-o em termos bem pouco moderados por não colocar a mesa em um ângulo mais adequado com a poltrona. Depois, retomou a conversa.

– Então é ela. Boa demais para aquele almofadinha. Uma garota como aquela precisa de um homem de verdade.

– O jovem Pearson é muito bem-apegoado – interveio o sr. Rycroft.

– Ora, bem-apegoado... uma garota não quer um manequim de loja. O que esse tipo de rapaz que trabalha o dia todo em um escritório sabe da vida? Que experiência já teve com a realidade?

– Talvez a experiência de ser acusado de homicídio seja realidade suficiente para ele – retrucou, seco, o sr. Rycroft.

– A polícia tem certeza de que foi ele, não?

– Devem ter plena certeza ou não o teriam prendido.

– São um bando de caipiras – disse o capitão, sarcástico.

– Nem tanto. O inspetor Narracott me pareceu nesta manhã um homem hábil e competente.

– Onde você o viu nesta manhã?

– Ele esteve em minha casa.

– E não veio à minha – disse o capitão, em tom ofendido.

– Bem, você não era amigo íntimo de Trevelyan ou algo do gênero.

– Não sei o que quer dizer com isso. Trevelyan era um avarento, e eu disse isso na cara dele. E eu não puxava o saco dele como o resto das pessoas daqui. Estava sempre “dando uma passadinha”... Uma passadinha... Passadinhas demais. Se eu não quiser ver ninguém por uma semana, um mês ou ano, isso é problema meu.

– Já fazia uma semana que você não via ninguém, não?

– Não, e por que deveria? – Wyatt, irritado, desferiu um soco na mesa. O sr. Rycroft percebeu que, como de hábito, havia dito a coisa errada. – Por que diabos eu deveria? Diga-me.

O sr. Rycroft manteve um silêncio prudente. A raiva do capitão se dissipou.

– Mesmo assim – resmungou –, se a polícia quer saber alguma coisa sobre Trevelyan, sou eu o homem que devem procurar. Já rodei pelo mundo todo, e tenho bom-senso. Posso avaliar o valor de um homem. De que adianta procurar um bando de velhos fracotes e de mulheres? O que eles precisam é do juízo de um *homem*.

Desferiu outro soco na mesa.

– Bem – disse o sr. Rycroft –, suponho que eles saibam o que estão procurando.

– Perguntaram a meu respeito, naturalmente.

– Ahn... Não me lembro bem – disse o sr. Rycroft, cauteloso.

– Como assim não se lembra? Você não devia estar na idade de caducar.

– É provável que eu tenha ficado... ahn... nervoso.

– Nervoso, você? Com medo da polícia? Eu não tenho medo deles. Deixe que venham, é o que eu digo, e eu mostrarei a eles. Sabia que eu acertei um gato a cem jardas de distância uma noite dessas?

– É mesmo? – disse o Rycroft.

O hábito do capitão de disparar seu revólver contra gatos reais ou imaginários era uma dura provação para seus vizinhos.

– Estou cansado – disse, de súbito, o capitão Wyatt. – Bebe mais um drinque antes de ir?

Interpretando corretamente a sugestão, o sr. Rycroft se levantou. O capitão continuou insistindo em oferecer-lhe mais um

drinque.

– Você valeria o dobro se bebesse um pouco mais. Um homem que não sabe aproveitar uma bebida não é um homem, no fim das contas.

Mas o sr. Rycroft persistiu em recusar a oferta. Já havia consumido uma dose bem forte de uísque com soda, algo pouco comum para ele.

– Que chá você toma? – perguntou Wyatt. – Não sei nada a respeito de chás. Diga a Abdul para servir-lhe um. Gostaria que aquela garota pudesse vir aqui tomar um chá qualquer dia. Uma moça danada de bonita. É preciso fazer alguma coisa por ela. Deve se entediar à morte em um lugar como este, sem ninguém com quem conversar.

– Está acompanhada de um rapaz – disse o sr. Rycroft.

– Os rapazes de hoje me dão nojo. O que há de bom neles?

Sendo aquela uma pergunta difícil de responder de forma satisfatória, o sr. Rycroft sequer tentou. Despediu-se do capitão.

A cadela bull terrier o acompanhou até o portão, provocando nele grande alarme.

No chalé nº 4, a srta. Percehouse conversava com o sobrinho, Ronald:

– Se você gosta de babar atrás de uma moça que não lhe dá a mínima, essa é para você, Ronald. Muito mais do que aquela menina Willett, com quem você poderia ter uma chance, embora eu ache isso bastante improvável.

– Ora... – protestou Ronnie.

– A outra coisa que tenho a dizer é que, se havia um oficial de polícia em Sittaford, eu deveria ter sido informada. Quem sabe eu pudesse ter dado a ele alguma informação válida.

– Eu mesmo só soube depois que ele havia ido embora.

– Isso é tão típico de você, Ronnie.

– Desculpe, tia Caroline.

– E quando estiver pintando a mobília do jardim, não há necessidade de pintar o seu rosto também. Não melhora em nada sua aparência e ainda é um desperdício de tinta.

– Desculpe, tia Caroline.

– Agora – disse a srta. Percehouse, cerrando os olhos –, não discuta mais comigo. Estou cansada.

Ronnie arrastou os pés, parecendo desconfortável.

– O que é? – perguntou a velha, ríspida.

– Ah, nada... É só que...

– Sim?

– É que... eu estava me perguntando se a senhora se importaria que eu desse um pulo em Exeter amanhã.

– Para quê?

– Bem, quero encontrar um amigo por lá.

– Que espécie de amigo?

– Só um amigo.

– Se um rapaz quer contar mentiras, deve saber fazer isso – disse a srta. Percehouse.

– Lamento... Mas...

– Não se desculpe.

– Então está tudo bem? Posso ir?

– Não sei o que você quer, perguntando “posso ir?” como se fosse uma criancinha. Você já é maior de idade.

– Sim, mas o que estou dizendo é que não quero...

A srta. Percehouse fechou outra vez os olhos.

– Já pedi uma vez para não discutir. Estou cansada e quero repousar. Tudo o que eu tenho a dizer é que se o “amigo” que você vai encontrar em Exeter usa saias e se chama Emily Trefusis, você é mais idiota do que eu pensava...

– Olhe aqui, tia...

– Estou cansada, Ronald. Já chega.

CAPÍTULO 22

As aventuras noturnas de Charles

Charles não contemplava com nenhum prazer a perspectiva de sua vigília noturna. No íntimo, já imaginava que aquilo seria, muito provavelmente, um tiro n'água. Emily era uma garota possuída por uma imaginação muito vívida, pensava ele. Estava convencido de que o sentido que ela havia interpretado nas poucas palavras que ouvira tinha origem em sua própria cabeça. Era provável que a pura fadiga induzisse a sra. Willet a ansiar pela chegada da noite.

Olhou para fora de sua janela e tremeu. Era uma noite gélida, enevoada, de um frio cortante – a última noite que alguém gostaria de passar vagando a descoberto, à espera de que alguma coisa de natureza muito nebulosa viesse a acontecer.

Ainda assim, ele não ousaria ceder ao desejo intenso de permanecer confortavelmente entre quatro paredes. Recordava-se do tom líquido e melodioso da voz de Emily enquanto dizia: “É maravilhoso ter alguém em quem confiar”.

Ela confiava nele, Charles, e aquela confiança não seria depositada em vão. Decepcionar aquela garota linda e indefesa? Jamais.

“Além disso”, pensava ele enquanto vestia toda a roupa de baixo que havia trazido para depois se envolver em dois pulôveres e em um sobretudo, “as coisas poderiam ficar para lá de desagradáveis se Emily percebesse, ao retornar, que ele não havia cumprido a promessa.” Era possível que dissesse as coisas mais terríveis. Não, ele não podia se arriscar. Mas quanto a algo acontecer...

De qualquer modo, como e quando aconteceria? Ele não poderia estar em toda parte. Provavelmente o acontecimento, fosse lá qual fosse, se daria dentro da casa, e ele não ficaria sabendo de coisa alguma a respeito.

– Igual a qualquer garota... Saracoteando por Exeter e me deixando aqui para fazer o trabalho sujo – ele queixou-se consigo mesmo. Depois, lembrou-se outra vez das tonalidades aquosas da voz de Emily enquanto expressava sua confiança nele e sentiu vergonha pelo acesso de raiva.

Ele terminou de se vestir – parecia ter seguido Tweedledee [1] como modelo – e efetuou uma retirada furtiva do chalé.

A noite estava ainda mais fria e desagradável do que ele imaginara. Será que Emily dava-se conta de tudo o que ele estava prestes a sofrer em nome dela? Esperava que sim.

Sua mão deslizou com cuidado para dentro do bolso e acariciou uma garrafinha no interior dele.

– O melhor amigo do homem – murmurou. – Ao menos numa noite como esta.

Com as precauções adequadas, passou pelos portões da mansão Sittaford. As Willett não tinham cachorro, então não havia por que temer um sinal de alarme. A falta de luz no galpão de jardinagem mostrava que não havia ninguém lá dentro. A própria mansão Sittaford estava às escuras, exceto por uma janela iluminada no primeiro andar.

“Aqueles duas estão sozinhas na casa”, pensou Charles. “Eu mesmo não gostaria de estar lá dentro. É assustador!”

Questionava-se se Emily havia realmente entreouvido aquela frase, “*A noite de hoje não vai chegar nunca?*”. O que significava?

“Eu me pergunto... E se elas estiverem pensando em se mudar às escondidas? Bem, aconteça o que acontecer, o jovem Charles vai estar aqui para ver”, pensou.

Circulou a casa a uma distância discreta. Devido à noite enevoada, não tinha receio de ser observado. Até onde ele podia ver, tudo parecia estar normal. Uma visita aos fundos mostrou que as entradas estavam trancadas.

– Espero que alguma coisa aconteça – disse Charles após algum tempo. Tomou um gole econômico da garrafinha. – Nunca senti frio igual a este. “O que você passou durante a Grande Guerra, papai?” Seja lá o que for, não pode ser pior do que isto.

Deu uma espiada no relógio e ficou surpreso de saber que ainda faltavam vinte minutos para a meia-noite. Havia se convencido de que o amanhecer estava próximo.

Um som inesperado o deixou agitado e de ouvidos alertas. Era o som de uma tranca sendo retirada gentilmente de seu lugar, e vinha da direção da casa. Charles deu uma corrida silenciosa de arbusto em arbusto. Sim, ele estava certo, a pequena porta lateral estava se abrindo devagar. Uma silhueta escura apareceu no limiar, espreitando a noite com gestos ansiosos.

“Será a sra. ou a srta. Willett?”, Charles pensou. “Acho que é a doce Violet.”

Depois de alguns minutos de espera, a silhueta saiu para o pátio, fechou sem ruído a porta atrás de si e começou a andar em direção aos fundos da casa. Uma trilha seguia por trás da mansão Sittaford, passando através de um arvoredado e depois para fora do terreno, em plena charneca.

A trilha fazia uma curva perto dos arbustos onde Charles estava escondido – tão perto que Charles conseguiu reconhecer a mulher quando ela passou por ele. Sua suposição estava correta: era Violet Willett. Usava uma boina e um casaco preto muito comprido.

Ela seguiu na trilha, e Charles foi atrás, tão silenciosamente quanto possível. Não tinha medo de ser visto, mas estava ciente do risco de ser ouvido. Estava preocupado em não alertar a garota, e devido aos cuidados que tomava para isso, ela se acabou distanciando. Por alguns momentos, receou que pudesse perdê-la, mas, enquanto caminhava ansioso pelo arvoredado, viu-a parada não muito longe dele, no ponto em que a mureta que circundava a propriedade era interrompida por um portão. Violet Willett estava em pé ao lado do portão, inclinada para o outro lado e tentando enxergar algo através da noite escura.

Charles se esgueirou para o mais perto que conseguiu e esperou. O tempo passava. A garota tinha consigo uma lanterna de

bolso e, como a acendia apenas por um breve momento, apontando-a para si mesma, Charles deduziu que ela tentava ver as horas no relógio de pulso. Depois, debruçava-se sobre o portão na mesma atitude de interesse expectante. De repente, Charles ouviu um assobio fraco, repetido duas vezes.

Viu que a garota se pôs subitamente atenta, inclinou-se ainda mais sobre o portão e respondeu com o mesmo sinal – um leve assobio emitido duas vezes.

Com rapidez surpreendente, a silhueta de um homem emergiu da noite. A garota sussurrou uma exclamação e deu dois passos para trás. O portão girou para o lado de dentro, e o homem juntou-se a ela. Começaram a falar em um tom baixo e urgente. Incapaz de entender o que diziam, Charles se aproximou sem muita cautela. Um ramo estalou sob seus pés e o desconhecido virou-se para ele instantaneamente e gritou:

– Quem está aí?

Charles tentou fugir mas o homem percebeu seu vulto batendo em retirada.

– Você aí, pare! O que está fazendo aqui?

O homem pulou sobre Charles, que se virou para enfrentá-lo cara a cara. No instante seguinte ambos rolavam agarrados pelo chão.

A batalha foi curta. O adversário de Charles era, de longe, o mais forte dos dois, e logo se ergueu, arrastando seu prisioneiro.

– Acenda aquela sua lanterna, Violet – disse. – Vamos dar uma olhada neste sujeito.

A moça, que havia ficado paralisada de medo a alguns passos de distância, avançou e, obediente, acendeu a luz.

– Deve ser o homem que está hospedado na aldeia – ela disse. – Um jornalista.

– Um jornalista, é? – exclamou o outro. – Detesto essa raça. O que estava fazendo, seu pulha, bisbilhotando propriedade privada a esta hora de noite?

A lanterna oscilou na mão de Violet. Pela primeira vez, Charles pôde ter uma visão completa de seu antagonista. Por alguns minutos havia acalentado a desvairada ideia de que o visitante

pudesse ser o condenado fugitivo. Um olhar para o outro dissipou tal pensamento. Era um homem jovem, com não mais do que 24 ou 25 anos. Alto, de boa aparência e determinado, com nada que lembrasse o criminoso procurado.

– Agora – disse o rapaz, ríspido –, qual é o seu nome?

– Meu nome é Charles Enderby. E você não me disse o seu.

– Que cara de pau!

Charles teve uma súbita inspiração. Um palpite inspirado já o havia salvo mais de uma vez. Era um tiro no escuro, mas achava que estava certo. Disse, em um tom de voz tranquilo:

– Acho, contudo, que posso adivinhar.

– Como?

O outro estava claramente perplexo.

– Penso – continuou Charles – que tenho o prazer de me dirigir ao sr. Brian Pearson, residente na Austrália. Não é assim?

Houve um silêncio bastante longo. Charles tinha a sensação de que havia virado o jogo. Por fim, o homem disse:

– Nem posso pensar em como diabos você sabia, mas está certo. Meu nome é Brian Pearson.

– Neste caso – disse Charles –, suponho que possamos transferir esta conversa para o interior da casa e falar às claras!

[1] Referência a um dos “dois homenzinhos gordos” que Alice encontra no quinto capítulo de *Alice no País do Espelho*, de Lewis Carroll. O outro é Tweedledum. (N.T.)

CAPÍTULO 23

Em Hazelmoor

O major Burnaby estava fazendo contas ou – para usar uma frase mais ao gosto de Dickens – estava cuidando de seus negócios. Era um homem extremamente metódico. Mantinha, em um livro encadernado em couro, um registro de ações compradas e vendidas e o balanço dos rendimentos e das perdas – estas últimas mais frequentes, uma vez que, como muitos militares da reserva, o major tinha atração por taxas altas de juros em vez de percentagens modestas que trouxessem mais segurança.

– Aqueles poços de petróleo pareciam ótimos – ele murmurava.
– A impressão era de que valiam uma fortuna. E quase tão ruins quanto aquela mina de diamantes! Terras no Canadá... Isso agora deve ser seguro.

Seus cálculos foram interrompidos pela aparição do rosto do sr. Ronald Garfield na janela aberta.

– Olá – disse Ronnie, jovial –, espero não estar incomodando.
– Se quer entrar, dê a volta até a porta da frente. E cuidado com os cactos. Creio que está pisando neles neste exato momento.

Ronnie retirou-se com um pedido de desculpas e em seguida surgiu na entrada do chalé.

– Limpe os pés no capacho, por gentileza – gritou o major.
Achava os jovens extremamente irritantes. De fato, o único rapaz por quem sentira alguma simpatia em muito tempo fora o jornalista, Charles Enderby.

“Um moço muito gentil”, pensou o major. “E muito interessado no que eu contei sobre a guerra dos bôeres.”

O major não sentia o mesmo por Ronnie Garfield. Praticamente tudo o que desafortunado rapaz fazia ou dizia era interpretado da maneira errada por Burnaby. Ainda assim, hospitalidade era hospitalidade, e o major, leal à tradição, perguntou:

– Bebe alguma coisa?

– Não, obrigado. Para falar a verdade, dei uma passada aqui para ver se podíamos viajar juntos. Gostaria de ir a Exhampton hoje e ouvi dizer que Elmer já está agendado para levar o senhor até lá.

Burnaby anuiu e explicou.

– Preciso arrumar as coisas de Trevelyan. A polícia já liberou o local.

– Bem... – disse Ronnie, um tanto desajeitado. – Gostaria particularmente de ir a Exhampton hoje. Pensei que podíamos ir juntos e dividir as despesas. O que me diz?

– Certamente – concordou o major. – Por mim está bem. Mas o senhor faria muito melhor se fosse a pé – acrescentou. – Exercício. Nenhum de vocês rapazolas de hoje faz exercícios. Uma marcha rápida de dez quilômetros na ida e outros dez na volta faria todo o bem do mundo ao senhor. Eu mesmo, se não precisasse do carro para trazer algumas coisas de Trevelyan para cá, iria caminhando. Essa moleza é o grande mal dos dias de hoje.

– Oh, bem... Não gosto de me cansar. Mas fico feliz de que tenhamos acertado tudo. Elmer me disse que o senhor vai partir às onze horas. Está correto?

– Isso mesmo.

– Ótimo. Estarei lá.

Ronnie não era muito bom em cumprir sua palavra. Sua ideia de “estar no local” foi chegar com dez minutos de atraso. Encontrou o major Burnaby bufando, cuspiendo fogo e sem nenhuma intenção de ser aplacado por uma desculpa qualquer.

“Como fazem estardalhaço esses velhotes”, pensou Ronnie consigo mesmo. “Não têm ideia do incômodo que são para todo mundo com sua mania de pontualidade, de querer tudo feito na hora exata e com seus malditos exercícios para se manter em forma.”

Por algum tempo, sua mente brincou agradavelmente com a ideia de um casamento entre o major Burnaby e sua tia. Perguntava-se qual dos dois levaria a melhor. Sua tia, é claro. Era muito divertido pensar nela batendo palmas e gritando completamente histérica para chamar o major.

Afastando aquelas reflexões, tentou começar uma conversa casual.

– Sittaford tornou-se um lugar bem movimentado... De uma só vez temos a srta. Trefusis, seu amigo Enderby e o rapaz da Austrália... A propósito, chegou quando? Esta manhã, lá estava ele, e ninguém sabia de onde havia vindo. Minha tia quase perdeu o fôlego de preocupação.

– Ele está hospedado com as Willett – disse o major, azedo.

– Sim, mas de onde apareceu? Mesmo as Willett não têm uma pista de pouso particular. Acho que há alguma coisa por demais misteriosa por trás desse jovem Pearson. Ele tem o que eu chamaria de um brilho desagradável nos olhos... Umas cintilações bem incômodas. Tenho a impressão de que é o sujeito que acertou o pobre do velho Trevelyan.

O major não respondeu.

– Eis o modo como vejo a coisa – continuou Ronnie. – Esses camaradas que vão para as colônias normalmente não são flor que se cheire. Os familiares não gostam deles e por isso os despacham para lá. Muito bem... Um dia, o sujeito volta, precisando de grana, e visita o tio rico perto da época de Natal. O parente abastado se recusa a abrir a mão para o sobrinho necessitado... E este lhe acerta uma cacetada. Isso é o que eu chamo de teoria.

– Deveria mencioná-la para a polícia – comentou Burnaby.

– Pensei que o senhor pudesse fazer isso, já que é amiguinho de Narracott, não? A propósito, ele não andou xeretando por Sittaford outra vez, andou?

– Não que eu saiba.

– Ele não o visitou em sua casa hoje?

A brevidade das respostas do major pareceu por fim vencer as tentativas de Ronnie.

– Bem, é isso – disse vagamente, e depois caiu em um silêncio pensativo.

Em Exhampton, o carro estacionou à frente do Three Crowns. Ronnie desembarcou e, depois de combinar com o major que se encontrariam ali às quatro e meia para a viagem de volta, saiu para ver o comércio que a cidade tinha a oferecer.

O major foi primeiro ver o sr. Kirkwood. Depois de uma breve conversa, apanhou as chaves e rumou, depressa, para Hazelmoor.

Havia dito a Evans para encontrá-lo lá ao meio-dia, e achou o fiel servidor esperando sentado nos degraus. Com o rosto carrancudo, o major usou a chave para abrir a porta da frente e entrou na casa vazia, com Evans em seus calcanhares. Não estivera lá desde a noite da tragédia e, a despeito de sua determinação férrea de não demonstrar fraqueza, sentiu um leve calafrio enquanto atravessava a sala de visitas.

Evans e Burnaby trabalhavam em silêncio e em plena sintonia. Quando um deles fazia um breve comentário, sabia que o outro logo o compreenderia e manifestaria sua apreciação.

– É uma tarefa desagradável, mas tem de ser feita – dizia o major Burnaby, e Evans, contando pijamas e separando as meias em montes bem ordenados, respondia:

– Não parece certo. Mas, como o senhor disse, tem de ser feito.

Evans era hábil e competente em seu trabalho. Tudo foi minuciosamente separado, arrumado e classificado em pilhas. À uma da tarde, foram ao Three Crows para um almoço rápido. Quando voltaram para a casa, o major segurou num repente o braço de Evans enquanto este fechava a porta de entrada atrás de si.

– Silêncio. Está ouvindo um som de passos no andar de cima? Vem... do quarto de Joe.

– Deus meu, senhor. É mesmo.

Uma espécie de terror supersticioso manteve-os paralisados por alguns instantes, depois do que, erguendo os ombros com irritação, o major avançou até os degraus mais baixos da escadaria e gritou em uma voz estentórea.

Para sua surpresa, irritação e, ainda que não quisesse confessar, ligeiro alívio, Ronnie Garfield, parecendo bastante embaraçado, surgiu no topo da escada e disse:

– Olá. Estava procurando pelo senhor.

– Como assim, procurando por mim?

– Bem, queria dizer-lhe que não devo estar pronto às quatro e meia para a volta. Tenho de ir até Exeter. Portanto, não espere por mim. Terei de alugar um carro aqui mesmo em Exhampton.

– Como entrou nesta casa? – perguntou o major.

– A porta estava aberta – exclamou Ronnie. – Naturalmente, pensei que o senhor estivesse aqui.

O major virou-se, ríspido, para Evans:

– Não trancou a porta quando saiu?

– Não, é o senhor quem tem a chave.

– Burrice minha – resmungou o major.

– Não ficou brabo, não é? – disse Ronnie. – Não vi ninguém aqui embaixo, então subi as escadas e dei uma olhada.

– Claro, não importa – devolveu o major. – Você me assustou, só isso.

– Bem – disse Ronnie, jovial –, tenho de ir agora. Até mais.

O major grunhiu. Ronnie desceu as escadarias e perguntou, com um ar maroto:

– O senhor se importa de me dizer... ahn... onde aconteceu?

O major moveu o polegar na direção do escritório.

– Posso dar uma olhada?

– Se quiser – resmungou Burnaby.

Ronnie abriu a porta do escritório. Ficou lá dentro alguns minutos e depois voltou.

O major havia subido as escadas, mas Evans ainda se encontrava no saguão. Tinha o ar de um cão de guarda; seus olhos miúdos e encovados observavam Ronnie com uma espécie de curiosidade maliciosa.

– Quem diria – disse Ronnie. – Achava que fosse quase impossível remover manchas de sangue. Pensava que, não importando quantas vezes você as lavasse, elas sempre voltavam. Oh, mas é claro, o velho homem foi atingido com um saco de areia,

não? – e, dizendo isso, apanhou o saco comprido e estreito encostado contra a outra porta. Sopesou-o com cuidado, balançando-o nas mãos. – Belo brinquedo, hein? – Girou o objeto algumas vezes no ar, como um porrete.

Evans continuou calado.

– Bem – disse Ronnie, percebendo que o silêncio do outro não era de aprovação –, é melhor eu ir. Receio ter agido com muito pouco tato. – Ergueu o queixo na direção do andar de cima. – Esqueci-me de que eles eram amigos tão próximos e essa coisa toda. Indivíduos da mesma estirpe, não é mesmo? Bem, agora preciso ir de verdade. Peço desculpas se disse alguma coisa errada.

Ele atravessou o saguão e saiu pela porta da frente. Evans permaneceu em pé, impassível, e só subiu as escadas para se juntar ao major depois de ouvir a batida do portão à saída do sr. Garfield. Sem nenhuma palavra ou comentário, retomou as tarefas que havia deixado inacabadas, cruzando o quarto e ajoelhando-se à frente do armário das botas.

Às três e meia, o serviço estava terminado. Um baú cheio de roupas foi dado para Evans, e outro estava embalado e pronto para ser enviado ao Orfanato da Marinha. Papéis e contas foram guardados em uma maleta e foram dadas instruções a Evans para contratar uma empresa local de mudanças para a armazenagem de vários troféus esportivos e cabeças empalhadas, já que não havia lugar para aquilo no bangalô do major. Uma vez que Hazelmoor fora alugada já com a mobília, não havia nenhuma outra questão a considerar.

Quando tudo estava acertado, Evans pigarreou algumas vezes, nervoso, e disse:

– Mil perdões, senhor, mas... Estou à procura de trabalho como secretário de um cavalheiro, como fui secretário do capitão.

– Sim, sim, pode dizer a qualquer pessoa que fale comigo se precisar de referências. Vai ficar tudo certo, assim.

– Se o senhor me desculpa, não era bem isso o que eu tinha em mente. Rebeca e eu, senhor, conversamos ontem à noite e estávamos pensando que... talvez o senhor pudesse nos conceder um período de experiência em sua casa.

– Oh! Mas... bem... Eu tomo conta de mim mesmo, como você sabe. Aquela senhora vai ao meu chalé, faz a limpeza uma vez por dia e cozinha de vez em quando. E isso... é tudo o que eu posso pagar.

– O dinheiro não tem muita importância, senhor – Evans apressou-se em dizer. – Veja, eu gostava muito do capitão e... bem, se eu pudesse fazer pelo senhor o mesmo que fazia por ele, então... seria quase a mesma coisa, se o senhor me entende.

O major pigarreou e desviou o olhar.

– Muito digno de sua parte. Dou minha palavra de que vou pensar no assunto.

E, saindo apressado, o major quase disparou em direção à estrada. Evans permaneceu no mesmo lugar e, com um sorriso compreensivo, seguiu-o com o olhar.

– Cara de um, focinho do outro, ele e o capitão – murmurou.

Ao dizer isso, uma expressão intrigada aflorou ao seu rosto.

– Em que será que eles discordavam? É um tanto esquisito. Preciso perguntar a Rebecca o que ela acha.

CAPÍTULO 24

Inspetor Narracott discute o caso

– Não estou inteiramente satisfeito, senhor – disse o inspetor Narracott.

O comissário olhava-o com uma expressão de curiosidade.

– Não – repetiu o inspetor Narracott. – Não estou nem perto de estar feliz com o andamento deste caso como já estive.

– Acha que pegamos o homem errado.

– Não estou satisfeito. No começo, tudo apontava em uma única direção, mas agora... é diferente.

– As evidências contra Pearson permanecem as mesmas.

– Sim, senhor, mas veio à luz um bom número de outros elementos. Há o outro Pearson... Brian. Achando que não tínhamos de procurar mais, aceitei como verdadeira a informação de que ele estava na Austrália. Agora, confirmou-se que ele estava na Inglaterra o tempo todo. Parece que voltou a Londres há dois meses... Aparentemente, veio no mesmo barco que as Willett, e teria se enamorado da garota durante a viagem. Em todo caso, seja lá por que razão, ele não fez contato com ninguém da família. Nem a irmã nem o irmão tinham a menor ideia de que ele estava no país. Na quinta-feira da semana passada, deixou o Hotel Ormsby, em Russel Square, e rumou para Paddington. E agora se recusa terminantemente a informar o que fez desde então até a noite desta terça, quando Enderby esbarrou com ele.

– Você o alertou para a gravidade de tal curso de ação?

– Sim, e ele disse que não dava a mínima. Que não tinha nenhuma relação com o assassinato e que nós é que deveríamos provar o contrário. Que a maneira como gastou seu tempo era da

conta dele, e não da nossa, e que se negava, em definitivo, a declarar onde havia estado e o que havia feito.

– Bastante inusitado – disse o comissário.

– O caso todo é inusitado, senhor. Entenda, não ajuda em nada fugir dos fatos, e esse homem é muito mais o tipo do criminoso do que o outro. Há algo que não se encaixa em James Pearson acertando a cabeça de um homem velho com um saco de areia... Mas para Brian Pearson isso seria apenas mais um dia de trabalho, por assim dizer. É um jovem mandão e cabeça quente... e receberá o mesmo que o irmão na herança, lembra-se?

– Sim...

– Ele veio até aqui esta manhã com o sr. Enderby, alegre e faceiro. Sua atitude foi franca e direta. Mas não me convence, senhor. Não mesmo.

– Hum... Você quer dizer...

– Quem diz são os fatos. Por que ele não apareceu antes? A morte de seu tio estava nos jornais de sábado. O irmão foi preso na segunda. E ele não deu sinal de vida. E nem teria dado se aquele jornalista não o tivesse descoberto no jardim da mansão Sittaford à meia-noite de ontem.

– O que ele fazia lá? O Enderby.

– Sabe como são esses repórteres – disse Narracott. – Sempre metendo o bedelho em tudo. São imprevisíveis.

– Na maioria das vezes, eles são um incômodo dos diabos. Ainda que às vezes possam ser úteis.

– Penso que foi a moça quem o colocou na pista – comentou Narracott.

– A jovem senhorita?

– Emily Trefusis.

– Como ela poderia saber qualquer coisa a esse respeito?

– Estava xeretando por Sittaford. E é o que se poderia chamar de uma moça muito esperta. Não há muita coisa que possa lhe escapar.

– E Brian Pearson disse o que estava fazendo por lá?

– Disse que foi a Sittaford para encontrar sua jovem senhorita, Violet Willett. Ela deixou a casa para se encontrar com ele quando

todos estavam dormindo porque não queria que sua mãe soubesse. Essa foi a história que contaram.

A voz do inspetor expressava uma descrença muito nítida.

– Na minha opinião, senhor, ele nunca teria se apresentado se não tivesse sido descoberto por Enderby. Teria voltado para a Austrália e reclamado de lá sua parte na herança.

Os lábios do comissário se retorceram em um breve sorriso e ele murmurou:

– Como ele deve ter amaldiçoado as pestes intrometidas desses jornalistas!

– E mais um detalhe veio à tona – continuou o inspetor. – Como o senhor sabe, há três irmãos Pearson, e Sylvia Pearson é casada com Martin Dering, o romancista. Ele me disse que havia almoçado e passado a tarde com um editor americano e que à noite fora a um banquete literário, mas agora parece que ele não esteve no jantar, afinal de contas.

– Quem disse isso?

– Enderby de novo.

– Preciso conhecer esse Enderby – disse o comissário. – Parece que ele é uma dos fios condutores desta investigação. Eu não duvidaria, o *Daily Wire* tem alguns rapazes brilhantes em seu staff.

– Bem, é claro que essa informação pode significar muito pouco ou nada – prosseguiu o inspetor. – O capitão Trevelyan foi morto antes das seis da tarde e, assim, não faz diferença de fato onde Dering passou a noite... mas por que ele mentiria para nós deliberadamente? Há algo aí que não me agrada.

– Nem a mim – concordou o comissário. – Parece um tanto desnecessário.

– Faz pensar que a coisa toda possa ser falsa. Suponho que seja uma conjectura exagerada, mas Dering *poderia* ter saído de Paddington no trem que parte às 12h10, chegado a Exhampton em algum momento depois das cinco, matado o velho, tomado o trem das 18h10 e chegado em casa antes da meia-noite. Em qualquer caso, é algo a ser verificado. Temos de investigar sua situação financeira, ver se ele estava desesperadamente duro. Qualquer dinheiro que a esposa recebesse estaria à disposição dele... Só é

preciso olhar para a mulher para saber disso. Temos de ter plena certeza de que o álibi da tarde não se sustenta.

– Isso tudo é extraordinário – comentou o comissário. – Mas ainda acho que a evidência contra Pearson é bastante conclusiva. Vejo que você não concorda comigo... Tem a sensação de que pegou o homem errado.

– A evidência é forte – admitiu o inspetor Narracott. – Circunstancial e tudo o mais, mas qualquer júri o condenaria com base nela. Ainda assim, o que o senhor diz é verdade. Não o vejo como um assassino.

– E a jovem noiva tem sido muito ativa neste caso.

– Sim, a srta. Trefusis. Ela é única, sem dúvida. Uma moça boa de verdade. E absolutamente determinada a libertá-lo. Conseguiu a simpatia daquele jornalista, Enderby, e agora ele está trabalhando para ela. É uma verdadeira pérola, boa demais para o sr. James Pearson. Além da boa aparência, eu não diria que há muita coisa notável no caráter dele.

– Mas se ela está fazendo tal esforço é porque gosta dele – disse o comissário.

– Ah, bem. Gosto não se discute. Então, concorda, senhor, que o melhor a fazer é averiguar sem demora o álibi de Dering?

– Sim, faça isso de uma vez. E quanto à quarta parte interessada no testamento? Há mais um herdeiro, não?

– Sim, a irmã. Mas ela está perfeitamente limpa. Fiz algumas investigações por lá e ela estava em casa às seis da tarde. Vou seguir adiante com o negócio de Dering.

Cerca de cinco horas mais tarde, o inspetor achava-se de novo na pequena sala de estar em The Nook. Desta vez o sr. Dering estava em casa. De início a criada havia dito que ele não podia ser incomodado enquanto escrevia, mas o inspetor sacou seu cartão timbrado e pediu que ela o entregasse a seu patrão o mais rápido possível. Enquanto esperava, andava para um lado e outro da sala, com a mente trabalhando em grande atividade. De quando em quando, pegava da mesa algum pequeno objeto, olhava-o quase sem ver e o recolocava no lugar. A cigareira de fibra australiana – era provável que fosse um presente de Brian Pearson. Apanhou um

velho livro bastante surrado. *Orgulho e preconceito*. Abriu a capa e teve dificuldade em ler um nome escrito no frontispício com tinta bastante apagada: Martha Rycroft. O sobrenome Rycroft lhe parecia familiar, mas ele não conseguiu em momento algum se lembrar por quê. Foi interrompido pelo abrir da porta e pela entrada de Martin Dering na sala.

O romancista era um homem de estatura mediana, com uma cabeleira castanha basta e abundante. Era bonito de um jeito meio grosseiro, com uma boca de lábios vermelhos e carnudos.

Uma aparência que não impressionou o inspetor Narracott.

– Bom dia, sr. Dering. Desculpe incomodá-lo outra vez.

– Não tem importância, inspetor, mas realmente não tenho como lhe informar qualquer coisa além do que já foi dito.

– Fomos levados a acreditar que o seu cunhado, o sr. Brian Pearson, estava na Austrália. Agora, descobrimos que ele esteve na Inglaterra pelos últimos dois meses. Acho que poderiam ter me dado essa informação. A sua esposa me disse com todas as letras que ele estava em Nova Gales do Sul.

– Brian na Inglaterra! – o espanto de Dering parecia genuíno. – Posso lhe assegurar, inspetor, que eu não tinha o menor conhecimento desse fato, e tenho certeza de que nem minha mulher.

– Ele não se comunicou com os senhores de algum modo?

– De verdade não. Sei disso porque durante esse tempo Sylvia mandou duas cartas para ele na Austrália.

– Bem, neste caso, aceite minhas desculpas. Mas naturalmente pensei que ele faria contato com seus parentes, e estava um pouco irritado com os senhores por terem ocultado isso de mim.

– Bem, como eu disse, não sabíamos. Aceita um cigarro, inspetor? A propósito, ouvi dizer que vocês recapturaram o seu fugitivo.

– Sim, nós o pegamos na quinta-feira à noite. Aquela neblina foi o grande azar dele. Ela o fez andar em círculos. Depois de percorrer umas vinte milhas, no fim das contas ele se encontrava a meia milha de distância de Princetown.

– É uma coisa extraordinária como todos parecem andar em círculos no meio da névoa. Sorte dele que não escapou na sexta-feira. Suponho que ele na certa teria sido acusado deste homicídio.

– É um homem perigoso. Freddy Australiano, era como lhe chamavam. Assalto com agressão, invasão de domicílio... Levava uma singular vida dupla. Na metade do tempo, se passava por um homem rico, respeitável e de boa instrução. Eu mesmo não tenho certeza se Broadmoor não seria o melhor lugar para ele. Era assaltado de tempos em tempos por uma espécie de delírio criminoso, desaparecia e ia conviver com os tipos mais baixos.

– Suponho que não seja fácil escapar de Princetown.

– É quase impossível. Mas esta fuga em particular foi extraordinariamente bem planejada e executada. Ainda nem chegamos perto de entender como ele conseguiu.

– Bem – disse Dering, pondo-se de pé e olhando para o relógio –, se não há nada mais que eu possa fazer pelo senhor, inspetor... Infelizmente sou um homem muito ocupado...

– Há mais uma coisa que pode fazer por mim, sr. Dering. Gostaria de saber por que mentiu que estava em um banquete literário no Cecil Hotel na noite de sexta-feira.

– Eu... não estou entendendo, inspetor.

– Acho que está. O senhor não esteve naquele jantar.

Martin Dering hesitou. Seus olhos pularam incertos do rosto do inspetor para o teto, depois para a porta e então para os próprios pés.

O inspetor esperava, calmo e impassível. Por fim, Martin Dering disse:

– Bem. E se eu não estivesse? Que diabos o senhor tem a ver com isso? Por que minhas atividades, cinco horas após a morte de meu tio, seriam da conta do senhor ou de qualquer outra pessoa?

– O senhor nos deu uma declaração, sr. Dering, e quero averiguar a veracidade dela. Uma parte já provou não ser verdadeira. Preciso verificar a outra. O senhor diz que almoçou e passou a tarde com um amigo.

– Sim... Meu editor americano.

– Qual o nome dele?

- Rosenkraun. Edgar Rosenkraun.
- E o endereço?
- Ele já deixou a Inglaterra, sábado passado.
- Com destino a Nova York?
- Sim.
- Então deve estar em alto mar neste exato momento. Em que navio ele embarcou?
- Eu... realmente não me lembro.
- Sabe qual a companhia? Cunard ou White Star?
- Eu não me lembro... De verdade.
- Bem – disse o inspetor –, vamos passar um telegrama para a editora em Nova York. Lá eles saberão.
- Foi o *Gargântua* – disse Dering, de má vontade.
- Muito obrigado, sr. Dering. Achei que conseguiria lembrar se tentasse. Agora, o senhor disse que almoçou com o sr. Rosenkraun e passou a tarde com ele. A que horas se despediram?
- Por volta de cinco da tarde.
- E o que fez depois disso?
- Não sou obrigado a responder, não é assunto seu. Já disse tudo o que o senhor queria saber.

Narracott balançou a cabeça, pensativo. Se Rosenkraun confirmasse o depoimento de Dering, colocaria por terra qualquer evidência contra ele. Quaisquer que fossem suas misteriosas atividades naquela noite, não fariam diferença para o caso.

– O que o senhor pretende fazer agora? – perguntou Dering, desconfortável.

– Passar um telegrama para o *Gargântua*, aos cuidados do sr. Rosenkraun.

– Maldição – reclamou Dering –, vai me envolver em todo tipo de escândalo. Olhe aqui...

Foi até a escrivania, rabiscou algumas palavras em um pedaço de papel e entregou-o ao inspetor.

– Suponho que esteja apenas fazendo seu trabalho – disse, ríspido. – Mas ao menos permita que seja do meu jeito. Não é justo arrastar um bom amigo para esta confusão.

No papel estava escrito:

Rosenkraun

S.S. Gargântua.

Pode, por favor, confirmar minha declaração de que estive com você sexta-feira, dia 14, do almoço até as cinco da tarde?

Martin Dering

– Peça que ele mande a resposta diretamente para o senhor, não me importa. Mas não para a Scotland Yard ou para uma delegacia. Não sabe como são esses americanos. Qualquer insinuação de que estou envolvido em um caso de polícia fará o novo contrato que eu e ele discutimos virar fumaça. Pode manter o assunto em sigilo?

– Não faço objeção, sr. Dering. Tudo o que quero é saber a verdade. Vou mandar a mensagem com resposta paga, pedindo que seja enviada para meu endereço particular em Exeter.

– Obrigado, o senhor é um bom sujeito. Não é nada fácil viver de literatura. Vai ver que a resposta será positiva. Menti a respeito do jantar porque, para falar a verdade, havia dito à minha esposa que estaria lá, e pensei que deveria contar a mesma história para o senhor. De outra forma, poderia me meter em um bocado de complicações.

– Se o sr. Rosekraun confirmar suas declarações, não tem mais nada a temer, sr. Dering.

“Que personagem desagradável”, pensou o inspetor ao sair da casa. “Mas ele parece bastante seguro de que o editor americano vai confirmar a veracidade de sua história.”

Enquanto esperava pelo trem que o levaria de volta a Devon, foi assaltado por uma lembrança repentina.

– Rycroft – disse. – É claro! É o nome do velho cavalheiro que vive em um dos chalés de Sittaford. Curiosa coincidência.

CAPÍTULO 25

No Café Deller

Emily Trefusis e Charles Enderby estavam sentados a uma mesinha no Café Deller, em Exeter. Eram três e meia, e o lugar estava relativamente tranquilo e silencioso. Uns poucos fregueses tomavam chá, e o restaurante estava deserto.

– Bem – disse Charles –, o que acha dele?

Emily franziu o cenho:

– É difícil dizer.

Após o depoimento à polícia, Brian Pearson havia almoçado com eles. Fora cortês ao extremo para com Emily – cortês até demais, na opinião dela.

O comportamento dele parecera bastante artificial para a astuta jovem. Ali estava um moço que estivera mantendo um caso de amor clandestino e que chegara incógnito do estrangeiro. E ainda assim, havia sido levado para lá e para cá como um cordeirinho; aceitara a sugestão de Charles de pegar um carro e ir conversar com a polícia. Por que tal atitude de concordância submissa? Parecia algo inteiramente atípico da verdadeira natureza que Emily adivinhara em Brian Pearson. Tinha certeza de que um “vão para o inferno” teria sido mais condizente com o temperamento dele.

Aquele comportamento passivo era suspeito. Tentou comunicar algo de suas impressões para Enderby.

– Entendo o que quer dizer – disse o jornalista. – O nosso amigo Brian tem algo a esconder, e por isso não pode agir com seu natural jeito arrogante.

– Exatamente.

- Acha que ele pode ter matado o velho Trevelyan?
- Brian é, bem, uma hipótese a se levar em conta. Acho que ele é bastante inescrupuloso e, se quisesse alguma coisa, não creio que deixaria os padrões da moralidade convencional ficarem em seu caminho. Nesse sentido ele não é completamente civilizado.
- Deixando de lado seus sentimentos pessoais, acha que ele faz mais o tipo criminoso do que Jim? – perguntou Enderby.
- Emily assentiu.
- Muito mais. E conseguiria se sair bem... Ele nunca perde a calma.
- Honestamente, Emily, acha que foi ele?
- Eu... não sei. Ele é o único que preenche os requisitos.
- O que quer dizer com requisitos?
- Bem... – disse ela, pondo-se a contar nos dedos: – 1) Motivo. O mesmo que Jim teria. Vinte mil libras. 2) Oportunidade. Ninguém sabe onde ele estava na tarde de sexta-feira. E se estivesse em qualquer lugar que pudesse revelar sem se comprometer... Bem, com certeza já teria feito isso. Então devemos presumir que estava nas adjacências de Hazelmoor na sexta-feira.
- Não acharam ninguém que o tivesse visto em Exhampton – Charles recordou. – E ele é um sujeito fácil de ser notado.
- Emily balançou a cabeça com desdém.
- Ele não andou por Exhampton, Charles. Não percebe que, se ele cometeu o crime, planejou tudo com antecedência? Só mesmo o pobre e inocente Jim iria se hospedar lá, como um perfeito idiota. Temos aqui perto Lydford, Chagford, talvez até Exeter. Ele poderia ter ido a pé de Lydford a Exhampton pela estrada principal, que não havia sido interditada pela neve. Teria sido a melhor rota.
- Suponho que teremos de sair perguntando por aí.
- A polícia já está fazendo isso – disse Emily – e pode fazê-lo melhor do que nós. Eles têm mais recursos para essas investigações públicas. É nas coisas pessoais e particulares que devemos nos deter, como ouvir as histórias da sra. Curtis, seguir uma dica da srta. Percehouse ou ficar de olho nas Willett. Aí podemos conseguir algo.
- Ou não, dependendo do caso – disse Charles.

– O que nos leva de volta ao fato de que Brian Pearson cumpre os requisitos. Já falamos de dois, motivo e oportunidade, e há um terceiro... o mais importante, no meu modo de ver.

– Qual?

– Tive desde o início a sensação de que não podíamos ignorar aquele negócio esquisito da mesa-girante. Tenho tentado encarar tudo com o máximo possível de lógica e clareza. Há apenas três explicações para a mensagem espírita: 1) Foi uma manifestação sobrenatural. Claro que é possível, mas, pessoalmente, estou deixando essa de fora. 2) Foi uma fraude. Alguém fez aquilo de propósito, mas como não conseguimos imaginar nenhum motivo plausível, podemos descartar essa também. 3) Foi acidental. Alguém deixou escapar sem perceber... Na verdade, sem querer. Uma denúncia inconsciente. Se foi assim, uma daquelas seis pessoas sabia com certeza que o capitão Trevelyan seria morto em uma determinada hora daquela tarde, ou que alguém teria com ele uma conversa que poderia resultar em violência. Nenhum dos seis poderia ser o verdadeiro assassino, mas um deles poderia estar mancomunado com o criminoso. Não há ligação aparente entre o major Burnaby e os demais, e o mesmo vale para o sr. Rycroft e para Ronald Garfield. Mas com as Willett a situação é diferente. Há uma relação entre Violet Willett e Brian Pearson. Aqueles dois são bastante íntimos, e a garota estava uma pilha de nervos depois do homicídio.

– Acha que ela sabia? – disse Charles.

– Ela ou a mãe... Uma ou outra.

– Deixou uma pessoa de fora: o sr. Duke.

– Eu sei – admitiu Emily. – É estranho. Ele é a única pessoa sobre quem não se sabe absolutamente nada. Tentei visitá-lo duas vezes e não tive sucesso. Não parece haver nenhuma ligação entre ele e o capitão Trevelyan, ou entre ele e os familiares do capitão. Não há nada que o ligue de qualquer forma ao caso, e ainda assim...

– O quê? – perguntou Charles Enderby depois que Emily fez uma pausa.

– Ainda assim nós encontramos o inspetor Narracott saindo do bangalô dele. O que Narracott sabe a respeito dele que nós não sabemos? Gostaria de descobrir.

– Acha...

– Vamos admitir que Duke é um personagem suspeito e que a polícia sabe disso. Agora, suponhamos que o capitão Trevelyan tenha descoberto alguma coisa sobre Duke. Lembre-se de que ele era exigente com os inquilinos. Vamos imaginar agora que o capitão estivesse prestes a contar o que sabia à polícia. Duke poderia ter feito um acordo com um cúmplice para matá-lo. Sei que soa terrivelmente melodramático quando posto dessa forma mas, ainda assim, algo do gênero pode ter acontecido.

– Com certeza é uma ideia – avaliou Charles, devagar.

Ficaram ambos em silêncio, perdidos em pensamentos.

De repente, Emily disse:

– Sabe aquela sensação estranha de que há alguém nos observando? Agora mesmo senti como se houvesse um par de olhos queimando minha nuca. É imaginação ou há de fato alguém olhando para mim neste instante?

Charles afastou um pouco a cadeira, observou o salão de modo casual e por fim relatou:

– Há uma mulher sentada a uma mesa próxima à janela. Alta, morena e bonita. Está olhando para a srta.

– Jovem?

– Não muito. Oh, aí está!

– O que foi?

– Ronnie Garfield. Acabou de entrar e apertar a mão dela, e agora está sentando-se à mesa. Acho que ela está dizendo alguma coisa a nosso respeito.

Emily abriu a bolsa e, de modo ostensivo, começou a passar um pouco de pó no rosto, ajeitando o espelhinho em um ângulo apropriado.

– É a tia Jennifer – disse, baixinho. – Eles estão conversando.

– É o que parece. Quer falar com ela?

– Não. Acho que é melhor fingir que não a vi.

– Enfim, não vejo porque sua tia não poderia conhecer Ronnie Garfield e convidá-lo para um chá.

– Não vejo como poderia.

– E por que não poderia?

– Ah, pelo amor de Deus, Charles. Não vamos ficar nisso o dia todo, *poderia, não poderia, poderia, não poderia*. É absurdo e não faz nenhum sentido! Mas estávamos agora mesmo falando que ninguém mais naquela sessão espírita tinha qualquer ligação com a família, e nem cinco minutos depois vemos Ronnie Garfield tomando chá com a irmã do capitão Trevelyan.

– O que prova que não se pode ter certeza de nada.

– O que prova que estamos sempre tendo de começar de novo.

– Em mais de um sentido – disse Charles.

Emily olhou para ele.

– O que quer dizer com isso?

– No momento, nada.

Ele pôs a mão sobre a dela, que não a retirou.

– Mas teremos de resolver isso mais tarde – continuou Charles.

– Mais tarde?

– Eu faria qualquer coisa por você, Emily. Simplesmente qualquer coisa.

– É mesmo? – disse Emily. – É muito gentil da sua parte, Charles querido.

CAPÍTULO 26

Robert Gardner

Apenas vinte minutos mais tarde, Emily tocava a campainha da porta da frente em Laurels. Havia seguido um súbito impulso.

Sabia que tia Jennifer ainda estaria no Deller, com Ronnie Garfield. Quando Beatrice abriu a porta, Emily deu-lhe um sorriso radiante.

– Sou eu de novo. Sei que a sra. Gardner está fora, mas posso falar com o sr. Gardner?

Estava claro que um pedido daqueles era bastante incomum. Beatrice pareceu em dúvida.

– Bem, não sei. A senhorita quer que eu vá lá em cima perguntar a ele se é possível?

– Sim, faça isso.

Beatrice subiu as escadas, deixando Emily sozinha no vestíbulo. Voltou em poucos minutos para pedir à jovem dama que a acompanhasse.

Robert Gardner estava deitado em um sofá próximo à janela, no quarto grande do primeiro andar. Era um homem corpulento, de olhos azuis e cabelos claros. Emily pensou que ele lembrava Tristão no terceiro ato de *Tristão e Isolda*^[1], mais até do que qualquer tenor wagneriano.

– Olá – disse ele – Você é a futura esposa do criminoso, não?

– Sim, tio Robert. Suponho que eu possa chamá-lo assim, não?

– Se Jennifer quiser... Como é saber que o seu rapaz está mofando na prisão?

Um sujeito cruel, concluiu Emily. Um homem que sentia um prazer maldoso em aplicar alfinetadas nos pontos mais sensíveis.

Mas ela era um adversário à altura. Disse, sorridente:

– Muito emocionante.

– Para o Jim, nem tanto.

– Bem, ao menos é uma experiência, não?

– Vai ensinar a ele que a vida é mais do que tomar cerveja e jogar boliche – disse Robert Gardner, com malícia. – Ele não era jovem demais para lutar na Grande Guerra? Mas não para viver no bem-bom. Ora, ora... Tomou na cabeça por outro lado.

Olhou-a com curiosidade.

– Por que veio me ver?

Havia um toque de suspeita na voz dele.

– Bom, se queremos entrar para uma família é melhor conhecer com antecedência os futuros parentes.

– Para descobrir os podres antes que seja tarde. Então acha mesmo que vai se casar com o jovem Jim?

– Por que não?

– Apesar da acusação de assassinato?

– Sim, apesar da acusação.

– Se é assim, nunca conheci ninguém mais estúpida. Alguém poderia pensar que você está se divertindo.

– E estou. Seguir o rastro de um assassino é terrivelmente emocionante – disse Emily.

– O quê?

– Eu disse que seguir o rastro de um assassino é terrivelmente emocionante – ela repetiu.

Robert Gardner a encarou por um momento, e depois se recostou nos travesseiros e disse, em um tom irritado:

– Estou cansado. Não consigo mais falar. Enfermeira. Onde está ela? Enfermeira, estou cansado!

A enfermeira Davis atendeu o chamado com rapidez, vinda de um quarto contíguo:

– O sr. Gardner se cansa muito fácil. Acho que é melhor a senhorita ir embora, se não se importa.

Emily levantou-se, balançou a cabeça com vigor e disse:

– Adeus, tio Robert. Talvez eu volte algum dia desses.

– O que quer dizer?

– *Au revoir* – disse Emily.

Ela já estava saindo pela porta da frente quando se deteve e disse a Beatrice:

– Oh, deixei minhas luvas lá em cima.

– Vou buscá-las, senhorita

– Não se incomode, eu mesma vou.

Subiu correndo as escadas e entrou no quarto sem bater.

– Mil perdões, lamento muitíssimo. Esqueci minhas luvas – disse ela, apanhando ostensivamente o que havia ido buscar. Sorriu com doçura para os dois ocupantes do aposento, sentados de mãos dadas, e desceu depressa a escadaria, deixando a casa em seguida.

– Essa artimanha de esquecer as luvas é excelente – pensou alto. – É a segunda vez que funciona. Pobre tia Jennifer. Será que sabe de alguma coisa? Provavelmente não. Preciso me apressar para não deixar Charles esperando.

Enderby a aguardava no Ford de Elmer no local em que haviam marcado encontro.

– Teve sorte? – ele perguntou, enquanto a ajudava a vestir a capa.

– Em certo sentido, sim. Não tenho certeza.

Enderby lançou um olhar curioso que ela não tardou em responder:

– Não. Não vou lhe dizer nada a respeito. Pode não ter relação com o caso... E se for assim, não seria correto de minha parte.

Enderby suspirou.

– Isso é o que eu chamo de jogo duro.

– Desculpe – disse Emily com firmeza –, mas é assim que vai ser.

– Bom, faça como quiser – respondeu Charles, em tom frio.

Viajaram em silêncio – Charles em um silêncio ofendido; Emily, quieta e distraída.

Estavam já perto de Exhampton quando ela fez um comentário totalmente inesperado:

– Charles, sabe jogar bridge?

– Sei sim, por quê?

– Estava pensando. Sabe o que dizem que se deve fazer para avaliar o valor das cartas que temos em mãos? Se estiver na defensiva, preste atenção em quem está ganhando, mas se estiver no ataque, observe os perdedores. Estamos no ataque neste nosso assunto em particular... Mas talvez estejamos fazendo as coisas do jeito errado.

– O que quer dizer?

– Bem, estamos procurando os ganhadores, não é? Digo, pensando em todas as pessoas que poderiam ter matado o capitão Trevelyan, por mais improvável que pareça. E talvez por isso estamos tão desnorteados.

– Eu não estou desnorteado – retrucou Charles.

– Eu estou. Tão confusa que não consigo nem pensar. Vamos olhar o caso de outro ângulo e prestar atenção em quem está perdendo – as pessoas que não poderiam ter matado o capitão Trevelyan.

– Bem, vejamos... – refletiu Enderby. – Para começar, temos as Willett, Burnaby, Rycroft e Ronnie... Oh, sim, e Duke.

– Sim – concordou Emily. – Sabemos que nenhum deles poderia tê-lo matado. Porque na hora em que foi morto estavam em Sittaford, uns às vistas dos outros e eles não podem estar todos mentindo. Sim, estão todos fora de suspeita.

– Para falar a verdade, todos em Sittaford estão fora de suspeita – disse Enderby. – Até o Elmer ali – baixou o tom de voz, já que o motorista podia estar ouvindo –, uma vez que a estrada para Sittaford estava interditada para veículos na sexta-feira.

– Ele podia ter ido a pé – disse Emily, em voz igualmente baixa. – Se o major Burnaby conseguiu chegar lá naquela noite, Elmer poderia ter partido à hora do almoço, chegado a Exhampton por volta das cinco da tarde, matado o capitão e feito o caminho de volta.

Enderby sacudiu a cabeça.

– Acho que ele não conseguiria voltar a pé. Lembre-se de que começou a nevar por volta das seis e meia. De qualquer modo, você não está acusando Elmer, está?

– Não – disse Emily –, embora nada o impeça de ser um maníaco homicida.

– Quieta – advertiu Charles. – Se ele ouvir o que está dizendo, vai se ofender.

– Em todo caso, não se pode dizer com absoluta certeza que ele não teve chance de matar o capitão Trevelyan.

– Quase. Ele não poderia ter ido caminhando a Exhampton e voltado sem que toda Sittaford ficasse sabendo e comentasse o quanto era estranho.

– De fato, é um lugar em que todos sabem da vida uns dos outros – concordou Emily.

– Exato. E por isso digo que todos em Sittaford estão fora de suspeita. Os únicos que não estavam nas Willett, a srta. Percehouse e o capitão Wyatt, são inválidos. Não poderiam se aventurar contra a nevasca. E há ainda os queridos Curtis. Se qualquer um deles tivesse cometido o crime, teria passado um fim de semana confortável em Exhampton e voltado quando a poeira houvesse baixado.

Emily riu.

– Um deles não poderia passar um fim de semana fora de Sittaford sem que o outro notasse.

– Se a sra. C. ficasse um fim de semana fora, Curtis notaria pelo silêncio.

– Claro que poderia ser Abdul. Poderia ser uma trama de romance. Talvez ele seja na verdade um marinheiro hindu, e o capitão Trevelyan tenha atirado seu irmão favorito ao mar depois de um motim, alguma coisa do tipo.

– Eu me nego a acreditar – comentou Charles – que aquele indiano de aparência triste seja capaz de matar alguém. Já sei! – ele disse de repente.

– O quê?

– A mulher do ferreiro. A que está esperando o oitavo filho. A despeito de seu estado, a intrépida mulher foi a pé o caminho todo até Exhampton e nocauteou o capitão com o saco de areia.

– E por que ela faria isso, gentil senhor?

– Porque, é claro, embora o ferreiro seja o pai das outras sete crianças, o que está para nascer era filho do capitão Trevelyan.

– Charles, não seja indelicado – queixou-se Emily. – E, de qualquer modo, se assim fosse, teria sido o ferreiro o autor do crime. Agora sim temos uma hipótese muito boa. Pense no estrago que aqueles braços musculosos fariam usando o saco de areia! E a mulher dele nunca perceberia sua ausência com sete filhos para cuidar. Não teria tempo para notar os movimentos de um simples homem.

– Isto está degenerando em mera palhaçada – disse Charles.

– Tem razão. Prestar atenção nos perdedores não foi uma ideia tão boa.

– E o que me diz de você?

– Eu?

– Onde você estava quando o crime foi cometido?

– Fantástico! Não havia me dado conta disso. Estava em Londres, é lógico, mas não sei se conseguiria provar. Estava sozinha em meu apartamento.

– Aí está – disse Charles. – E você tem um motivo e tudo o mais. Seu jovem noivo herdaria vinte mil libras. O que mais poderia querer?

– Você é inteligente, Charles. De fato, eu poderia ser incluída entre os maiores suspeitos. Nunca havia pensado nisso.

[1] Tristão passa o terceiro ato da ópera de Richard Wagner delirante e febril, debilitado por um grave ferimento de espada infligido pelo seu ex-amigo Melot em um duelo no fim do ato anterior. (N.T.)

CAPÍTULO 27

Narracott age

Dois dias depois, Emily estava sentada no escritório do inspetor Narracott. Viera de Sittaford naquela mesma manhã.

O inspetor a avaliava com o olhar. Admirava a determinação corajosa de Emily, sua bravura, para não falar de sua alegria inabalável. Era uma lutadora, e ele apreciava esse tipo de pessoa. Em sua opinião, ela era um partido bom demais para aquele Jim Pearson, mesmo que o rapaz fosse inocente.

– Nos romances policiais – ele começou – geralmente se diz que a polícia quer encontrar um bode expiatório e, desde que haja evidências o suficiente para condená-lo, não dá a mínima se a vítima escolhida é ou não inocente. Isso não é verdade, srta. Trefusis. O culpado é nosso único objetivo.

– Com honestidade, inspetor Narracott, acredita que Jim seja o culpado?

– Não posso dar uma resposta oficial, srta. Trefusis. Mas digolhe que estamos examinando com cuidado não apenas as evidências contra ele como também as que existem contra outras pessoas.

– O senhor se refere ao irmão dele, Brian?

– Um cavalheiro muito desagradável, esse sr. Brian Pearson. Recusou-se a responder a perguntas ou a dar qualquer informação sobre si próprio, mas acho... – o inspetor abriu devagar seu amplo sorriso de Devonshire – que tenho um palpite muito bom a respeito de algumas de suas atividades. Saberei dentro de meia hora se estou certo. E há também o marido daquela senhora, Dering.

– O senhor falou com ele? – perguntou Emily, cheia de curiosidade.

O inspetor Narracott olhou para o rosto vivo da jovem e sentiu-se tentado a relaxar a precaução oficial. Recostando-se em sua poltrona, relatou a entrevista com o sr. Dering, e então retirou de um arquivo a seu lado uma cópia do telegrama que havia despachado para o sr. Rosenkraun.

– Esta é a mensagem que eu mandei. E esta é a resposta.
Emily leu:

Narracott

Drysdale Road, 2, Exeter.

Certamente confirmo declaração sr. Dering. Esteve em minha companhia toda tarde de sábado.

Rosenkraun

– Ah, droga – disse Emily, escolhendo uma palavra mais suave do que a que pretendia usar. Sabia que o major era um cavalheiro à moda antiga e se chocava com facilidade.

– Sim – disse o inspetor, pensativo. – É de aborrecer, não é mesmo?

E então seu sorriso gradual emergiu outra vez.

– Mas sou um homem desconfiado, srta. Trefusis. Os motivos do sr. Dering soavam bastante plausíveis... Mas achei que seria imprudente jogar totalmente pelas cartas dele. Então, enviei outra mensagem.

Outra vez alcançou a ela dois pedaços de papel.

O primeiro dizia:

Informação solicitada ref. assassinato capitão Trevelyan.

Sustenta álibi sr. Martin Dering para tarde de sexta-feira?

Inspetor de polícia Narracott

Exeter

A resposta denunciava preocupação e completo descaso pelo preço que seria pago pelo telegrama:

Não fazia ideia de que se tratava de uma investigação criminal. Não me encontrei com Martin Dering na sexta-feira. Concordei em confirmar sua declaração como favor de um amigo para o outro, por acreditar que a esposa o havia posto sob vigilância para um processo de divórcio.

– Oh – disse Emily –, como o senhor é esperto, inspetor! Era evidente que o próprio inspetor achava que havia sido mesmo bastante esperto. Recebeu o elogio com um sorriso gentil e satisfeito.

– Como os homens encobrem as safadezas uns dos outros! – continuou Emily, olhando para os telegramas. – Pobre Sylvia. Em certo sentido, acho que os homens são realmente uns animais. E é por isso – ela acrescentou – que é tão bom quando se encontra um homem em quem se pode confiar de verdade – disse ela, sorrindo para o inspetor, cheia de admiração.

– Essas informações são confidenciais, srta. Trefusis – ele a advertiu. – Fui mais longe do que devia em deixá-la saber tais coisas.

– Achei adorável de sua parte. Nunca me esquecerei disso.
– Lembre-se. Nenhuma palavra. Para *ninguém*.
– O senhor está me dizendo para não contar nada a Charles...
ao sr. Enderby?

– Repórteres são todos iguais – disse o inspetor. – Não importa o quanto a senhorita o mantenha no cabresto uma notícia é sempre uma notícia.

– Então não direi nada a ele. Acho que o tenho sob controle, mas, como o senhor disse, jornalistas são todos iguais.

– Nunca partilhe informação alguma sem necessidade. Essa é a minha regra – declarou o inspetor.

Um leve brilho surgiu nos olhos de Emily, acompanhando o pensamento silencioso de que Narracott havia infringido bastante aquela regra na última meia hora.

Uma recordação súbita aflorou à mente da jovem. Naturalmente, aquilo agora podia não ter mais importância. Tudo

parecia apontar em uma direção bem diferente. Ainda assim, seria bom saber. Perguntou, de repente:

– Inspetor Narracott, quem é o sr. Duke?

– Sr. Duke?

Percebeu que sua pergunta havia posto o inspetor em alerta.

– Deve se lembrar. Nós o encontramos saindo do chalé dele em Sittaford.

– Ah, sim, sim, eu me recordo. Para dizer a verdade, senhorita Trefusis, achei que gostaria de ter um segundo relato desse negócio da mesa-girante. O major Burnaby não é uma ajuda de primeira ordem quando se trata de descrever alguma coisa.

– Ainda assim – continuou Emily, pensativa –, se eu fosse o senhor, teria ido procurar alguém como o sr. Rycroft. Por que o sr. Duke?

Houve um silêncio, ao fim do qual o inspetor disse:

– Só uma questão de preferência.

– Eu me pergunto se a polícia sabe alguma coisa a respeito do sr. Duke.

O inspetor Narracott não respondeu. Mantinha-se com os olhos fixos no papel manchado.

– Um homem que leva uma vida sem culpa! – continuou Emily.

– Isso parece descrever com surpreendente precisão o sr. Duke, mas essa vida pode não ter sido sempre isenta de culpas. E talvez a polícia saiba disso...

Viu o rosto do inspetor tremer de leve enquanto ele tentava disfarçar um sorriso.

– Gosta de adivinhações, não é mesmo, srta. Trefusis? – ele perguntou, com amabilidade.

– Quando as pessoas não nos contam as coisas, temos de adivinhar – retaliou Emily.

– Se, como a senhorita diz, um homem está levando uma vida sem culpas, e se seria um aborrecimento e um inconveniente para ele ter seu passado devassado, bem, nesse caso a polícia é capaz de manter o assunto em foro interno. Não temos o desejo de comprometer ninguém.

– Entendo. Mas mesmo assim, o senhor foi vê-lo, não? Parece, de qualquer maneira, que seu primeiro pensamento foi que ele poderia ter alguma relação com o caso. Eu gostaria, ah, como gostaria de saber quem, na verdade, é o sr. Duke e que artigo específico do código penal ele infringiu no passado.

Lançou um olhar atraente para o inspetor Narracott, mas este manteve o rosto impassível e, percebendo que àquela altura não poderia acalentar a esperança de comovê-lo, Emily suspirou e se despediu.

Quando ela saiu, o inspetor permaneceu sentado com os olhos fixos no mata-borrão, um resquício de sorriso ainda visível nos lábios. Até que a campainha tocou e um dos seus subordinados entrou.

– E então? – perguntou Narracott.

– Estava certo, senhor. Só que não foi no Duchy em Princetown, e sim no hotel em Two Bridges.

– Ah! – o inspetor apanhou os papéis que o auxiliar lhe estendera. – Bem, isso se ajusta com perfeição. Investigou os movimentos do outro camarada na sexta-feira?

– Ele certamente chegou a Exhampton no último trem, mas não descobri ainda a que horas saiu de Londres. Estamos investigando.

Narracott assentiu.

– Aqui está a informação vinda de Somerset House[1], senhor.

Narracott desdobrou o papel. Era o registro de um casamento celebrado em 1894 entre William Martin Dering e Martha Elizabeth Rycroft.

– Ótimo – disse o inspetor. – Alguma coisa mais?

– Sim. O sr. Brian Pearson veio da Austrália em um navio da companhia Blue Funnel, o *Fídias*, que fez uma escala na Cidade do Cabo. Mas nenhuma passageira de sobrenome Willett subiu a bordo. Na verdade, o barco não trouxe nenhuma dupla de mãe e filha da África do Sul. Havia uma sra. e uma srta. Evans e uma sra. e uma srta. Johnson, de Melbourne. Estas últimas correspondem à descrição das Willett.

– Hum – disse o inspetor. – Johnson. Provavelmente o nome correto não é nem Johnson nem Willett. Acho que as pegamos direitinho. Algo mais?

Pelo jeito, não havia mais nada.

– Bem – comentou Narracott –, acho que temos o suficiente para entrar em ação.

[1] Palácio no centro de Londres onde funcionou por 150 anos o Registro Geral de Nascimentos, Casamentos e Mortes da Inglaterra. (N.T.)

CAPÍTULO 28

Botas

– Minha querida jovem – disse o sr. Kirkwood –, o que espera encontrar em Hazelmoor? Todos os pertences do capitão Trevelyan já foram retirados. A polícia fez uma busca minuciosa na casa. Compreendo sua situação e sua ansiedade para que o sr. Pearson seja... inocentado, se possível. Mas o que a senhorita pode fazer?

– Não espero encontrar nada – Emily respondeu –, nem descobrir coisa alguma que a polícia tenha deixado passar. Não sei explicar, sr. Kirkwood. Eu quero... Quero sentir a atmosfera do lugar. Por favor, me empreste a chave. Não haveria mal algum nisso.

– Certamente não haveria mal algum – disse o sr. Kirkwood com dignidade.

– Então faça essa gentileza, por favor – pediu Emily.

O sr. Kirkwood foi gentil e entregou a chave com um sorriso indulgente. Fez o que pôde para acompanhá-la, catástrofe que Emily só conseguiu evitar usando de firmeza e de muito tato.

Naquela manhã, Emily recebera uma carta escrita nos seguintes termos pela sra. Belling:

Cara srta. Trefusis,

A senhorita nos disse o quanto gostaria de ser informada se acontecesse alguma coisa um tanto fora do comum, mesmo que não fosse importante, e, como houve algo peculiar, ainda que de modo algum importante, achei que era minha obrigação contar-lhe tudo de uma vez, e espero que esta carta chegue às suas mãos ainda hoje ou na primeira remessa de amanhã. Minha sobrinha, que me contou a história, disse que o

fato era curioso, mas não importante, e eu concordo com ela. A polícia informou, e assim foi aceito por todos, que nada foi levado da casa do capitão Trevelyan, mas “nada” é uma maneira de dizer “nada de valor”, porque há algo faltando, ainda que não tenha sido notado na época porque não era importante. Parece, senhorita, que sumiu um par de botas do capitão, algo que Evans notou enquanto arrumava as coisas com o major Burnaby. Ainda que eu não ache que isso seja de grande importância, pensei que a senhorita gostaria de saber. Eram umas botas bem grossas, do tipo que se manda engraxar e escovar, e o capitão poderia ter feito isso se houvesse saído para caminhar na neve, mas como ele não saiu, a coisa parece não fazer sentido. O fato é que estão sumidas e ninguém sabe quem pegou, e embora eu saiba muito bem que isso não é relevante, senti que era meu dever escrever para lhe contar, e espero que esta carta chegue logo às suas mãos, e espero também que não esteja muito preocupada com seu jovem cavalheiro.

Da sua sempre amiga,
Sra. J. Belling

Emily leu e releu a carta. Discutiu seu conteúdo com Charles, que comentou, pensativo.

- Botas. Não parece fazer sentido.
- Tem de significar alguma coisa – indicou Emily. – Por que deveria estar faltando um par de botas?
- Não acha que Evans está inventando?
- Por que faria isso? Além do mais, quando as pessoas se dão ao trabalho de inventar, inventam algo de importância, não uma coisa insignificante e idiota como essa.
- Botas sugerem alguma ligação com pegadas – aventou Charles.
- Sim, eu sei. Mas não parece haver lugar para pegadas neste caso. Talvez se não tivesse caído outra nevasca.
- Talvez, mas mesmo assim.

– Ele pode ter dado as botas para algum mendigo – sugeriu Charles.

– Suponho que seja possível – disse Emily. – Mas não soa muito como algo que o capitão Trevelyan faria. Talvez pudesse ter arranjado um trabalho para o homem, ou dado um xelim, mas não daria suas melhores botas de inverno.

– Bom, eu desisto – disse Charles.

– Eu não vou desistir – disse Emily. – De um jeito ou de outro, vou desvendar este mistério.

Com esse propósito, ela rumou para Exhampton, e foi primeiro encontrar a sra. Belling, que a recebeu com grande entusiasmo.

– E seu jovem noivo ainda está na prisão, senhorita! Bem, é uma vergonha cruel, ninguém na cidade acredita que ele seja culpado. Ao menos pelas conversas que posso ouvir enquanto estou aqui. Então, recebeu a minha carta? Quer visitar Evans? Bem, ele mora dobrando a próxima esquina à direita, na Fore Street, 85. Gostaria de poder ir com você, mas não posso deixar o hotel agora. Mas não tem como se enganar.

Emily não se enganou. Evans havia saído, mas a sra. Evans atendeu a porta e a convidou para entrar. Emily sentou-se e convenceu a sra. Evans a fazer o mesmo. Mergulhou de uma vez no assunto que a trazia ali.

– Vim falar a respeito do que seu marido contou à sra. Belling. Falo do par de botas do capitão pelas quais ele deu falta.

– Coisa muito estranha, mesmo – disse a moça.

– Seu marido tem plena certeza disso?

– Oh, sim. O capitão andava com aquelas botas quase o tempo todo no inverno. Eram bem grandes, e ele as usava com um par de meias grossas.

Emily anuiu.

– Não podem ter sido mandadas para conserto ou qualquer coisa do tipo? – sugeriu.

– Não sem que Evans soubesse, isso não – disse a orgulhosa esposa.

– Acho que não mesmo.

– É bem esquisito – disse a sra. Evans –, mas não acha que tenha alguma ligação com o assassinato, não é, senhorita?

– Parece pouco provável – concordou Emily.

– Descobriram mais alguma coisa, senhorita? – a voz da moça parecia ansiosa.

– Sim, uma coisa ou duas... Nada muito importante.

– Logo vi. Depois que o inspetor de Exeter esteve aqui outra vez, hoje, pensei que tinham descoberto algo.

– O inspetor Narracott?

– Sim, senhorita, esse aí mesmo.

– Ele veio no mesmo trem que eu?

– Não, veio de carro. Foi até o Three Crowns primeiro e perguntou pela bagagem do jovem cavalheiro.

– Bagagem de qual cavalheiro?

– O que tem andado por aí com a senhorita.

Emily arregalou os olhos.

– Fizeram perguntas ao Tom – continuou a jovem. – Passei por ele logo depois disso, e ele me contou tudo. Se há alguém bom para notar as coisas, esse é o Tom. Ele se lembrava que havia duas etiquetas na bagagem do moço, uma para Exeter e uma para Exhampton.

Um sorriso repentino iluminou o rosto de Emily enquanto ela imaginava Charles cometendo o crime a fim de providenciar um grande furo de reportagem para si mesmo. Concluiu que seria possível escrever um conto de horror sobre o tema. Mas admirou o quanto o inspetor Narracott estava sendo meticuloso em verificar cada detalhe a respeito de qualquer pessoa, por mais remota que fosse sua conexão com o homicídio. Ele devia ter saído de Exeter logo depois da conversa que tiveram. Um carro veloz poderia facilmente chegar antes do trem, e em todo caso ela ainda tinha feito uma pausa para almoçar em Exeter.

– Para onde o inspetor foi em seguida? – perguntou.

– Para Sittaford, senhorita. Foi o que Tom o ouviu dizer ao motorista.

– Para a casa grande em Sittaford?

Ela sabia que Brian Pearson ainda estava hospedado na mansão com as Willett.

– Não senhorita. Para o chalé do sr. Duke.

Duke outra vez. Emily sentiu-se irritada e confusa. Sempre Duke – o fator desconhecido. Devia ter sido capaz de deduzir algo assim pelas evidências, mas Duke parecia produzir nela o mesmo efeito que em todos: o de um homem normal, comum e agradável.

“Preciso visitá-lo”, pensou Emily consigo mesma. “Quando voltar a Sittaford, irei direto até ele.”

Depois disso, agradecera à sra. Evans, fora até o sr. Kirkwood, obtivera a chave e agora estava parada no saguão de Hazelmoor, perguntando a si mesma o que esperava sentir ali.

Subiu as escadas lentamente e entrou no primeiro quarto do andar de cima. Estava claro que aquele era o do capitão Trevelyan. Como o sr. Kirkwood havia dito, fora esvaziado de quaisquer pertences pessoais. Os cobertores haviam sido dobrados em uma pilha bem-arrumada, as gavetas estavam vazias, e no armário havia sobrado apenas um cabide. O armarinho das botas mostrava uma fileira de prateleiras nuas.

Emily suspirou, depois se virou e desceu as escadas. Ali estava o gabinete onde corpo do homem fora encontrado, com a neve entrando pela janela aberta.

Tentou visualizar a cena. Que mão teria golpeado o capitão Trevelyan, e por quê? Teria sido morto às 17h25, como todos acreditavam, ou Jim tinha de fato perdido a cabeça e mentido? Talvez ele não tivesse conseguido se fazer ouvir na porta de entrada e então resolveu dar a volta na casa até a janela, olhou para dentro, viu o cadáver do tio e fugiu em medo e agonia. Se ao menos ela soubesse... De acordo com o sr. Dacres, Jim havia permanecido firme em sua versão dos fatos. Sim – mas Jim podia ter perdido a cabeça. Não havia como ter certeza.

Teria havido, como o sr. Rycroft sugerira, alguma outra pessoa na casa – alguém que tenha entreouvido a discussão e aproveitado a oportunidade?

Se tivesse sido assim, que luz isso jogaria sobre o mistério das botas? Teria alguém subido as escadas – talvez até o quarto do

capitão Trevelyan? Emily atravessou outra vez o saguão e deu uma olhada rápida na sala de jantar. Havia um par de caixas ordenadamente embaladas e etiquetadas. O aparador estava vazio. As taças de prata já estavam no bangalô do major Burnaby.

Notou, entretanto, que os três romances que o capitão recebera como prêmio – uma história que Charles havia escutado de Evans e depois recontado a ela com divertido exagero – tinham sido esquecidos e jaziam, rejeitados, em uma cadeira.

Olhou em volta do quarto e balançou a cabeça. Não havia nada lá.

Subiu de novo as escadas e entrou no quarto mais uma vez.

Precisava saber por que aquelas botas haviam sumido. Até que conseguisse inventar uma teoria razoavelmente satisfatória que explicasse o desaparecimento, não seria capaz de tirar aquilo da cabeça. A coisa toda estava tomando proporções ridículas, apequenando tudo mais que tivesse relação com o caso. Não haveria *nada* que pudesse ajudá-la?

Removeu todas as gavetas e tateou o fundo do móvel. Em histórias de detetive era sempre ali que havia um pedaço de papel bastante útil. Mas era óbvio que não se podia esperar por tais incidentes fortuitos na vida real – ou isso ou o inspetor Narracott e seus homens haviam sido maravilhosamente criteriosos em suas buscas. Procurou por tábuas soltas, tateou a borda do tapete com os dedos, averiguou o colchão de mola. Mal sabia o que esperava encontrar em todos aqueles lugares, mas continuava procurando com tenaz perseverança.

E então, quando endireitou as costas e ficou de pé, seus olhos captaram a única coisa que não combinava com aquele quarto de ordem imaculada: uma pequena pilha de fuligem na grade da lareira.

Emily lançou às cinzas o olhar fascinado de um pássaro para uma serpente. Chegou mais perto. Não fora nenhuma dedução lógica, nenhum raciocínio de causa e efeito, simplesmente a visão da fuligem sugerira uma determinada possibilidade. Emily arregaçou as mangas e meteu os dois braços na chaminé.

Um momento mais tarde, contemplava, com prazer incrédulo, um pacote enrolado frouxamente em jornal. Desfez o embrulho e ali, diante dela, estava o par de botas desaparecidas.

– Por quê? – perguntou-se Emily. – Aqui estão elas. Mas por quê? Por quê? Por quê? Por quê?

Olhou-as fixamente. Virou-as. Examinou-as por dentro e por fora e a mesma pergunta continuava martelando, monótona, em seu cérebro. Por quê?

Parecia claro que alguém havia removido as botas do capitão e escondido-as na chaminé. Mas por quê?

– Oh! – gritou Emily, desesperada. – Acho que vou ficar louca!

Colocou as botas com cuidado no meio do quarto e, arrastando uma cadeira, sentou-se no lado oposto. Pôs-se a pensar deliberadamente no caso desde o começo, examinando cada detalhe que havia descoberto por si mesma ou que ouvira por outras pessoas. Considerou cada ator naquele drama e fora dele.

E de repente, uma ideia estranha e nebulosa começou a tomar forma... Uma ideia sugerida por aquele inocente par de botas ali pousadas no chão.

– Mas se foi assim... – disse Emily

Pegou as botas e apressou-se em descer a escadaria. Abriu com um empurrão a porta da sala de jantar e foi até o armário no canto. Ali estavam guardados, em uma mistura heterogênea, os troféus e equipamentos esportivos, todas as coisas que o capitão não quisera deixar ao alcance das inquilinas. Os esquis, os remos, a pata de elefante, as presas, as varas de pesca – ainda à espera dos senhores Young e Peabody, que embalariam tudo com perícia e depois transportariam para o depósito.

Emily curvou-se com as botas ainda nas mãos.

Minutos depois, ficou ereta novamente, incrédula, o rosto afogueado.

– Então foi isso – disse ela. – Então foi isso.

Afundou em uma cadeira. Havia muita coisa que ainda não entendera.

Após alguns minutos, levantou-se, pensando alto:

– Sei quem matou o capitão Trevelyan. Mas não sei por quê. Nem consigo imaginar o porquê. Mas não tenho tempo a perder.

Saiu apressada de Hazelmoor. Encontrar um carro para conduzi-la a Sittaford levou apenas alguns minutos. Pediu que o motorista a deixasse em frente ao bangalô do sr. Duke. Pagou a corrida e entrou pátio adentro tão logo o carro partiu.

Levantou a aldrava e bateu com força.

Após um intervalo de alguns minutos, a porta foi aberta por um homem alto e bem-proporcionado, com rosto impassível.

Era a primeira vez que Emily se encontrava cara a cara com ele.

– Sr. Duke? – perguntou.

– Sim.

– Sou a srta. Trefusis. Posso entrar, por favor?

Houve uma hesitação momentânea, após o que ele deu passo para o lado, abrindo caminho. Emily avançou até a sala de visitas. Ele fechou a porta da frente e a seguiu.

– Gostaria de ver o inspetor Narracott – disse Emily. – Ele está?

De novo houve uma pausa. O sr. Duke parecia não ter certeza do que responder. Por fim, chegou a uma decisão e sorriu – um sorriso bastante curioso.

– O inspetor Narracott está aqui. Sobre o que deseja falar com ele?

Emily desfez o embrulho que estava carregando, tirou dele um par de botas e colocou-as em cima da mesa à frente do homem. Só então disse:

– Eu gostaria de falar com ele a respeito destas botas.

CAPÍTULO 29

A segunda sessão espírita

– Olá... Olá – chamou Ronnie Garfield.

O sr. Rycroft, que subia lentamente a encosta escarpada da alameda, vindo do posto de correio, fez uma pausa até que Ronnie o alcançasse.

– Esteve na Harrods[1] local, hein? – brincou Ronnie. – Na velha mamãe Hibbert.

– Não – disse Rycroft. – Saí para dar uma breve caminhada um pouco além da ferraria. Está um clima delicioso hoje.

Ronnie deu uma olhada no céu azul.

– Sim, bem diferente da semana passada. A propósito, suponho que o senhor esteja indo visitar as Willett.

– Estou. O senhor também?

– Sim. As Willett são nosso farol luminoso em Sittaford. É preciso não se deixar abater, é seu lema. A vida segue, como sempre. Minha tia diz que é uma insensibilidade da parte delas fazer um convite para o chá tão pouco tempo após o funeral e sei lá mais o que, mas é tudo bobagem. Ela só diz isso porque está se sentindo abalada por causa do Imperador do Peru.

– O Imperador do Peru? – perguntou o sr. Rycroft, surpreso.

– Um de seus preciosos gatos. Só depois de dar o nome foi descobrir que se tratava na verdade de uma imperatriz, o que naturalmente irritou tia Caroline. Ela não gosta desses problemas de sexo... E por isso, como eu disse, desafoga seus sentimentos fazendo observações maliciosas sobre as Willett. Por que elas não poderiam convidar para um chá? Trevelyan não era parente delas ou coisa do gênero.

– Isso lá é bem verdade – disse o sr. Rycroft, virando a cabeça para examinar um pássaro que passara voando e no qual pensou reconhecer uma espécie rara. – Ah, que pena que não trouxe meus óculos – murmurou.

– Ah, sim! Falando em Trevelyan, acha que a sra. Willett o conhecia melhor do que quer nos contar?

– Por que a pergunta?

– Por causa da mudança que se percebe nela. Já viu coisa igual? Parece ter envelhecido uns vinte anos na última semana. O senhor deve ter notado.

– Sim, eu notei.

– Pois aí está. A morte de Trevelyan deve ter sido para ela um choque tremendo, de um jeito ou de outro. Seria estranho descobrir que, no fim das contas, ela era a esposa perdida a quem Trevelyan abandonou na juventude e que ele não a reconheceu.

– Creio que tal coisa é bem pouco provável, sr. Garfield.

– Parece muito a trama de um filme, não? Em todo caso, coisas bem estranhas acontecem neste mundo. Tenho lido sobre alguns fatos realmente impressionantes no *Daily Wire*... Coisas nas quais o senhor não acreditaria se não estivessem impressas no jornal.

– E estar nos jornais torna-as mais fáceis de acreditar? – perguntou o sr. Rycroft, ácido.

– O senhor antipatiza com o jovem Enderby, não é mesmo?

– Não gosto de tipos mal-educados metendo o nariz em coisas que não lhes dizem respeito – disse o sr. Rycroft.

– Bom, em certo sentido dizem respeito sim – insistiu Ronnie. – O que estou dizendo é que bisbilhotar por aí é o trabalho do pobre sujeito. Ele parece ter conseguido domar por completo o velho Burnaby. O que é engraçado, porque enquanto isso o velhote mal aguenta me ver. É como se eu fosse para ele o que um pano vermelho é para um touro.

O sr. Rycroft não respondeu.

– Por Júpiter! – disse Ronnie, olhando mais uma vez para o céu. – O senhor se deu conta de que hoje é sexta-feira? Neste mesmo dia, uma semana atrás, mais ou menos a esta mesma hora,

estávamos seguindo para o chá das Willett, exatamente como agora. Mas o clima mudou um bocado.

– Uma semana... – disse o sr. Rycroft. – Parece muito mais tempo.

– Está mais para um ano, não? Oh, olá, Abdul.

Estavam passando na frente do portão do chalé do capitão Wyatt, sobre o qual se debruçava o indiano melancólico.

– Boa tarde, Abdul – cumprimentou o sr. Rycroft. – Como vai seu patrão?

O hindu sacudiu a cabeça.

– Mestre mal hoje, *sahib*. Não ver ninguém. Não ver ninguém por longo tempo.

– O senhor percebe – disse Ronnie enquanto seguiam caminho – que aquele camarada poderia assassinar Wyatt facilmente e ninguém saberia? Poderia continuar semanas balançando a cabeça e dizendo “o mestre não vai ver ninguém” sem que nenhum de nós notasse nada de suspeito.

O sr. Rycroft admitiu a veracidade daquele comentário:

– Mas ainda haveria o problema de se livrar do corpo – apontou.

– Sim, é sempre esse o porém, não é verdade? Coisa muito inconveniente, um corpo humano.

Passaram pelo chalé do major Burnaby. Ele estava em seu jardim, lançando olhares severos para as ervas daninhas que cresciam onde não devia haver erva nenhuma.

– Boa tarde, major – disse Rycroft. – Também vai ao chá na mansão Sittaford?

Burnaby coçou o nariz.

– Acho que não. Elas mandaram um bilhete me convidando, mas... Bem... Não estou com ânimo. Espero que entenda.

O sr. Rycroft curvou a cabeça em sinal de compreensão e disse:

– Em todo caso, gostaria que fosse. Tenho meus motivos.

– Que motivos?

Rycroft hesitou. Estava claro que a presença de Ronnie Garfield o constrangia, mas Ronnie, completamente alheio a esse fato,

sequer se mexeu, continuando a ouvir a conversa com ingênuo interesse.

– Gostaria de fazer um experimento – disse, por fim.

– Que tipo de experimento? – perguntou Burnaby.

O sr. Rycroft titubeou outra vez:

– Prefiro não dizer antecipadamente. Mas, se for até lá conosco, pedirei que me apoie em qualquer sugestão que eu venha a dar.

A curiosidade de Burnaby fora despertada:

– Tudo bem, eu irei. Pode contar comigo. Onde será que deixei meu chapéu?

Ele entrou na cabana e voltou a juntar-se a eles em um minuto, com o chapéu na cabeça. Os três entraram no pátio da mansão Sittaford.

– Ouvi dizer que está esperando visitas, Rycroft – disse Burnaby em tom casual.

Uma sombra de irritação cruzou o rosto do mais velho.

– Quem lhe contou?

– A sra. Curtis, aquela gralha tagarela. Ela é honesta e asseada, mas sua língua nunca sossega, nem dá a mínima se você a escuta ou não.

– É verdade – concordou Rycroft. – Estou esperando para amanhã a chegada de minha sobrinha, sra. Dering, e de seu marido.

Tinham chegado à porta da frente da mansão. A um toque de campainha, foram atendidos por Brian Pearson. Enquanto removiam seus sobretudos no saguão, o sr. Rycroft observava com um olhar interessado o rapaz alto e de ombros largos.

“Um belo espécime”, pensou. “Realmente um belo espécime. Constituição forte. A mandíbula tem um ângulo curioso. Pode ser um osso duro em determinadas circunstâncias. O que se poderia chamar de um jovem perigoso.”

O major Burnaby foi assaltado por uma estranha impressão de irrealidade ao entrar na sala de estar e ver a sra. Willett levantar-se para cumprimentá-lo.

– Magnífico de sua parte ter vindo.

As mesmas palavras da semana anterior. O mesmo fogo ardendo na lareira. Imaginava, mas não tinha certeza, de que até os vestidos das duas mulheres eram os mesmos.

Aquilo produzia uma sensação estranha. Como se fosse a semana anterior outra vez, como se Joe Trevelyan não tivesse morrido, como se nada tivesse acontecido ou mudado. Espere, isso estava errado. A Willett mais velha havia mudado. Uma ruína, era a única maneira de descrevê-la. Não era mais a mulher do mundo, próspera e determinada, e sim uma criatura de nervos destroçados que fazia um esforço óbvio e patético para manter a aparência de normalidade.

“Que me enforcem se eu não gostaria de saber o que a morte de Joe significou para ela”, pensou o major.

Pela centésima vez, registrou a impressão de que havia algo singular nas Willett. Como de hábito, acordou para o fato de que estava em silêncio e que alguém falava com ele:

– Receio que seja nossa última reunião – dizia a sra. Willett.

– O quê? – Ronnie Garfield ergueu subitamente os olhos.

– Sim – a sra. Willett balançou a cabeça com a sombra de um sorriso. – Desistimos de passar o resto do inverno em Sittaford. Pessoalmente, é claro que eu adoro este lugar, a neve, os rochedos, a atmosfera selvagem e tudo o mais, mas os problemas domésticos! São muito árduos, e terminaram por me vencer!

– Pensei que iam contratar um mordomo e um criado – disse o major Burnaby.

Um arrepio repentino cruzou o corpo da sra. Willett e ela disse:

– Não. Eu... desisti dessa ideia.

– Oh, minhas caras – disse o sr Rycroft. – É um grande golpe para todos nós. Com certeza é muito triste. Depois que partirem, vamos nos afundar de novo em nossa pequena rotina. Quando pretendem ir, a propósito?

– Segunda-feira, eu espero – disse a sra. Willett. – A menos que eu consiga sair já amanhã. É tudo tão difícil sem as empregadas. É claro, preciso acertar algumas coisas com o sr. Kirkwood. Aluguei a casa para quatro meses.

– Vão para Londres? – perguntou o sr. Rycroft.

– É provável, nem que seja apenas no início. Depois, espero que possamos seguir para o Exterior, para a Riviera.

– Uma grande perda – disse Rycroft curvando-se, galante.

A sra. Willett deu uma risadinha estranha e desorientada.

– É muito gentil de sua parte, sr. Rycroft. Bem, vamos tomar o chá?

O chá estava pronto. A sra. Willett serviu, e Ronnie e Brian foram distribuindo os petiscos. Uma espécie estranha de embaraço havia caído sobre a reunião.

– E o que me diz de você? – Burnaby disse, de repente, a Brian Pearson. – Está de partida também?

– Para Londres, sim. Naturalmente, eu não posso sair do país até que o assunto esteja resolvido.

– Que assunto?

– Até que meu irmão seja inocentado daquelas acusações ridículas.

Arremessou as palavras de maneira tão desafiadora que ninguém soube o que dizer. Foi Burnaby quem aliviou a situação:

– Nunca acreditei que ele tivesse cometido o crime. Nem por um momento.

– *Nenhum* de nós pensa que foi ele – disse Violet, lançando-lhe um olhar agradecido.

O tilintar da campainha interrompeu a pausa que se seguiu.

– Deve ser o sr. Duke – disse a sra. Willett. – Faça-o entrar, Brian.

O jovem Pearson, que havia se achegado à janela, comentou:

– Não é Duke. É o maldito jornalista.

– Oh, meu Deus – disse a sra. Willett. – Bem, suponho que devemos deixá-lo entrar, no fim das contas.

Brian assentiu e reapareceu em alguns minutos trazendo Charles Enderby.

O repórter entrou com seu costumeiro ar ingênuo e de radiante satisfação. Não parecia lhe ocorrer a ideia de que não era bem-vindo ali.

– Olá, sra. Willett. Como vai? Pensei em dar uma passada por aqui para ver como vão as coisas. Estava me perguntando para

onde havia ido todo mundo em Sittaford. Agora já sei.

– Aceita um chá, sr. Enderby?

– Muita gentileza sua. Aceito, sim. Vejo que Emily não está aqui. Suponho que esteja com sua tia, sr. Garfield.

– Não que eu saiba – disse Ronnie, encarando-o. – Pensei que ela tivesse ido a Exhampton.

– Foi, mas já voltou. Como eu sei? Um passarinho me contou. O pássaro Curtis, para ser exato. Viu o carro passar pela estação de correios, seguir alameda acima e voltar vazio. Ela não está no nº 5 e não está aqui na mansão. Mistério... Onde ela estará? Se não se encontra com srta. Percehouse, deve estar tomando chá com aquele sujeito com cara de assassino, o capitão Wyatt.

– Pode ter subido até o farol de Sittaford para ver o pôr do sol – sugeriu o sr. Rycroft.

– Acho que não – disse Burnaby. – Eu a teria visto. Passei a última hora no jardim.

– Bem, não creio que seja nada grave – disse Charles, jovial. – Quer dizer, não acho que ela tenha sido raptada ou assassinada ou qualquer coisa do tipo.

– O que é uma pena, do ponto de vista do seu jornal, não? – rosnou Brian.

– Mesmo que fosse por uma grande história, eu jamais sacrificaria Emily – disse Charles, e acrescentou, em tom pensativo: – Ela é única.

– Encantadora – concordou o sr. Rycroft. – Uma garota encantadora. Eu e ela somos... colaboradores.

– Todos já terminaram o chá? – perguntou a sra. Willett – Que tal uma partida de bridge?

– Um momento, por favor – disse o sr. Rycroft, limpando a garganta com imponência.

Todos olharam para ele.

– Sr. Willett, sou, como sabe, um homem profundamente interessado em fenômenos psíquicos. Na sexta-feira da semana passada, nesta mesma sala, vivemos uma experiência surpreendente e, com certeza, assustadora.

Violet Willett deixou escapar um débil gemido. Rycroft virou-se para ela.

– Eu sei, minha cara senhorita Willett, eu sei. A experiência a deixou transtornada, e foi mesmo perturbadora, não vou negar. Desde que o crime foi cometido, a força policial vem procurando pelo assassino do capitão Trevelyan. Eles efetuaram uma prisão. Mas pelo menos alguns dos aqui presentes não acreditam que o sr. James Pearson seja o culpado. O que tenho a propor é que repitamos a experiência da última sexta-feira, embora desta vez com um propósito um pouco diferente.

– Não! – gritou Violet.

– “Não” digo eu – exclamou Ronnie. – Isso já é um pouco demais. Não me juntarei a vocês de jeito nenhum.

O sr. Rycroft não tomou conhecimento das objeções do jovem.

– Sra. Willett, o que me diz?

Ela hesitou.

– Sinceramente, sr. Rycroft, não gosto da ideia. Não gosto mesmo. Aquele incidente miserável da semana passada provocou-me a mais desagradável das impressões. Vou levar um longo tempo para me esquecer daquilo.

– Aonde quer chegar com isso exatamente? – perguntou Enderby, interessado. – O senhor está sugerindo que os espíritos nos dirão o nome do assassino do capitão Trevelyan? Parece que está pedindo demais.

– Assim como seria pedir demais, como o senhor diz, que na semana passada uma mensagem viesse nos informar que o capitão Trevelyan estava morto.

– Isso é verdade – concordou Enderby. – Mas... Bem... Espero que saiba que essa sua ideia pode ter consequências que o senhor não levou em conta.

– Tais como?

– Vamos supor que um nome seja mencionado. Como pode ter certeza de que alguma das pessoas aqui presentes não vá, deliberadamente...

Fez uma pausa e Ronnie Garfield completou a frase:

– Empurrar a mesa, é isso o que ele quer dizer. Imagine que alguém vá e balance a mesa de propósito.

– Este é um experimento sério, senhor – disse acaloradamente o sr. Rycroft. – Ninguém aqui faria uma coisa dessas.

– Não sei – disse Ronnie, em um tom de dúvida. – Eu não descartaria a hipótese. Não que eu pretenda movimentar a mesa, juro que não, mas e se todos apontarem para mim e disserem que empurrei? Seria bastante desagradável.

– Sra. Willett, pode confiar em mim – disse o pequeno idoso, ignorando Ronnie. – Eu lhe imploro: deixe-nos fazer a experiência.

Ela se mostrou indecisa.

– Não gosto disso, não gosto mesmo. Eu... – olhou em volta, desconfortável, como se à procura de uma rota de fuga. – Major Burnaby, o senhor era o melhor amigo do capitão Trevelyan. O que me diz?

Os olhos do major encontraram os do sr. Rycroft, e ele compreendeu que esta era a contingência que o outro havia previsto.

– Por que não? – concordou, impaciente.

A frase teve todo o caráter de um voto de Minerva.

Ronnie entrou no quarto adjacente e trouxe a mesma mesinha que havia sido usada antes. Posicionou-a no meio do assoalho, e as cadeiras foram dispostas em volta. Ninguém falava. Estava claro que a ideia era impopular.

– Acho que está tudo certo – disse Rycroft. – Estamos prestes a repetir a experiência da sexta-feira passada sob circunstâncias bastante similares.

– Não inteiramente – objetou a sra. Willett. – Está faltando o sr. Duke.

– É verdade. É mesmo uma grande pena que ele não esteja aqui. Bem... podemos pensar em substituí-lo pelo sr. Pearson.

– Não se envolva nisso, Brian, eu lhe imploro. Por favor, não – disse Violet.

– Que importância tem? De qualquer forma, é tudo uma grande bobagem.

– Essa disposição de espírito está completamente errada – disse o sr. Rycroft, severo.

Brian Pearson não respondeu, mas sentou-se ao lado de Violet.

– Sr. Enderby... – começou Rycroft, no que foi interrompido por Charles.

– Não contem comigo. Sou um repórter e vocês desconfiam de mim. Vou fazer anotações estenográficas de qualquer... fenômeno (é essa a palavra, não?) que venha a ocorrer.

A questão ficou assim resolvida. Os outros seis tomaram seus lugares em volta da mesinha. Charles desligou as luzes e sentou-se perto da lareira.

– Um momento: que horas são? – disse ele, olhando, à luz do fogo, para o mostrador de seu relógio de pulso. – É estranho.

– O que é estranho?

– São exatamente 17h25.

Violet deixou escapar um gritinho.

– Silêncio – disse o sr. Rycroft.

Minutos se passaram. A atmosfera agora era bem diferente daquela da semana anterior. Não havia risos em voz baixa nem comentários sussurrados – somente silêncio, rompido afinal por um leve estalo vindo da mesa.

A voz do sr. Rycroft se fez ouvir:

– Há alguém aí?

Outro estalo, um som assustador no escuro da sala.

– Há alguém aí?

Não houve estalo desta vez, e sim uma tremenda e ensurdecadora pancada.

Violet e a sra. Willett gritaram.

A voz de Brian Pearson se elevou, tranquilizadora:

– Está tudo bem, isso foi uma batida na porta da frente. Eu abro – disse, saindo da sala.

Ninguém falava nada.

De repente, a porta foi aberta e as luzes se acenderam.

O inspetor Narracott achava-se parado na entrada. Atrás dele, o sr. Duke e Emily Trefusis.

Narracott deu um passo para dentro da sala e falou:

– John Burnaby, está preso pelo assassinato de Joseph Trevelyan na sexta-feira, dia 14 do corrente, e aviso que tudo o que disser será registrado e poderá ser usado como prova.

[1] Referência à famosa e tradicional loja de departamentos aberta em Londres em 1834 e existente até hoje. (N.T.)

CAPÍTULO 30

Emily explica

O grupo, surpreso demais para falar, se aglomerou à volta de Emily Trefusis, enquanto o inspetor Narracott conduzia seu prisioneiro para fora da sala.

Charles foi o primeiro a reencontrar a própria voz:

– Pelos céus, desembuche, Emily! Preciso ir ao posto do telégrafo e cada momento conta.

– Foi o major Burnaby quem matou o capitão Trevelyan.

– Bem, acabo de ver Narracott prender o major, e suponho que o inspetor esteja em seu pleno juízo e não tenha perdido a cabeça de repente. Mas como Burnaby pode ter matado Trevelyan? Digo, como é humanamente possível? Se Trevelyan foi assassinado às 17h25...

– Não foi. A morte ocorreu por volta das 17h15.

– Mas mesmo assim...

– Eu sei. Ninguém jamais adivinharia se não soubesse o que procurar. Esquis... Essa é a explicação.

– Esquis? – repetiram todos.

Emily anuiu.

– Sim. Ele forjou deliberadamente aquela mensagem na mesa. Não foi acidental nem inconsciente como nós pensávamos, Charles. A alternativa correta era a segunda, a que rejeitamos: alguém fez de propósito. Ele percebeu que ia nevar muito em breve, o que lhe permitiria agir com segurança e apagaria qualquer rastro. Plantou a sugestão de que o capitão Trevelyan estava morto, deixando a todos preocupados. Então, fingiu estar angustiado e insistiu em ir para Exhampton.

“Ele foi para casa, calçou os esquis (ficavam guardados em um barracão no jardim, com uma porção de outros equipamentos) e partiu. Ele é um exímio esquiador. O caminho todo até Exhampton é uma longa descida – uma pista maravilhosa. Levou apenas uns dez minutos para chegar lá.

“Chegou à janela e bateu. Trevelyan deixou-o entrar, sem suspeitar de nada. Quando o capitão deu-lhe as costas, o major aproveitou a oportunidade, pegou o saco de areia... e o matou. Argh! Me sinto mal só de pensar.”

Ela estremeceu e continuou:

– Daí em diante foi tudo muito fácil. Ele teve tempo de sobra. Deve ter limpado e esfregado os esquis e então guardou-os no armário na sala de jantar, jogados no meio de todas as outras coisas. Depois disso, suponho que forçou a janela e revirou todas as gavetas e papéis da sala, para fazer parecer que alguém havia invadido o lugar.

“E, pouco antes das oito da noite, tudo o que ele teve de fazer foi sair, tomar um desvio até a estrada, um pouco acima, e ir soprando e arfando até Exhampton como se tivesse caminhado todo o trajeto desde Sittaford. Uma vez que ninguém suspeitasse dos esquis, ele estaria perfeitamente a salvo. O doutor não deixaria de dizer que o capitão havia sido morto pelo menos duas horas antes. E, como eu disse, enquanto ninguém se lembrasse dos esquis, o major teria o álibi perfeito.”

– Mas eles eram amigos, Burnaby e Trevelyan – disse o sr. Rycroft. – Velhos amigos, amigos de uma vida inteira. É inacreditável.

– Eu sei – concordou Emily. – Foi o que pensei. Eu não conseguia entender o porquê. Depois de muito quebrar a cabeça, vim procurar o inspetor Narracott e o sr. Duke.

Fez uma pausa e olhou para o impassível sr. Duke:

– Posso contar a eles? – perguntou.

Duke sorriu:

– Se assim deseja, srta. Trefusis.

– Em todo caso, talvez prefira que eu não conte. Fui até eles e esclarecemos o caso. Charles, lembra-se do que me contou, aquilo

que ouviu de Evans sobre o capitão mandar cartas para concursos no nome dele? Que achava que mansão Sittaford era um endereço muito nobre para ganhar? Bem, ele fez o mesmo no concurso sobre futebol pelo qual você pagou cinco mil libras ao major. A resposta vencedora era na verdade do capitão Trevelyan, e ele a enviou no nome de Burnaby porque achava que “Chalé nº 1, Sittaford”, soava muito melhor. Entende agora o que aconteceu? Na manhã de sexta-feira, o major recebeu a carta dizendo que havia ganhado cinco mil libras. (E a propósito, isso devia ter nos feito suspeitar de algo errado. Burnaby lhe disse que nunca recebera carta alguma, que nenhuma correspondência havia sido entregue na sexta-feira devido ao clima. Era mentira. A manhã de sexta foi o último dia antes que as estradas ficassem intransitáveis.) Onde eu estava? Ah, sim... O major Burnaby recebeu a carta. Ele queria aquelas cinco mil libras, ah, como queria. Havia investido em ações e títulos furados e perdera uma boa soma de dinheiro.

“Penso que a ideia deve ter vindo de repente à sua cabeça. Talvez quando percebeu que iria nevar aquela tarde. Se Trevelyan morresse... ele poderia guardar o dinheiro e ninguém jamais saberia.”

– Impressionante – murmurou o sr. Rycroft. – Bastante surpreendente. Eu nunca teria sonhado... Mas minha cara jovem, como descobriu tudo isso? O que a colocou no caminho certo?

Ao responder, Emily falou da carta da sra. Belling e contou como havia encontrado as botas na chaminé.

– Olhar para elas foi o que despertou algo em minha mente. Entenda, eram botas para esquiar e, por associação, me fizeram pensar em esquis. E de súbito, fiquei imaginando se talvez... Corri escada abaixo até o armário e me certifiquei de que havia dois pares de esquis nele. Um par era mais longo do que o outro. E as botas serviam no par mais longo, mas não no outro. As travas estavam ajustadas para um par de botas muito menor. O par mais curto devia pertencer a outra pessoa.

– Ele deveria ter escondido os esquis em algum outro lugar – observou o sr. Rycroft, com artística desaprovação.

– Não, não – disse Emily. – Onde mais ele poderia escondê-los? Era um lugar muito bom. Em um ou dois dias toda a coleção seria enviada para um depósito, e nesse meio-tempo era pouco provável que a polícia se preocupasse em saber se o capitão Trevelyan tinha um ou dois pares de esquis.

– Mas por que esconder as botas?

– Acho – disse Emily – que ele tinha medo de que a polícia fizesse o que eu fiz. A presença de botas de esqui na casa poderia fazê-los averiguar os esquis. Então ele as enfiou na chaminé. E foi aí que cometeu um erro, porque Evans deu pela falta delas, e eu fiquei sabendo.

– Ele pretendia deliberadamente jogar a culpa do crime em Jim? – perguntou Brian Pearson, zangado.

– Oh, não. Isso foi só o azar normal do idiota do Jim. Ele *foi* um idiota, pobre cordeiro.

– Ele vai ficar bem agora – disse Charles. – Não precisa se preocupar. Contou a história toda, Emily? Porque se contou, devo correr até o posto do telégrafo. Queiram me desculpar – despediu-se, saindo apressado da sala.

– O fio condutor... – brincou Emily.

– A senhorita também foi um fio condutor neste caso – disse o sr. Duke, com sua voz grave.

– Sim, você foi maravilhosa – disse Ronnie, admirado.

– Oh, céus! – exclamou Emily de repente, deixando-se cair, mole, em uma cadeira.

– O que você precisa é de algo para levantar o moral – disse Ronnie. – Que tal um coquetel?

Emily sacudiu a cabeça.

– Uma dose de brandy? – sugeriu o sr. Rycroft, solícito.

– Uma xícara de chá? – interveio Violet.

– Gostaria de passar um pouco de pó no rosto – pediu Emily, pensativa. – Deixei meu estojo de maquiagem no carro, e sei que estou transpirando de excitação.

Violet a conduziu até o andar de cima em busca de seu estojo e de um sedativo para os nervos.

– Assim é melhor – disse Emily, empoando o nariz. – Foi muita gentileza sua. Tem um batom que eu possa usar? Já me sinto quase humana.

– A senhorita foi maravilhosa – comentou Violet. – Tão corajosa!

– Não de verdade. Debaixo desta camuflagem eu tremia como geleia e sentia uma espécie de náusea.

– Entendo. Eu mesma me senti assim. Tive tanto medo nestes últimos dias... por Brian, sabe. Naturalmente eles não poderiam enforcá-lo pela morte do capitão Trevelyan, mas se ele tivesse dito uma vez sequer onde esteve durante sua estada na Inglaterra, logo deduziriam que fora ele quem planejara a fuga de papai.

– Como assim? – perguntou Emily, parando por um momento de retocar o rosto.

– O prisioneiro que escapou era meu pai. Foi essa a razão de irmos pra cá, mamãe e eu. Pobre papai, ele andou um tanto... estranho por uns tempos. Então fez aquelas coisas terríveis. Encontramos Brian no embarque na Austrália e ele e eu... Bem... Ele e eu...

– Entendo – ajudou Emily. – É claro que sim.

– Conteí a ele toda a minha situação, e juntos elaboramos um plano. Brian foi maravilhoso. Felizmente, tínhamos bastante dinheiro. É bem difícil escapar de Princetown, mas Brian conseguiu arquitetar a fuga com sucesso. Foi de fato uma espécie de milagre. A combinação era de que depois de sair da prisão papai deveria seguir em linha reta através do campo e se esconder na Caverna das Fadas. Mais tarde, ele e Brian se passariam por nossos dois empregados. Chegamos a Sittaford com muita antecedência, imaginando que assim estaríamos completamente fora de suspeita. Foi Brian que nos falou sobre o lugar, e sugeriu que oferecêssemos ao capitão Trevelyan um valor alto pelo aluguel.

– Sinto muitíssimo. Soube que deu tudo errado.

– Isso arrasou mamãe por completo – disse Violet. – Acho que Brian é um homem maravilhoso. Não são todos os que aceitariam casar com a filha de um condenado. Mas não acho que seja realmente culpa de papai. Ele levou um coice de um cavalo na

cabeça há uns quinze anos, e desde então tem estado um pouco estranho. Brian diz que, se tivesse passado por um tratamento, hoje ele estaria melhor. Mas agora chega de falar sobre mim.

– Há algo que possa ser feito?

Violet sacudiu a cabeça.

– Ele está muito doente. As noites que passou ao relento neste frio terrível... Está com pneumonia. Não consigo evitar a sensação de que se ele morrer... Bom, de que poderia ser melhor. Dito assim soa terrível, mas a senhorita sabe o que eu quero dizer.

– Pobre Violet – disse Emily. – É mesmo uma pena.

A garota balançou a cabeça.

– Eu tenho Brian. E a senhorita tem...

Embaraçada, interrompeu o que ia dizer.

– Sim... – comentou Emily, pensativa. – É isso mesmo.

CAPÍTULO 31

O sortudo

Dez minutos mais tarde, Emily, apressada, descia a alameda. O capitão Wyatt, debruçado sobre o portão da sua casa, tentou deter o seu avanço.

– Olá, srta. Trefusis. O que foi isso tudo que ouvi dizer?

– A mais pura verdade – respondeu Emily, acelerando o passo.

– Sim, mas escute. Entre... Beba comigo uma taça de vinho ou uma xícara de chá. Tem tempo de sobra, não precisa se apressar. Isso é o que há de pior em vocês, pessoas civilizadas.

– Somos horríveis, sabemos disso – emendou Emily, e seguiu seu caminho.

Ela irrompeu no chalé da srta. Percehouse com a força explosiva de uma bomba:

– Vim contar-lhe tudo sobre o caso.

E, de uma vez só, despejou a história toda. Foi pontualmente interrompida por várias exclamações da srta. Percehouse, como “Deus nos abençoe”, “Você não disse isso?” e “Eu sabia!”. Quando Emily terminou sua narrativa, a senhorita Percehouse ergueu-se sobre os cotovelos, balançou o dedo de modo imponente e declarou:

– O que foi que eu disse? Eu bem disse que Burnaby era um homem invejoso. Amigos, pois sim! Por mais de vinte anos Trevelyan fez tudo um pouco melhor do que Burnaby. Esquiava melhor, escalava melhor, atirava melhor e até fazia palavras cruzadas melhor. Burnaby não era homem o suficiente para aguentar isso. Trevelyan era rico, e ele era pobre.

“Foi sempre assim. Posso dizer com certeza que é uma coisa muito difícil para um homem continuar amigo de alguém que consegue fazer tudo melhor do que ele. Burnaby era mesquinho e intolerante, e deixou que isso o afetasse.”

– Creio que a senhora está certa – disse Emily. – Bem, eu tinha de vir aqui contar-lhe tudo. Pareceu tão injusto que ficasse sem saber! A propósito, sabia que seu sobrinho conhecia minha tia Jennifer? Estavam tomando chá juntos no Deller, na quarta-feira.

– É a madrinha dele. Então ela era o “amigo” que ele queria visitar em Exeter. Estava pedindo dinheiro, se eu bem conheço Ronnie. Vou falar com ele.

– Eu a proíbo de implicar com qualquer pessoa em um dia tão feliz quando este! – disse Emily. – Adeus, preciso me apressar. Tenho muita coisa a fazer.

– O que ainda tem a fazer, minha jovem? Eu diria que você já fez um bocado.

– Ainda não. Preciso ir a Londres ver os patrões de Jim na companhia de seguros e convencê-los a não processá-lo por aquele assunto do dinheiro emprestado.

– Hum.

– Está tudo bem. Jim vai se manter na linha daqui para frente. Ele aprendeu a lição.

– Talvez. E acha que vai conseguir convencê-los?

– Sim – disse Emily, com firmeza.

– Bem – disse a srta. Percehouse –, talvez consiga mesmo. E depois disso?

– Depois disso, caso encerrado. Terei feito tudo o que podia por Jim.

– Você não me entendeu. Quis dizer... O que vem depois?

– Como?

– O que vem depois? Ou, se quiser que eu ponha as coisas de maneira mais clara, *quem vem depois?* Qual deles?

– Oh! – disse Emily.

– Exato. É isso que quero saber. Qual deles será o sortudo?

Emily sorriu, inclinou-se, beijou o rosto da velha dama e disse:

– Não se faça de boba. Sabe perfeitamente bem qual deles.

A srta. Percehouse riu.

Emily saiu apressada da casa e atravessou o portão bem na hora em que Charles vinha correndo alameda acima.

Ele tomou-lhe as mãos.

– Emily, querida!

– Charles! Tudo isto não é maravilhoso?

– Tenho vontade de lhe dar um beijo – disse o sr. Enderby, e foi o que fez. – Com esse furo, estou feito, Emily. Agora escute aqui, querida. E quanto àquele nosso assunto?

– Que assunto?

– Bem... Quero dizer... É claro que não seria correto pôr as cartas na mesa com o pobre e velho Jim na prisão e tudo o mais. Mas ele está livre agora, e vai ter de aceitar os fatos, como qualquer outro.

– Afinal, *do que* você está falando? – disse Emily.

– Sabe muito bem que eu sou louco por você – disse o sr. Enderby. – E você gosta de mim. Pearson foi só um engano. O que eu quero dizer é... Bem... Eu e você fomos feitos um para o outro. Esse tempo todo ambos sabíamos disso, não? Prefere no civil ou no religioso?

– Se está pensando em casamento – disse Emily –, nada feito.

– O quê? Mas eu...

– Não.

– Mas... Emily...

– Se quer saber – disse Emily –, eu amo Jim.

Apaixonadamente.

Charles a encarou, confuso e sem palavras.

– Não pode amar aquele homem.

– Posso! E amo! E sempre amei! E vou amar para sempre!

– Você me fez pensar...

– Eu só disse – interrompeu Emily, demonstrando timidez – que era maravilhoso ter alguém em quem confiar.

– Sim, mas eu pensei que...

– Não posso evitar que você pense...

– Você é um demônio inescrupuloso, Emily.

– Eu sei, Charles querido, eu sei. Eu sou tudo o que você quiser me chamar. Mas esqueça disso. Pense em como você fará sucesso. Cavou seu furo de reportagem! Uma notícia exclusiva para o *Daily Wire*. Está feito! E de qualquer modo, o que é uma mulher? Menos do que pó. Nenhum homem realmente forte precisa de uma mulher. Ela apenas o atrapalha, agarrando-se a ele como a hera. Todo grande homem é independente das mulheres. Uma carreira... Não há nada tão belo, tão absolutamente recompensador para um homem quanto uma grande carreira. E você é um homem forte, Charles, um homem que pode viver bem sozinho.

– Vai parar de falar, Emily? Parece um programa de rádio! Você partiu meu coração. Não sabe o quanto parecia encantadora quando entrou naquela sala com Narracott. Como uma estátua triunfante e vingadora que tivesse descido do pedestal.

Ouviram o som de passos na alameda, e o sr. Duke apareceu.

– Ah, está aí, sr. Duke – disse Emily. – Charles, deixe-me apresentá-lo. Este é o ex-inspetor-chefe Duke, da Scotland Yard.

– O quê? – exclamou Charles, reconhecendo o nome famoso. – Não o inspetor Duke?

– Sim – disse Emily. – Quando se aposentou, veio morar aqui. E, sendo um homem gentil e modesto, não quis que sua reputação se espalhasse. Agora eu sei por que os olhos do inspetor Narracott cintilaram de malícia quando pedi que ele me contasse que tipo de crime o sr. Duke havia cometido.

O sr. Duke sorriu.

Charles hesitou. Houve uma breve desavença entre o apaixonado e o jornalista. O jornalista venceu.

– Estou encantado em conhecê-lo, inspetor. Agora, me pergunto se conseguiríamos convencê-lo a nos dar uma breve entrevista, digamos umas oitocentas palavras, sobre o caso Trevelyan.

Emily subiu rápido a alameda e entrou no chalé da sra. Curtis. Foi para seu quarto buscar sua mala. A sra. Curtis a seguiu escada acima.

– Não está indo embora, está, senhorita?

– Estou. Tenho muita coisa a fazer: Londres e o meu jovem cavalheiro.

A sra. Curtis chegou mais perto.

– Só me diga uma coisa, senhorita: qual deles?

Emily estava jogando as roupas desordenadamente na mala.

– O que está na prisão, é claro. Nunca houve outro.

– Ah... Não acha, senhorita, que talvez esteja cometendo um erro? Tem certeza de que o outro cavalheiro é mais valoroso que esse que está aí embaixo?

– Oh, não! Ele não é. Este aqui tem um grande futuro – olhou de relance pela janela e percebeu que Charles ainda conversava com o ex-inspetor-chefe. – É o tipo de rapaz que simplesmente nasceu para ter sucesso... Mas não sei o que aconteceria com o outro se eu não estivesse lá para cuidar dele. Olhe onde ele estaria agora se não fosse por mim?

– Não precisa falar mais nada, senhorita – disse a sra. Curtis, e desceu para o andar de baixo, onde o marido estava sentado com o olhar perdido na distância.

– Ela é a imagem viva da minha bisavó Sarah Belinda – disse a sra. Curtis –, que se atirou com tudo o que pôde para salvar aquele miserável George Plunket do hotel Three Cows, que estava hipotecado e tudo o mais. E em dois anos estavam com a hipoteca paga, e o lugar era um sucesso.

– Ah... – disse o sr. Curtis, movendo levemente o cachimbo.

– Era um sujeito bonito, o George Plunket – disse a sra.

Curtis, em tom saudosos.

– Ah... – repetiu o sr. Curtis.

– Mas depois que se casou com Belinda, nunca mais nem olhou para outra mulher.

– Ah...

– Ela nunca lhe deu chance.

– Ah...

Agatha Christie **(1890-1976)**

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A ratoeira, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha

onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. O misterioso caso de Styles (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo The New York Times.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, O assassinato de Roger Ackroyd. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *The Sittaford Mystery*

Tradução: Carlos André Moreira

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd 2008

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479m

Christie, Agatha, 1890-1976

O mistério Sittaford / Agatha Christie; tradução de Carlos André Moreira. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET, v. 860)

Tradução de: *The Sittaford Mystery*

ISBN 978.85.254.2232-3

1. Romance inglês. I. Moreira, Carlos André. II. Título. III. Série.

10-0785. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Agatha Christie™ O mistério Sittaford, Copyright © 2009

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

The Sittaford Mystery was first published in 1931

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br